

Filipe Rafael Gracioli
João Pedro Pezzato

LÍNGUA, LITERATURA E GEOGRAFIA

UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DA *GEOGRAFIA DE DONA BENTA (1935)*, DE MONTEIRO LOBATO E DO *LE TOUR DE LA FRANCE PAR DEUX ENFANTS (1877)*, DE G. BRUNO

LÍNGUA, LITERATURA E GEOGRAFIA
UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DA *GEOGRAFIA DE*
***DONA BENTA* (1935), DE MONTEIRO LOBATO E DO**
***LE TOUR DE LA FRANCE PAR DEUX ENFANTS* (1877),**
DE G. BRUNO

Filipe Rafael Gracioli
João Pedro Pezzato

LÍNGUA, LITERATURA E GEOGRAFIA
UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA DA *GEOGRAFIA DE*
***DONA BENTA* (1935), DE MONTEIRO LOBATO E DO**
***LE TOUR DE LA FRANCE PAR DEUX ENFANTS* (1877),**
DE G. BRUNO

Copyright © Autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Filipe Rafael Gracioli; João Pedro Pezzato

Língua, literatura e geografia: uma experiência de leitura da *Geografia de Dona Benta* (1935), de Monteiro Lobato e do *Le tour de la France paR Deux enfants* (1877), de G. Bruno. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 233p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-5869-565-3 [Digital]

1. Língua. 2. Literatura. 3. Geografia. 4. Experiência de leitura. I. Título.

CDD – 900

Capa: Petricor Design

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/ Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2022

*Não se preocupe em entender,
viver ultrapassa qualquer entendimento.*

Clarice Lispector

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
Diálogos entre Geografia e Literatura	
CAPÍTULO 1	27
Conhecer para compreender: um estado da arte da pesquisa acadêmica em Geografia e Literatura	
CAPÍTULO 2	45
Uma análise de narrativas infanto-juvenis: aproximações entre a <i>Geografia de Dona Benta</i> e o <i>Le tour de la France par deux enfants</i>	
CAPÍTULO 3	97
Aproximações e distanciamentos: um diálogo entre os livros estudados	
CAPÍTULO 4	141
Os antecedentes de Monteiro Lobato	
CAPÍTULO 5	161
Língua, literatura... narrativas	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	189
APÊNDICES	205
APÊNDICE A - Relação de títulos verificados na pesquisa “Estado da Arte em Geografia e Literatura”	

INTRODUÇÃO

Díálogos entre Geografia e Literatura

Tão antigos quanto a própria literatura, os saberes geográficos, como certas noções espaciais, estiveram alocados nas diversas linguagens utilizadas pelo gênero humano para fins de comunicação e de socialização. Para a linguagem desenvolvida no ocidente, recupera Geraldí (2000) que o seu percurso se deu a partir de sua característica sonora criadora do alfabeto e aprimorada com a capacidade de segmentação pelo homem do *continuum* da fala em elementos cada vez menores: as palavras, as sílabas, os fonemas. É neste sentido que a construção do alfabeto se aproxima da oralidade, de modo a obter os elementos gráficos capazes de melhor representar a fala, no entanto, retirando dela a sua voz e distanciando assim sempre mais a oralidade da escrita. Como aponta o pesquisador “[...] a escrita, exigindo aprendizagem formal e transmissão social marcada, sofreu um processo de apropriação social por certas camadas da população que nela foram imprimindo seus modos de apreciação do mundo, seus modos de falar, suas palavras — no sentido de lógos.” (GERALDI, 2000, p. 105).

Assim posto, a linguagem e a literatura surgem no contexto do discurso proferido pelas camadas que se apropriaram do artefato coletivamente construído — a escrita, de modo que qualquer outra escrita que não se conforme ao discurso proferido pelas camadas que se apropriaram deste artefato são consideradas não escritas; daí o grande poder que reside na língua e na linguagem, um poder de determinação de discursos e de seus sujeitos sociais. Barthes (2010) chama-nos a atenção para o poder que a linguagem traz consigo através do tempo, sendo a linguagem correspondente a uma legislação, um rol aglutinador de regras para o bom uso da língua, que

se inscreve como o seu código, de acordo com a necessidade da expressão humana. Deste formato emoldurador da expressão humana que identifica a linguagem “não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva [...]” (BARTHES, 2010, p. 12).

Temporalmente, com o aprimoramento da capacidade de raciocínio e de certa lógica do pensamento, e já com o desenvolvimento da literatura como manifestação do ato comunicativo do gênero humano, os saberes geográficos que antes se codificavam em traços débeis em paredes de cavernas e em blocos de rochas, passam a se constituir em objeto de estudo e a chamar a atenção de intelectuais do mundo contemporâneo.

Se desde os inícios da escrita formal a representação do espaço era vivificada apenas como suporte para o desenvolvimento da ação cotidiana, com o desenvolvimento da literatura como expressão de um sistema representativo de uma cultura esta perspectiva de espaço geográfico como materialidade pura ao acontecimento da vida — o suporte das ações, como indica Monteiro (2002) — passa a se dar de maneira integrada ao desenvolvimento da ação cotidiana ou dos fatos narrados, e também integrada ao próprio acontecimento da vida. O espaço, agora geográfico, passa então a ser não apenas receptáculo, mas protagonista da trama apresentada, funcionando como agente mobilizador e atribuidor de poderes às ações no encaminhamento dos fatos.

Os romances regionalistas, junto à literatura científica de explicação dos fenômenos sociais e geomorfológicos, por exemplo, no campo da Geografia científica, representam esta revisitação do papel do espaço na literatura, este logro magnífico que permite escapar ao poder da língua e da linguagem. Tão magnífica é a ação da literatura que somente ela é capaz de submeter a língua e a linguagem às circunstâncias espaciais, temporais, culturais ou de qualquer outra natureza: é a literatura que liberta o pensamento da razão formal e estética para a emoção e a criação, ingredientes que na escrita de Lobato são nada menos que o centro nevrálgico de toda uma ideologia de vida.

No entanto, em Monteiro Lobato, esta literatura que liberta não se engessa por ela mesma: para as crianças era preciso contar, escapar dos limites da literatura que submete língua e linguagem, mas que delas depende para se firmar, usar do artifício da oralidade e dar vida àquilo que ele próprio denominara de deslitteraturização, a escapada da forma-padrão de pensar a infância, o conhecimento, os lugares, o espaço, um movimento novo na história brasileira, de importância não só literária, mas cultural, de modo mais abrangente. Segundo Lima (2015), a deslitteraturização em Lobato admite o sentido de renovação do modo de se fazer literatura, renovando não somente a forma, mas também o conteúdo textual:

A denúncia de Lobato indica o olhar diferenciado que ele teve para a arte das palavras ao afirmar que há duas espécies de literatura, a com aspas, dos livros que não valem nada, e que ele detesta, e a sem aspas, a dos grandes livros, que revela uma escrita transparente. Com o exemplo do desamor pela “literatura” (com aspas) é possível compreender que se trata de uma escrita realizada com excesso de ornamentos linguísticos para expressar uma ideia que poderia ter sido trabalhada de maneira não demasiada e que, ao mesmo tempo, conservasse a essência daquilo a ser transmitido. (LIMA, 2015, p. 2).

Neste mesmo sentido, Vieira (1998) acrescenta que “a expressão usada por Lobato ‘deslitteraturizar’ a linguagem, pode ser vista como uma crítica ao conceito de literatura como primazia da forma, tese defendida pelos parnasianos e de larga vigência na tradição bacharelesca das primeiras décadas do século XX” (VIEIRA (b), 1998, p. 26), posição que, se não sobrepõe, ao menos contorna o poder da língua, que para Barthes não é nem reacionária nem progressista, mas simplesmente fascista, porque obriga a dizer, em que servidão e poder se confundem: “se chamamos de liberdade não só a potência de subtrair-se ao poder, mas também e sobretudo a de não submeter ninguém, não pode então haver liberdade senão fora da linguagem.” (BARTHES, 2010, p. 15-16).

O movimento de crítica à tradição bacharelesca da língua impulsionado por Monteiro Lobato por meio da desliteraturização da linguagem literária infantil de seu tempo põe em xeque a função modelar que a literatura, inclusive a orientada à infância do início do século XX apresentava e cuja formatação — de uso da língua, gráfica e mesmo conceitual mais afinada à realidade psicológica do jovem leitor — começava a dar sinais de reformulação em virtude da necessidade de se adequar ao novo mercado nascente com o novo sujeito leitor, agora percebido como um público de exigências e necessidades literárias próprias. Debruçadas sobre o período histórico em discussão, as pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1991) compreendem tal momento histórico da produção literária dirigida à infância da seguinte maneira:

Reencontra-se nesta preocupação perfeccionista com a linguagem, a função de modelo que a literatura produzida para crianças assume nesse período. Assim, além de fornecer exemplos de qualidades, sentimentos, atitudes e valores, a serem interiorizados pelas crianças, outro valor a ser assimilado e que o texto deve manifestar [...] é a **correção de linguagem**. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991, p. 42 – grifo nosso).

Não de modo isolado, o movimento *desliteraturizador* impulsionado por Monteiro Lobato respalda-se no momento histórico e cultural por ele vivenciado, o modernismo, cuja euforia por reformas no modelo de se pensar a cultura brasileira não poderia deixar de transparecer em toda a sua obra, inclusive e, principalmente, na orientada à criança. No afã por apresentar o Brasil ao brasileiro e de fazer-lhe conhecer seu próprio espaço, sua cultura, a linguagem posiciona-se como o instrumento mais direto de possibilidade de transformação da percepção do país pelo seu habitante, e é por ela que os modernistas combaterão toda a primazia da forma impulsionada pelo passado parnasiano e ainda fortemente arraigado na literatura brasileira, em conquista a uma aproximação da literatura ao povo brasileiro jamais verificada na história cultural do país. Segundo as pesquisadoras:

[...] A primeira destas conquistas se dá no âmbito da linguagem: esta se faz experimental e renovadora, sem que a busca de originalidade impeça a aproximação ao coloquial. A atualização atinge os dois pontos visados: possibilita a equivalência com as inovadoras estéticas europeias contemporâneas e a incorporação dos diferentes níveis de fala, característicos sobretudo dos grupos urbanos resultantes da nova composição social e econômica. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 52).

O movimento de desliteraturização iniciado por Monteiro Lobato com sua literatura orientada à infância e à juventude brasileiras antecipa o que mais tarde, na história da educação no Brasil, terá eco no movimento de valorização dos saberes populares encabeçado por Paulo Freire; podemos dizer que são movimentos relacionados, porém distintos quanto a sua origem: um primando pela literatura e escrita, outro pela leitura. Embora sob perspectivas ideológicas distintas, estes pensadores do Brasil convergem para uma mesma consideração, a de que o ato da leitura traz em si um movimento de desafio, de descobertas:

Uma [...] preocupação que se encontra [...] sobre o ato de estudar [...] é a que se refere ao direito que o Povo tem de conhecer melhor o que já conhece em razão de sua prática (compreensão mais rigorosa dos fatos parcialmente apreendidos e explicados) e de conhecer o que ainda não conhece.

Neste processo, não se trata propriamente de entregar ou de transferir às massas populares a explicação rigorosa ou mais rigorosa dos fatos como algo acabado, paralisado, pronto, mas contar, estimulando e desafiando, com a capacidade de fazer, de pensar, de saber e de criar das massas. (FREIRE, 2003, p. 61).

O resgate da oralidade, tão presente na literatura de Monteiro Lobato, é o que torna a sua literatura interessante, uma vez que parte da linguagem universal como base para um outro desdobramento, o da linguagem escrita que, assim, não se

sobrepuja àquela, como era de costume na literatura brasileira de seu tempo. Em outras palavras: “[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.” (FREIRE, 2003, p. 11).

Na língua está a grande magia e a grande importância do discurso de Monteiro Lobato. Em seu pensamento é a língua — portuguesa, guarani, tupi, enfim, as muitas convivências linguísticas, para o caso do Brasil — a que atribui a identidade para a nação, para os grupos regionais, para os grupos minoritários; se à literatura ou à linguagem escrita se pode escapar, à língua nada escapa. Se a escrita e a leitura engessam, padronizam ou circunscrevem, a língua permite escapar destes moldes, porque ela é o que resta: é o produto primeiro mais direto da relação de experiência do ser social, cotidiano, mesmo por aqueles que não a dominam.

Daí que a oralidade em Monteiro Lobato, que é a representante mais imediata da língua, admite uma força inexprimível: o contado, que nada mais é que o exercício da língua falada, revela aquilo que a língua escrita não é capaz de realizar por completo: a captura dos indícios e dos sinais particulares e próprios que corporificam as identidades, os regionalismos — que são as identidades circunscritas ao espaço, os mitos. Tal como o estrangeiro que em terras desconhecidas se vê perdido, desconectado de suas raízes, só o que permite reconhecer-lhe fora de seu território é a sua língua, que passa a ser a sua identidade.

Este aspecto do poder de determinação que representa a língua é o mesmo responsável pela criação daquilo que mais importa na relação humana com o espaço geográfico, a criação de uma geograficidade que, segundo Dardel (2011) vem a significar:

[...] a experiência geográfica, tão profunda e tão simples [que] convida o homem a dar à realidade geográfica um tipo de animação e de fisionomia em que ele revê sua experiência humana, interior ou social. (DARDEL, 2011, p. 6 - adaptado).

Esta geograficidade permitida pela relação do homem com o espaço e que passa pela língua como criadora de identidade, de pertencimento ao lugar vem requerer o sentido da consciência — e a sensibilidade — do espaço, do ser que existe no espaço, assim como a historicidade, que é a consciência do homem no tempo. A importância desta experiência geográfica está na constatação de que em ambas as narrativas, a *Geografia de Dona Benta*, de Monteiro Lobato e o *Le tour de la France par deux enfants*, de G. Bruno, há o desenvolvimento e o reconhecimento de uma geograficidade pelo destaque da força da nação, geograficidade esta pautada no senso de pertencimento a um território geopolítico e, sobretudo, marcadamente cultural.

Se a historicidade é a formulação filosófica da tomada de consciência pela época de que o destino do homem é que ele se realize no tempo — o existir — a geograficidade vem a significar o existir no espaço, a sua realização espacial — as raízes, a identidade e as permanências e impermanências da identidade com as transformações do espaço. Assim, a experiência vem para significar — marcar — este espaço: ser o espaço, não apenas tê-lo, reconhecer-se ou não nele próprio, olhar para o espaço com olhos de viajante que busca extrair o máximo de suas possibilidades, de suas ofertas.

Barthes (2010) na suposição da extinção de todas as disciplinas dos cânones do magistério, argumenta com a vital e necessária salvação da disciplina da literatura, pois todas as ciências estão presentes naquilo que Le Goff (1990) indica como monumento, ou seja, a expressão do “poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro.” (LE GOFF, 1990, p. 6); e com a Geografia não poderia ser diferente:

[...] a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista, ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto, e nisso verdadeiramente enciclopédica, a literatura faz guiar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. [...] a literatura trabalha nos interstícios da

ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que provisionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. (BARTHES, 2010, p. 18-19).

Alguns autores como Corrêa e Rosendahl (2007) elaboram uma reflexão que resume o teor dos estudos geográficos que se debruçam sobre a literatura como campo de conhecimento auxiliar na investigação das tramas do espaço geográfico. Para estes autores, a visão geográfica sobre a literatura:

[...] constitui-se em um olhar distinto daqueles que há mais tempo dedicam-se à análise da literatura e da música, críticos e pesquisadores das áreas de letras, música, ciências sociais e comunicação. A distinção inicia-se pela própria seleção das obras a serem analisadas. Ao geógrafo interessam aquelas nas quais o espaço e o tempo não sejam meros panos de fundo, necessários e insubstituíveis, mas parte integrante da trama, sem os quais esta não poderia ser construída, tornada inteligível e identificável. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 8).

Ressalta-se, não concordamos com a posição dos autores supracitados, pois, ainda que o espaço não seja um elemento nuclear no desenvolvimento de certas narrativas, ainda assim a Geografia está presente, e mesmo nestas circunstâncias as amarras que unem conhecimento literário e conhecimento geográfico mantêm-se vivas, sustentando a tese de Barthes. Neste processo de distinção de olhares, resulta ao geógrafo “descobrir espacialidades e temporalidades em textos que aparentemente não abordam as dimensões espacial e temporal.” (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 8-9).

O pesquisador Georg Wink, em investigação na qual estabelece relações entre os espaços reais e os espaços ficcionais apresenta importantes considerações acerca da temática envolvendo os conhecimentos de literatura e geografia, apresentando também uma importante metodologia espacial que auxilia na concepção da Geografia literária em textos narrativos.

Conforme o pesquisador, “[...] a maioria dos textos ficcionais pode ser localizada geograficamente, no que diz respeito ao cenário e enredo, sendo que essas localizações são concebidas de múltiplas maneiras, entre a imaginária e a realista.” (WINK, 2015, p. 49), concepção que caminha ao encontro do comentado por Corrêa e Rosendahl acerca do papel do geógrafo como descobridor de espacialidades e geograficidades.

No estudo denominado *Espaços ficcionalizados em Desterro, de Luiz S. Krauz: um ensaio em geografia literária* (2015) Wink nos apresenta uma metodologia espacial para estudos de literaturas que auxiliam na compreensão das percepções do objeto espacial no desenvolvimento de tramas. Segundo o autor, o espaço geográfico, de acordo com “a função atribuída ao espaço narrado e ao grau de elaboração ou aprofundamento” compreende-se como:

- a) espaço apenas como palco para a ação, sem que esta dependa especificamente deste lugar escolhido.
- b) espaço como cenário paradigmático, de representatividade simbólica, e necessário ao argumento.
- c) espaço como cenário *sui generis*, representado de forma aprofundada ou até com a intenção de exaustividade [...].
- d) espaço como cenário intrinsecamente associado à história contada.” [...]

Segundo “a relação do espaço narrado com a trama e os autores”, pode-se verificá-lo como tendo/sendo:

- “a) o espaço tem característica de zona de atuação dos protagonistas [...]
- b) o espaço projetado pelos protagonistas (ou pela voz narrativa), sem que a ação se desenvolva concretamente nesse espaço [...]
- c) a presença de marcadores de espaço, não associados à atuação [...]
- e,
- d) o espaço como protagonista, seja físico-atuante, seja psíquico-poético [...]. (WINK, 2015, p. 52-53).

E também, de acordo com o “grau de extensão, por exemplo, um quarto ou o mundo inteiro” bem como sua fragmentação, o

espaço geográfico verifica-se como um objeto cuja dimensão ideológica interfere de maneira mais ou menos ativa no desenvolvimento de uma trama, sem o qual, no entanto, nenhuma delas poderia desenvolver-se.

Da metodologia proposta pelo pesquisador, os termos que mais permitem aproximar a literatura de Monteiro Lobato de um fazer geográfico de fato encontram-se no entendimento de que o espaço venha a ser entendido como “cenário intrinsecamente associado à história contada”, não apenas como suporte para as ações da trama bem como “protagonista, seja físico-atuante seja psíquico-poético [...]”. (WINK, 2015, p. 52-53).

Ainda na continuação da compreensão dos laços que unem literatura e Geografia, Monteiro (2002) completa com a ideia de que:

Não se quer dizer, de nenhum modo, que a criação literária substitua a Geografia, mas é preciso que se considere uma possibilidade de complementação enriquecedora. E daí a necessidade de promover a relação Geografia-Literatura como veículo de educação [...]. E reconhecer também que, por mais tabelas de dados e comprovações científicas que uma análise geográfica possa fornecer, haverá uma possibilidade de que um artista criador — na alta literatura — com outros recursos tenha o poder de criar uma “realidade infinita”. (MONTEIRO, 2002, p. 234-235).

Embora a relação entre a Geografia e a Literatura seja tão antiga quanto os próprios campos de sistematização destes conhecimentos, somente a partir da década de 1970, com o desenvolvimento dos estudos culturais, humanistas e historicistas nas ciências humanas, que saíam de um longo período de investigações caracterizadas pela precisão numérica dos dados quantificáveis, é que o interesse pela temática da literatura crescerá entre os geógrafos. Bray (2008) aponta que a presença do historicismo na ciência geográfica intensificou-se significativamente após a década de 1970, com o ganho de força dos discursos marxistas, sendo pouco presente como método e

fundamento nos estudos brasileiros das décadas anteriores em função, dentre outros aspectos, da atmosfera de pensamento positivista que não encarava a História como verdadeira, mas como uma descrição cronológica de fatos particulares e isolados. Neste sentido, o método histórico “[...] é uma forma de dominar e sistematizar os demais métodos científicos e transportar ao conjunto, a progressão ordenada de que não existe hoje, senão para os detalhes.” (BRAY, 2008, p. 2).

Ao admitirmos que a ciência geográfica, em função de seu teor conceitual, troca experiências com outras ciências e campos de conhecimento, tem-se aí novamente o que Oliveira (2008) e Dardel (2011) colocam como a experiência telúrica da Geografia, a geograficidade, que liga o material ao imaterial, o homem a terra. Nesta troca, o humanismo, que é marcado pela interdisciplinaridade, sempre esteve presente como vanguarda da crítica e da negação das tiranias acadêmicas, “como o positivismo, o cientificismo e o economicismo, apregoando como valor para a ciência o homem em sua condição humana, tanto como indivíduo (ser) quanto como coletividade (cultura).” (OLIVEIRA, 2008, p. 6-7).

No Brasil, a dificuldade na expansão da produção geográfica de conhecimentos científicos voltados para a literatura como campo de aproximação conceitual ocorreu principalmente em função da posterior inserção dos geógrafos na tarefa de interpretação textual, prática já bastante difundida na França humanista, cuja análise de discurso, de fundamento analítico da ideologia expressa pelas diversas linguagens, ainda que em seus primeiros momentos, começava a figurar entre as técnicas de interpretação mais frequentes e usuais entre os estudantes franceses, desde o ensino médio ao ensino superior. Para Corrêa e Rosendahl (2007) a crítica literária e os estudos realizados por pesquisadores de diversas áreas, como da música, das letras, da História, vêm de longa data:

[...] Os geógrafos brasileiros chegaram atrasados a essa tarefa interpretativa. As razões parecem ser múltiplas, como o

desenvolvimento tardio da geografia acadêmica, iniciado na década de 1930, e o seu lento crescimento até 1970. A expansão dos cursos de geografia nos anos de 1970 e 1980 não foi acompanhada pela adoção de investigações de natureza interpretativa, mas, ao contrário, calcada em perspectivas positivistas e marxistas: a interpretação de textos, em geral, foi vista como irrelevante. Apenas a partir da década de 1990 aparece algum interesse pela interpretação de textos. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 13-14).

Não só em termos de avanço do conhecimento científico da Geografia mas, sobretudo, em termos do atraso na inserção do pensamento político de crítica na ciência geográfica brasileira é que reside a importância deste período marcante da Geografia brasileira, cuja identidade se firmou sobre um terreno intelectual já bastante desgastado e carente de avanços na perspectiva de reflexão sobre o objeto geográfico. Em uma ciência puramente descritiva e reprodutivista evidentemente só resta a negação da atividade interpretativa, cujo poder discursivo, fatal à permanência do modelo de pensamento positivo, traria consigo o abalo das estruturas solidamente colocadas pelo simples fato de forçar o pensamento sobre os conceitos postos.

Considerando-se o período político vivenciado no Brasil desde meados da década de 1930 até os finais da década de 1990, qual seja o do militarismo e da obstrução intencional do pensamento criativo, libertário ou mesmo coerente com um propósito de expansão do pensamento a respeito do papel do homem sobre o espaço geográfico, esse período trouxe consigo uma identidade tecnicista e estrategista para a Geografia brasileira, circunscrevendo o espaço geográfico como um objeto de orientação teórica utilitária.

No contorno a esta constatação e como modo de enfrentamento a esta realidade da ciência geográfica, Monteiro (2002) admite que a literatura em conversa com a Geografia vem para significar uma fuga que leva a criação de geografidades aos lugares tecnicizados da atual conjuntura econômico-cultural, conferindo ao espaço mas,

sobretudo, ao homem uma possibilidade de identificação e autoreconhecimento. Segundo o pesquisador:

[...] excetuadas a ficção científica, a fantasia e a alegoria — a noção de “lugar”, embora sendo obra de imaginação e de criação literária, contém uma verdade que pode estar “além” daquela advinda da observação acurada, do registro sistemático dos fatos. Esta capacidade paradoxal encontrável na Literatura, ou a ela conferida pelo geógrafo, brota de um reconhecimento de que a essência ou a verdade do mundo transcende à interpretação de dados coligidos por geógrafos, historiadores e sociólogos. Não se trataria, de nenhum modo, de substituir a análise científica pela criação artística, mas apenas **retirar desta (Literatura) novos aspectos de “interpretação”, reconhecê-la como um meio de enriquecimento.** (MONTEIRO, 2002, p. 14-15 – grifo nosso).

A dimensão utilitarista do espaço promovida pela ciência geográfica brasileira foi conveniente para um Brasil em fase de expansão econômico-financeira. Havia pouco lugar para a tarefa interpretativa do espaço tido como meio ambiente, como criação humana, e a seriedade ou mesmo a gravidade da implicação desta constatação está justamente no seu desenvolvimento temporal, cujo tempo e pensadores da Geografia brasileira foram os responsáveis por interiorizar no pensamento geográfico nacional uma ideia de espaço como uma plataforma para a validação do poder do discurso estrategista de planejamento político e econômico, muitas vezes mascarado pelo rótulo do social.

No âmbito dos textos narrativos investigados, a exemplo da *Geografia de Dona Benta*, Monteiro Lobato não faz uso propriamente da interpretação do espaço brasileiro na elaboração de sua escrita, mas convida o leitor a lançar mão desta prática para captar os indícios sublinhados em seus diálogos, recheados de críticas ao sistema político da época, e a algumas práticas culturais condenadas pelo autor, a exemplo da produção de alimentos e de sua armazenagem.

Neste sentido, a pesquisa que elaboramos estabelece relações entre dois livros de literatura infantil a partir dos aspectos de suas posturas geográficas, literárias e de veiculação de uma língua, de linguagens e de geograficidades subversoras de padrões culturais aos seus tempos, a saber: a *Geografia de Dona Benta*, publicada em 1935 por Monteiro Lobato e o *Le tour de la France par deux enfants*, publicado em 1877 por G. Bruno, na França pós-iluminista.

A importância da seleção do texto de Monteiro Lobato se justifica pela relevância literária e didática que apresentou no momento de seu surgimento e também pelas décadas que se seguiram após a sua edição, de modo que pelo viés literário, destinado a um público específico, sobretudo, se coloca como o fundador de uma geograficidade para o espaço geográfico brasileiro, acrescenta a crítica política e cultural como elementos de reforço do pensamento libertador das filosofias dominantes de seu tempo, atribui à literatura uma possibilidade de se fazer Geografia e de ensinar um conteúdo espacial que foge ao meramente técnico e racional sem, no entanto, abandonar o rigor necessário ao aprimoramento da formação geográfica necessária ao jovem leitor e estudante. Entre outras importâncias, a *Geografia de Dona Benta* permite tornar a criança a responsável pelo universo que ela própria cria e se permite viver, tomando a experiência do vivido como a chave para o entendimento de sua própria formação como brasileiro, ser humano e ser geográfico.

Quanto ao texto publicado por G. Bruno sua justificativa reside nas proporções tomadas pela sua difusão em meios escolares e de alfabetização em grande parte do mundo ocidental, sendo um livro amplamente utilizado como fonte de inspiração para a formação de pensamentos geográficos e de condutas culturais, especialmente no Brasil, onde grandes nomes da literatura nacional foram por ele inspirados. Não apenas por sua importância didática, o texto de G. Bruno, ou melhor, de Augustine Fouillée, cuja autora, pelas circunstâncias de seu tempo, abdicara de sua verdadeira identidade para poder dar voz a sua escrita, representa um marco de grande importância quanto ao espaço da mulher na produção literária e

ideológica em uma época na qual muito pouco era possível à mulher. Para além de representar um marco na literatura infantil de seu tempo, o *Le tour de la France par deux enfants* traz impressa em sua narrativa a voz ocultada do feminino, suscitando questões como: *quais os limites impostos à mulher na produção literária do século XIX?; seria Augustine Fouillée de fato a verdadeira escritora da narrativa?* Estas e outras questões, no entanto, fogem ao foco de nosso texto, mas se colocam como possibilidades de investigações futuras.

Como resposta à indagação da importância de nosso trabalho para o campo da educação, fundamentamo-nos na colocação de Resende (1986) para quem a definição do conceito de espaço a ser trabalhado diz muito sobre o pensamento e sobre o modo como se trabalhou a Geografia e os conceitos que se pretendeu difundir. Na direção apontada por Monteiro Lobato na sua obra não se poderia deixar de atender ao propósito por ele lançado para o pensamento geográfico, o de fazer uma Geografia para a infância que não fosse descompromissada com um pensamento de crítica e que, ao mesmo tempo, partisse da linguagem mágica de espaços inventados, além de valorativa da educação pela experiência criativa do jovem leitor.

Também como fez Lobato, tomamos um entendimento de educação que passa pela perspectiva do estudante como um sujeito de ação política, um sujeito pensante e portador de inquietações próprias, vindas de sua experiência criadora e inventiva; entendemos que este trabalho importa ao campo da educação pelo viés de sua análise, o da experiência geográfica iniciada por Lobato para o desenvolvimento de uma relação de invenção espacial, que conduz à crítica e ao questionamento geográfico. A fórmula mágica de sua escrita, a da relação de experientiação do espaço pela imaginação do infantil, refunda a lógica tradicional dos cânones do ensino de Geografia, que ultrapassa os limites do meramente descritivo, como observado no texto de G. Bruno, mais voltado à apresentação de uma espacialidade objetiva, sem muitos subjetivismos. Embora pautado na oralidade como ponto de partida para a construção de saberes, o texto de Lobato também

assume o lugar da descrição e da nomenclaturização como faz G. Bruno, sem as diminuir em importância, instituindo o diálogo como parceiro destas na tarefa de ensinar.

Lobato apresenta-se aos seus leitores como um narrador e, no caso do texto analisado, narrador de um espaço em formação. Sua obra, que surge em meio à presença ainda viva do romantismo literário regionalista, coloca-se como um monumento à resistência da narrativa em uma época de rápido desenvolvimento tecnológico e de aceleração dos contextos; é aí que a sua Geografia se faz importante como obra pedagógica, ao permitir que a narrativa persista entre aqueles que mais experienciam: as crianças. E diferente do romancista, cuja presença se faz notar mais no texto francês, que escreve isolado e que não sabe dar nem receber conselhos, o narrador escreve a partir da experiência sua e também da experiência de outrem, porque sua função é a de fazer sugestões “sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1996, p. 200), mais do que continuá-la ao seu modo, bem na direção do pensamento de Lobato, ao sugerir um caminho para a história do Brasil.

É neste sentido também que a importância da obra de Lobato e a deste estudo para o campo da educação, formal, informal ou o que ela venha a representar, acontece: no sentido de que o espaço construído com a narrativa é um espaço de experiências geográficas que esbarram unicamente em sua natureza, abstraídas do bem e do mal, do verdadeiro e do falso, um espaço mítico que abre um leque que tende a um infinito de questionamentos sobre a sua construção.

Tal como indicado pelo pesquisador e professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002), esse estudo não apresenta um viés de crítica literária, uma vez que se parte do entendimento de que cada obra se situa a seu tempo e, passados 140 anos da publicação da primeira das narrativas estudadas, *como se poderiam criticar textos datados e contextualizados?* Deste modo, tomamos de empréstimo as palavras de Monteiro (2002) para o desenvolvimento desse estudo no sentido de que ele “[...] seja tomado nos limites específicos dos [textos narrativos] aqui tratados

e considerados **como um simples exercício de apreciação do conteúdo geográfico** nestas criações [literárias].” (MONTEIRO, 2002, p. 26 – grifo nosso – adaptado).

Contudo, se por um lado não intentamos uma crítica literária com esse trabalho de pesquisa, dado o caráter científico-analítico de textos literários, por outro se pode caminhar pela perspectiva de que seu objetivo intenta uma análise comparada entre narrativas, no sentido apontado por Bernardo (2016) de que “a melhor comparação [...] se dá do presente para o passado” (BERNARDO, 2016, s/p.) e prescinde de uma teoria ou teorias literárias que o embasem, uma vez que:

[...] a melhor teoria da literatura é aquela que encontramos na própria literatura. A prática literária contém sempre a sua própria teoria. [...] A literatura parte antes da própria literatura do que da realidade. Cada ficção se alimenta antes de outras ficções. A chamada “intertextualidade” não é casual no texto literário, na verdade ela o constitui. (BERNARDO, 2016, s/p.).

No sentido apresentado pelo pesquisador Sevcenko (2003), compreende-se a literatura como uma “instituição viva e flexível, já que é também um processo, [e que] possui na história o seu elo comum com a sociedade. O ponto de interseção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está concentrado evidentemente na figura do escritor” (SEVCENKO, 2003, p. 299) e, do modo apresentado por Roger Chartier (2014) compreende-se o autor não como dono do texto, mas como alguém que lança uma ideia que será retalhada conforme as exigências do momento histórico.

Neste sentido é que apresentamos as análises entre as narrativas eleitas para estudo, perseguindo as ideias apresentadas: da melhor comparação a se efetivar do presente para o passado, com a introdução do estudo com a narrativa de Monteiro Lobato, mais recente, para depois verificar-se a narrativa de G. Bruno, compreendendo o movimento de visitação do autor brasileiro ao texto francês, ainda que não diretamente, bem como na persecução

da hipótese de que “cada ficção se alimenta antes de outras ficções”, com o texto de Monteiro Lobato apoiando-se no de G. Bruno para sua construção. Autores, textos e visões de mundo eleitos para o estudo compreender-se-ão, deste modo, como materialidades para a disseminação do que se denomina espírito de época, cujos enredos serão desdobrados nas análises que seguem.

CAPÍTULO 1

Conhecer para compreender: um estado da arte da pesquisa acadêmica em Geografia e Literatura

À necessidade de se conhecer para compreender a situação atual do estudo envolvendo a relação entre a Geografia e a Literatura, apresentamos uma investigação com base na pesquisa de tipo “estado da arte” sobre os referidos campos de pesquisa. Entendemos, partindo da leitura de *Sinais: raízes de um paradigma indiciário* (1999), do autor italiano Carlo Ginzburg a respeito dos sinais ou indícios que uma obra de arte revela — e, neste caso, de um rol de estudos — que o conhecimento do panorama da produção acadêmica a respeito da relação entre a Geografia e a Literatura possa fornecer pistas para o entendimento e a construção de novos e outros caminhos para a temática de investigação.

Em 2013, em pesquisa de mestrado acadêmico realizada para a ocasião da defesa da dissertação intitulada *A identidade nacional e a formação do espaço-nação na experiência literária da Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato*¹, apresentamos um estudo do tipo estado da arte da pesquisa acadêmica em Geografia e Literatura que discorreu a respeito de um panorama da produção acadêmica em bases de dados de algumas universidades públicas e de catálogos científicos a elas relacionados.

Na ocasião, foram prospectados 42 títulos entre teses de doutoramento e dissertações de mestrado, selecionados a partir dos

¹ GRACIOLI, Filipe Rafael. **A identidade nacional e a formação do espaço-nação na experiência literária da Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato**. 2013. 116f. Dissertação de mestrado em Educação. Instituto de Biociências. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro. 2013.

descritores *identidade nacional*; *identidade nacional e literatura*; *identidade nacional e geografia*; *identidade nacional e literatura infantil*; *geografia e literatura*; *geografia e literatura infantil*. Conforme indicou a pesquisa, os termos mais acessados foram *identidade nacional* e *identidade nacional e literatura*, sobretudo nos campos relativos aos programas de pós-graduação em Letras (Literatura Comparada), Filosofia e Ciências Humanas, Educação e História. Já para os programas de pós-graduação em Geociências, nos quais frequentemente esteve inserida a Geografia, e no banco de dados do portal SciELO “foram encontrados cinco trabalhos, que associaram os temas da *identidade nacional e geografia* e da *literatura e geografia*.” (GRACIOLI, 2013, p. 12-13 — grifos do autor). Em relação ao autor brasileiro, Monteiro Lobato, houve também estudos que versaram sobre o seu pensamento e obra, inclusive resgatando a *Geografia de Dona Benta*.

À questão que indaga sobre o porquê de se fazer uma pesquisa do tipo estado da arte cabe a afirmação apresentada pela pesquisadora Norma Sandra Ferreira, ao comentar que os catálogos que se assemelham a estudos do estado da arte produzem-se em atenção ao desejo e à necessidade das universidades em “informar sua produção à comunidade científica e à sociedade, socializando e, mais do que isso, expondo-se à avaliação. É um sentimento de que trabalhos produzidos ao longo dos anos não devem ficar restritos às prateleiras das bibliotecas das universidades.” (FERREIRA, 2002, p. 260).

Embora neste estudo o nosso interesse não seja pela elaboração de um catálogo a respeito do tema da Geografia e literatura, há o desejo de informar e socializar o que se tem pensado, para que outros e novos desdobramentos e sentidos possam ser atribuídos às pesquisas que virão. Assim concorda a pesquisadora referida, ao discorrer que:

De qualquer maneira, os catálogos se instalam criando condições para que maior número de pesquisadores interessados em temas afins estabeleçam um primeiro contato, recuperem determinado

trabalho, possibilitando a circulação e intercâmbio entre a produção construída e aquela a construir. (FERREIRA, 2002, p. 261).

Na ocasião da elaboração daquela investigação de tipo estado da arte foram consideradas como universos de pesquisa as bases de dados da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Também, foram consultados o portal da ANPED (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação), o banco de teses da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o portal SciELO (Scientific Electronic Library Online) em pesquisa elaborada em maio de 2013.

Deste modo, para o estudo do estado da arte que propomos no momento, sua elaboração pautou-se na leitura dos resumos dos trabalhos acadêmicos — dissertações de mestrado e teses de doutoramento — cujo tema de investigação tenha estado circunscrito à relação Geografia-Literatura, em continuação daquela pesquisa, a fim de investigar a evolução do tema no período de tempo transcorrido. No entanto, à diferença da investigação anterior, para o estudo atualizado do estado da arte, foram elaboradas as seguintes modificações: a supressão da pesquisa nos portais SciELO e ANPED, justificada pela ausência de trabalhos de nível de pós-graduação completos, cujo interesse da plataforma está na apresentação de trabalhos em formato de artigos acadêmicos, não interessantes ao nosso estudo e a expansão da investigação para a base de dados da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), não inserida naquela ocasião.

Embora para a elaboração da investigação tenhamos partido da leitura dos resumos, entendidos como gênero de discurso acadêmico que oferecem uma perspectiva neutra e estável a partir de uma leitura de informe objetivo, concordamos com Norma Ferreira que o pesquisador do estado da arte não está impedido de “experimentar uma outra [leitura], diferente daquela prevista pelo autor e editor, daquela que normalmente faz um pesquisador, ao

lidar com os resumos na investigação da produção de uma área de conhecimento.” (FERREIRA, 2002, p. 269 – adaptado).

Sendo assim, como descritores da investigação foram utilizados os seguintes termos: *identidade nacional e literatura*; *identidade nacional e literatura infantil*; *geografia e literatura*; *geografia e literatura infantil*. À diferença da investigação anterior, suprimiram-se os termos *identidade nacional* e *identidade nacional e geografia*, cujo entendimento é o de que o seu universo é bastante abrangente, fugindo ao pretendido à pesquisa, de associar o conhecimento geográfico ao literário. As informações referentes às consultas e trabalhos verificados encontram-se ao final do texto de pesquisa, na seção Apêndice A – Relação de títulos verificados na pesquisa “Estado da Arte em Geografia e Literatura”, à página 205. A tabela 1, na sequência, resume as informações encontradas para a pesquisa:

Tabela 1 - Resumo dos dados verificados na pesquisa do tipo “Estado da arte em Geografia e Literatura” (1986-2016)

Resumo dos dados verificados na pesquisa do tipo “Estado da arte em Geografia e Literatura” (1986-2016)						
Base de dados/Instituição	Descritores				Total de trabalhos	
	<i>Identidade nacional e literatura</i>	<i>Identidade nacional e literatura infantil</i>	<i>Geografia e literatura</i>	<i>Geografia e literatura infantil</i>	nº.	%
Teses/USP	16	-	2	-	18	13,9
Acervus/UNICAMP	16	-	4	-	20	15,5
P@rthenon/UNESP	24	-	2	-	26	20,15
Minerva/UFRJ	31	-	3	-	34	26,35
Pergamum/UFF	4	-	2	-	6	4,65
CAPES	13	-	21	-	34	26,35
TOTAL	104*	-	34*	-	129*	100*
*OBS: Deste total foram desconsiderados os nove trabalhos encontrados na pesquisa para o portal CAPES que são recorrentes em outros bancos de dados verificados.						

Elaboração: GRACIOLI, 2016.

Para o banco de dados da Universidade de São Paulo (USP), por meio do Portal de teses e dissertações² encontramos um total de 18 trabalhos acadêmicos que versaram sobre a *identidade nacional e literatura* (16) e a *geografia e literatura* (dois), com predominância de estudos em nível de mestrado (dissertações). Para os descritores *identidade nacional e literatura infantil* e *geografia e literatura infantil* não foi encontrado nenhum trabalho.

A busca pelo descritor *identidade nacional e literatura* não forneceu nenhuma entrada, no entanto, ao utilizarmos o descritor *identidade nacional* foi possível encontrar trabalhos no campo da literatura que versaram sobre questões em torno da identidade nacional brasileira, russa, norte-americana, moçambicana, indígena brasileira, bem como vários estudos comparativos da solidariedade das literaturas dos países de Língua Portuguesa, retratando os aspectos da identidade nacional a partir de elementos como o patriotismo, costumes de povos, lutas políticas e culturais. Houve apenas um trabalho³ dedicado à compreensão dos aspectos da identidade nacional a partir da literatura infantil, cuja interpretação se deu a partir da análise de uma produção literária de autoria de Viriato Corrêa direcionada ao público infantil leitor do início do século XX e que, posteriormente, fora transformada em livro didático para uso em estabelecimentos escolares brasileiros.

O universo de trabalhos encontrados mostra uma preocupação de outras áreas de investigação acadêmica com a temática da identidade nacional, trabalhada, sobretudo, pelas áreas de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa e História Social. A área de Geografia apresentou dois trabalhos relacionados à temática, sendo duas dissertações de mestrado que versaram sobre a lírica e a prosa regional de dois autores brasileiros

² Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/>>

³ FERNANDES, José Ricardo Oriá. **O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de História (1934-1961)**. 2009. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23092009-143054/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

na composição de uma literatura denotativa da formação de uma identidade nacional a partir de espaços geográficos regionais. Esta constatação caminha no sentido apontado por Beraldi e Ferraz (2012) de que o conhecimento geográfico muito se beneficia também das perspectivas de outras áreas de conhecimento para a composição do seu cânone:

Tendo a clareza de que a forma como a ciência analisa, investiga e interfere no espaço é mais uma visão dentre outras acerca do mundo, precisamos estar atentos para outras formas de ver que estão sendo produzidas por diferentes áreas do conhecimento como a Pintura, a Música, o Cinema, a Literatura. Estas apresentam olhares acerca de uma mesma realidade e levam a reflexões que podem ser extremamente produtivas no âmbito da ciência geográfica. (BERALDI, FERRAZ, 2012, p. 190).

Para o banco de dados da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), por meio da base de dados Acervus⁴ encontramos 20 trabalhos relacionados à temática da identidade nacional e da literatura, sendo 16 relacionados ao descritor *identidade nacional e literatura* e quatro relacionados ao descritor *geografia e literatura*, com um equilíbrio entre os níveis de estudos (11 teses e 10 dissertações). Para os descritores *identidade nacional e literatura infantil* e *geografia e literatura infantil* não foram encontrados trabalhos relacionados.

Em um panorama geral as teses e dissertações investigadas discorreram sobre os temas da identidade negra no Brasil a partir da literatura; representações literárias da identidade nacional a partir da raça e dos estereótipos humanos; representações literárias que influenciaram a composição de uma identidade erótica pela literatura do início do século XX; a compreensão da formação da identidade portuguesa pela literatura contemporânea correspondente; a construção da identidade nacional no Brasil a partir do romance histórico; a identidade nacional expressada a

⁴ Disponível em: <<http://acervus.unicamp.br/>>

partir da “literatura regional”; romances da urbanização e sua contribuição à formação de uma identidade de nação urbanizada; o carnaval relatado pela literatura e sua contribuição à formação de identidade nacional brasileira pelos festejos carnavalescos. O predomínio destes trabalhos esteve circunscrito aos programas de Estudos da Linguagem e de Filosofia e Ciências Humanas.

Já para a área da Geografia foram encontradas teses (duas) e dissertações (duas) que discorreram sobre a espacialização da produção literária brasileira em meados do século XX; estudos etnográficos resvalando na literatura brasileira; e construções espaciais na literatura mexicana. Da observação a este leque de temas discutidos, concordamos com Beraldi e Ferraz (2012) para quem “a literatura traz para o geógrafo uma oportunidade de expandir os horizontes da Geografia, fornece matéria-prima para penar o espaço, pelo olhar de escritores que simulam diversas realidades. O mundo não aparece de forma fragmentada e dividida aos nossos olhos.” (BERALDI, FERRAZ, 2012, p. 190).

O banco de dados da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), por meio da base de dados P@RTHENON⁵ informou a quantidade de 26 trabalhos, sendo 24 relacionados ao descritor *identidade nacional e literatura* e dois relacionados ao descritor *geografia e literatura*, com o total de oito teses de doutoramento.

Dentre os temas trabalhados verificamos o predomínio de textos que versaram sobre: a representação da nacionalidade brasileira a partir da literatura pelo viés das dicotomias que marcam a identidade nacional; a identidade nacional brasileira discutida pela perspectiva da imagem da paisagem no romance literário; a crítica literária do século XIX como forjadora de uma identidade nacional brasileira; a poesia em contribuição à construção da identidade nacional no Brasil; a identidade nacional

⁵ Disponível em: <http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br:1701/primo_library/libweb/action/search.do?mode=Advanced&ct=AdvancedSearch&dscnt=0&dstm p=1421941103055&vid=Unesp>

paraguaia pela literatura de autores paraguaios; relações entre literatura, identidade nacional, memória e estudos culturais; militância e literatura na composição da identidade nacional angolana; a identidade nacional brasileira representada na literatura a partir de representações paisagísticas. Dentre os textos analisados, duas dissertações de mestrado⁶ trabalharam com a temática da literatura infantil na sua relação com a identidade nacional brasileira, ambas com a literatura infanto-juvenil de Monteiro Lobato, sendo uma delas de nossa autoria, na ocasião da elaboração da dissertação de mestrado já mencionada.

Já para os trabalhos relacionados ao descritor *geografia e literatura* encontramos textos que discorreram a respeito das concepções paisagísticas e de espaço geográfico em obras literárias nacionais e estrangeiras. Novamente concordamos com Beraldi e Ferraz (2012) em relação ao apontado sobre a literatura infantil:

A literatura parece ser um meio de aproximar as vivências, as peculiaridades do universo aos significados e buscas que o ser humano em seu desenvolvimento intelectual, motor e psicológico apresenta; a literatura infantil, que contém em si linguagem e enredo que dialogam com o espaço infantil, visa atender as particularidades dos anseios e necessidades dessa faixa etária. (BERALDI, FERRAZ, 2012, p. 191).

O banco de dados da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), por meio da base de dados Minerva⁷ forneceu um total de 34 trabalhos, sendo 31 deles relacionados ao descritor *identidade*

⁶ GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico**. 2008. 158f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99185>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

GRACIOLI, Filipe Rafael. **A identidade nacional e a formação do espaço-nação na experiência literária da geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato**. 2013. 116f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90134>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

⁷ Disponível em: <<http://minerva.ufrj.br/F?RN=540756799>>

nacional e literatura e três ao descritor *geografia e literatura*. Encontramos teses (12) e dissertações (22) que discorreram principalmente sobre: a constituição identitária do povo português a partir da literatura grega mitológica; tipos humanos na representação literária e seus resvalares na formação da identidade nacional brasileira; as transformações do espaço urbano a partir de relatos literários e sua influência na formação da identidade nacional; desconstrução do conceito de identidade na literatura; espaço-temporalidades das construções de identidades culturais; identidade étnica portuguesa representada na literatura do século XIX; a identidade nacional cubana em literatura poética; identidade nacional chilena a partir da linguagem poética; a literatura contribuinte da formação da identidade nacional galesa; identidade nacional guineense a partir da literatura; a figura de Jeca Tatu na promoção da identidade nacional brasileira pela literatura adulta de Monteiro Lobato; a identidade nacional discutida a partir da figura dos heróis nacionais; a identidade nacional pela perspectiva etnocêntrica/etnográfica; a identidade nacional pela literatura brasileira do século XIX; tipos nacionais e sua presença/influência na literatura brasileira com vistas à formação de uma identidade nacional ao país; a construção da identidade nacional na contemporaneidade: estudos de literatura poética como contributo à formação da identidade de povos; a língua nacional discutida na literatura como indício à formação da identidade brasileira; estudos da literatura nacional pela perspectiva contemporânea de formação de identidade do povo.

Somente uma tese encontrada discorreu sobre a temática da literatura infantil, ainda que não tenha trabalhado com a questão da identidade nacional propriamente, atendo-se às discussões de acessibilidade e direitos sociais de crianças e adolescentes no Brasil a partir da literatura engajada, em sentido semelhante à da proposta de Monteiro Lobato com a *Geografia de Dona Benta*.⁸

⁸ SILVA, Alessandra Garrido Sotero da. **A literatura infanto-juvenil engajada de Georgina Martins**: a busca de novos valores diante da indiferença pós-moderna à

Quanto aos trabalhos relacionados ao descritor *geografia e literatura* encontramos somente dissertações de mestrado que discorreram sobre a importância do diálogo entre a literatura e a geografia no contexto da ciência geográfica brasileira em relação ao contexto internacional (perspectiva literária do romance); a identidade regional de cidades brasileiras pelo viés da literatura (Recife e o espaço geográfico do mangue); e a identidade nacional moçambicana a partir das referências espaciais geográficas como marca formativa.

Seguindo a tendência encontrada para as demais plataformas verificadas até o momento, para os descritores *identidade nacional e literatura infantil* e *geografia e literatura infantil* não foram encontradas investigações científicas relacionadas. Deste modo, em vista dos trabalhos encontrados, cabe a indagação: *constitui a identidade nacional, sobretudo a brasileira, uma questão a ser pensada nos dias atuais?* Como verificado, há muitos trabalhos que têm sido elaborados no viés da temática apresentada, no entanto, a falta de discussões em torno do nicho literário infantil conduz à indagação sobre a sua relevância no meio acadêmico. Neste sentido, concordamos com o exposto por Lajolo e Zilberman (1991) já há 30 anos, a respeito da marginalidade acadêmica enfrentada pela literatura infantil:

As relações da literatura infantil com a não-infantil são tão marcadas, quanto sutis. Se se pensar na legitimação de ambas através dos canais convencionais da crítica, da universidade e da academia, salta aos olhos a marginalidade da infantil. Como se a menoridade de seu público a contagiasse, a literatura infantil costuma ser encarada como produção cultural inferior. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 11).

exclusão social brasileira. 2008. 192f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Depto. de Ciência da Literatura. 2008. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-19597?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000057&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

À afirmação de Lajolo e Zilberman, indagamos ainda sobre o que tem sido produzido em termos de literatura infantil no Brasil. *Continuam os autores dessa modalidade de literatura da atualidade, brasileiros principalmente, debruçados sobre o viés nacionalista? Há ainda interesse pelo tema? O que tem sido produzido nesse campo?* Embora não intentaremos responder a essas questões, compreende-se que elas sirvam como parâmetros para pesquisas futuras, por outros pesquisadores que demonstrem interesse na área.

Na continuação das investigações nas bases de dados selecionadas, para a base de dados da Universidade Federal Fluminense (UFF), por meio da plataforma Pergamum-UFF⁹ foram encontrados somente seis trabalhos científicos, entre teses de doutoramento (duas) e dissertações de mestrado (quatro).

A partir do descritor *identidade nacional e literatura*, essas teses e dissertações discorreram sobre: a identidade nacional portuguesa pela obra de literatos portugueses e a identidade nacional brasileira na obra de literatos brasileiros a partir do viés político. Já para o descritor *geografia e literatura* foram verificadas duas teses de doutoramento e uma dissertação de mestrado que discorreram sobre: a identidade nacional moçambicana e nicaraguense a partir da literatura realizada por mulheres escritoras e a identidade nacional brasileira a partir de obras literárias nacionais em destaque à geografia dos lugares.

Também na tendência verificada para as demais bases de dados, não houve registros para os descritores *identidade nacional e literatura infantil* e *geografia e literatura infantil*. Norma Sandra Ferreira (2002) apresenta uma posição que recupera a possível dificuldade enfrentada pela valorização da literatura infantil como tema de investigação na academia atualmente, especialmente a partir do viés eleito, o do nacionalismo nas obras infantis. Segundo a autora, ao mesmo tempo, ao buscar responder às indagações da sociedade sobre o que se tem produzido na universidade, os catálogos, como os verificados na investigação de estado da arte,

⁹ Disponível em: <http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online>

“vêm atender tanto a anseios internos da universidade quanto à pressão externa de uma política reguladora e controladora da produção científica.” (FERREIRA, 2002, p. 260). *Estaria a literatura infantil engendrada nessa teia de interesses produtivos da universidade?*

Por fim, para a base de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio da plataforma de acesso Banco de Teses e Dissertações¹⁰ verificamos um total de 34 trabalhos, dos quais nove recorrentes em outros bancos de dados; deste total, 13 referidos ao descritor *identidade nacional e literatura* e 21 referentes ao descritor *geografia e literatura*.

Para o descritor *identidade nacional e literatura* encontramos teses e dissertações que discorreram sobre a identidade nacional a partir da literatura angolana, brasileira e irlandesa e a identidade nacional construída a partir da identidade regional expressada pela literatura brasileira. Houve somente uma dissertação de mestrado, de nossa autoria, que versou sobre a identidade nacional a partir da literatura infantil, associada ao campo da geografia, já citada na seção referente ao banco de dados da UNESP. E, por fim, para o descritor *geografia e literatura*, os 21 trabalhos encontrados representam as teses e dissertações que discorreram sobre a aproximação do conhecimento geográfico e as regionalidades, bem como da ideia de nação para percorrer uma perspectiva de fundamento das identidades nacionais brasileira, portuguesa e inglesa. Vários trabalhos dissertaram sobre a identidade nacional a partir da identidade regional sertaneja, tema trabalhado também em outros textos verificados nas demais bases de dados investigadas. João Guimarães Rosa foi o autor mais requerido nestes trabalhos, com o livro *Grande Sertão: Veredas* (1956).

Considerações sobre o estado da arte da pesquisa em geografia e literatura

¹⁰ Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>

A pesquisa atual para o estado da arte empreendido revelou que, dentre os documentos investigados, somente aqueles que estiveram circunscritos ao campo da Geografia científica trabalharam a temática da identidade nacional pelo viés espacial e não apenas o temporal, com o entendimento da identidade nacional brasileira a partir da organização do espaço brasileiro pelas categorias do local, da região e do território, a partir de um senso de brasilidade no embasamento dessa organização.

Também, houve estudos que versaram sobre o gênero da crônica na contribuição para a formação de uma identidade brasileira, associando língua e literatura ao viés nacionalizante pretendido ao povo brasileiro ao longo dos séculos XIX e XX. Esta identidade, ressalta-se, vem com frequência retratada como resultado de grupos que compuseram a nação na sua construção temporal, com foco principalmente nas dimensões da raça, das etnias e dos grupos culturais, recuperando falas dos regionalismos culturais. A relevância desses estudos que trataram a temática da identidade nacional a partir da crônica reside na dimensão da diversidade simbólica que o espaço geográfico assume nesses textos, uma vez que a maneira fluida de escrita desse gênero permite leituras mais subjetivas do espaço, ligadas à dimensão do afeto. Tal percepção da relação do literário com o espaço conecta-se com o apontado pelo pesquisador Rogério Haesbaert sobre a dimensão da construção dos regionalismos pelo viés dos territórios alternativos (2006):

[...] no âmbito dos processos de construção dos regionalismos, um mesmo espaço de referência pode revelar diferentes significações de acordo com a apropriação ideológica, simbólica, que se faça de seus signos, sendo que mesmo o sentido atribuído pelos grupos ditos dominantes pode ser desvirtuado por outros segmentos da sociedade. (HAESBAERT, 2002, p. 87).

Além dos trabalhos orientados pela artesanidade no trato com a língua, houve também textos que versaram sobre a influência das ideologias dominantes no período da construção da

identidade nacional brasileira no final do século XIX. São trabalhos que resgatam autores e obras cuja contribuição à construção de opiniões sobre a formação do Estado nacional brasileiro foi de fundamental importância na divulgação de um Brasil aos brasileiros, ao menos aos letrados do período. Textos como os de Machado de Assis, Lima Barreto, José Lins do Rego e de Guimarães Rosa estiveram entre os mais estudados. Em alguns deles, preferiu-se pelos textos que buscavam por uma identidade para o Brasil com foco nos elementos da natureza e na exuberância do meio natural brasileiro, com o espaço geográfico figurando como elemento de forte centralidade na construção de uma política para o país, a partir da literatura de denúncia das mazelas da política do período.

Em relação aos textos de Monteiro Lobato, um dos autores eleito para este estudo, houve maior frequência no aparecimento de trabalhos que versaram sobre as obras dirigidas para seu público adulto. De modo geral, estes trabalhos investigaram na sua literatura adulta os aspectos da identidade brasileira atribuídas ao brasileiro do período do início do século XX, a partir de sua personagem Jeca Tatu, personificação atemporal do povo brasileiro.

Dentre os trabalhos que versaram sobre a obra de Monteiro Lobato somente um tratou especificamente da investigação do pensamento geográfico associado às suas obras infantis (*Geografia de Dona Benta* - 1935, *O poço do Visconde* - 1937 e *A chave do tamanho* - 1942), analisando-as a partir da ideia de espaço geográfico com fundamento na história do pensamento geográfico. No referido trabalho - *Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico* (2008), a pesquisadora Liz Andréia Giaretta muito se aproxima do proposto para este estudo que se apresenta; contudo, à diferença do que apontou a autora no trato do tema do espaço geográfico na *Geografia de Dona Benta*, o propósito investigativo deste trabalho que se apresenta teve como fundamento o pressuposto do espaço geográfico como experiência vivida, como sentimento de pertencimento ao lugar pelo leitor, experiências permitidas pela linguagem fantástica que fundaram uma literatura infantil de exploração ainda hoje pertinente à

formação de um raciocínio geográfico pelo jovem leitor. No trabalho de Giaretta (2008), contudo, a preocupação da autora esteve em analisar as perspectivas de espaço geográfico apresentadas por Monteiro Lobato sem ater-se aos movimentos que a língua e a literatura desempenham na sua composição.

No sentido atribuído por Beraldi e Ferraz (2012), compreendemos que a arte da pesquisa em textos literários permite um movimento de criação que contorna as obrigações da rigidez do conhecimento científico, como dobras de um tecido que se sobrepoem sem, no entanto, perderem sua individualidade: “o trabalho com textos literários permite exatamente esse focar sobre os fenômenos e valores, comportamentos e ideias que escapam, como linhas de fuga, desse conhecimento disciplinador, ordenador e organicamente generalizador.” (BERALDI, FERRAZ, 2012, p. 191).

Se para os estudos que versaram sobre as relações entre a literatura e a formação de uma identidade nacional a partir de textos literários orientados ao leitor adulto houve uma profusão de temas e desdobramentos, para os estudos que versaram sobre a literatura infantil foi possível a percepção de um paradoxo, relacionado ao movimento de sua pouca valorização quando associada à formação de uma identidade nacional brasileira, considerando-se esta modalidade literária fundamental para o desenvolvimento de um pensamento nacionalista ao país, já que atinge o nicho mais suscetível à inculcação de ideias. Este paradoxo se faz perceber no exposto por Lajolo e Zilberman (1991) quando contribuem com a afirmação de que:

[...] a história da literatura brasileira para a infância só começou tardiamente, nos arredores da Proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações. Entre elas, a mais visível foi a mudança da forma de governo. [...] Era a República que chegava, trazendo consigo e legitimando a imagem que o Brasil ambicionava agora: a de um país em franca modernização. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 24).

O universo de 129 trabalhos encontrados recupera o exato período de 30 anos de investigações científicas em torno do tema da identidade nacional associada à literatura, com o primeiro trabalho apresentado em 1986¹¹ e os mais recentes no ano de 2016. Destas publicações, a primeira referente à questão da identidade nacional estudada à luz da literatura infantil¹², uma dissertação de mestrado, será apresentada somente no ano de 2008, debruçando-se sobre a literatura infantil de Monteiro Lobato, e os demais trabalhos publicados em 2009 (tese de doutoramento) e 2013 (dissertação de mestrado), com discussões em torno de textos narrativos de autores brasileiros, respectivamente Viriato Corrêa e Monteiro Lobato.

Em vista da escassa quantidade de trabalhos verificados na investigação de tipo estado da arte, esta pesquisa que apresentamos posiciona-se junto ao apresentado por Lajolo e Zilberman (1991) ao saírem na defesa da importância da literatura infantil como formadora de pensamentos e propagadora de ideologias. Para as pesquisadoras:

[...] uma vez reconhecidos como literatura, os livros para crianças passam a prestar contas à série literária. E em relação a ela, o modo de produção do livro infantil pode consistir em um obstáculo intransponível para que o diálogo se desenvolva em pé de igualdade. Mas, dialeticamente, é isso também que permite que a inclusão da literatura infantil nas reflexões sobre a história e a teoria literária de um povo ilumine zonas de penumbra que a circulação restrita da

¹¹ GÓES, Clara. **O país do silêncio**: um estudo sobre a literatura de José Lins do Rego e os anos 30 no Brasil (Menino de Engenho, Banguê e Usina). 1986. 200f. Dissertação (mestrado) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. 1986. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-03841?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000040&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

¹² GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo**: uma análise do pensamento geográfico. 2008. 158f. Dissertação (mestrado) — Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99185>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

produção literária não-infantil impede que sejam observadas. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 162).

Se na história da literatura infantil no Brasil o que se vê é que sua participação foi e ainda é indispensável à promoção de ideologias entre aqueles mais suscetíveis à assimilação de novas ideias, importa então recuperar este nicho literário e compreendê-lo como obra de arte: “[...] porque a obra de arte, como também a linguagem científica, se caracteriza por um tipo de discurso que não é alheio ao contexto ideológico de um local e período [...]” (PINHEIRO; FERRAZ, 2009, p. 98).

Na pesquisa científica que apresentamos, esta recuperação virá sob a ótica de sua relação com a ciência geográfica, na busca por compreender como se dão as aproximações e distanciamentos entre dois campos de saberes distintos, mas que se imbricam, no entendimento de que a literatura, tal como apontado pelo pesquisador Nicolau Sevcenko: “[...] não é uma ferramenta inerte com que se engendrem ideias ou fantasias somente para a instrução ou deleite do público. É um ritual complexo que, se devidamente conduzido, tem o poder de construir e modelar simbolicamente o mundo [...]” (SEVCENKO, 2003, p. 284).

Além dessas considerações, a justificativa para o estudo da literatura infantil associada ao geográfico, ao espacial, vem da constatação de que, na ciência geográfica, como verificado no estado da arte empreendido, os estudos restringiram-se predominantemente à análise de romances realistas e regionalistas do final do século XIX, cuja leitura de seus respectivos resumos conduzem à interpretação de que tendem a desembocar na estereotipação das personagens e dos espaços apresentados nas tramas.

O caminho lógico elegido para a realização da investigação caminha na perspectiva de que “a literatura determina o sentido geográfico ao destacar a força psicológica do meio sobre os personagens” (FERRAZ, 2011, p. 19): um estudo literário a partir de um viés geográfico não pode prescindir do entendimento do espaço geográfico como agente central das tramas narradas, como

agente de sua própria geograficidade, para o que se compreende que a permissibilidade de diálogo entre ciência e arte, entre a geografia e a literatura se dá “[...] não por meio das palavras em si presentes em cada forma enunciativa, mas através das imagens literárias com os conceitos geográficos e a fundamentação/expressão no/do mundo humano, ou seja, na relação imagem-palavra-mundo.” (FERRAZ, 2011, p. 27).

Por fim, à pergunta sobre a relevância desse estudo para o campo da educação, tomamos como fundamento a posição de que a definição do conceito de espaço a ser discutida diz muito sobre a visão de mundo geográfica que se pretende difundir. Na direção apontada por Monteiro Lobato na sua obra, não poderíamos deixar de atender ao propósito por ele lançado para o pensamento geográfico, qual seja, o de fazer uma Geografia para a infância que não fosse descompromissada com um pensamento de crítica e que, ao mesmo tempo, partisse da linguagem mágica de espaços inventados e fantasiados, além de valorativa da educação pela experiência de criação pelo jovem leitor.

O fundamento desse estudo, bem como sua importância, apoia-se no exposto por José Sérgio de Carvalho (2011) para quem algumas experiências não respondem à questão que indaga “— *para que servem?*” Nosso estudo não prescreve um modelo a ser seguido, mas propõe criar sentido no leitor para enriquecer-lhe em sua experiência imaginativa: “[...] as experiências são formativas não pelo que nos permitem fabricar como fruto de seu aprendizado, mas pelo fato de que operam transformações naqueles que por elas passam.” (CARVALHO, 2011, p. 320).

CAPÍTULO 2

Uma análise de narrativas infanto-juvenis: aproximações entre a *Geografia de Dona Benta* e o *Le tour de la France par deux enfants*

No reforço da hipótese de investigação que norteia este trabalho de pesquisa, qual seja a de que, a julgar pela alfabetização junto a sua avó na Fazenda Buquira, quando na primeira infância e primeiras letras, Monteiro Lobato, para escrever a narrativa *Geografia de Dona Benta*, tenha contactado a obra de G. Bruno, por se tratar de uma literatura clássica para as crianças das elites cultural e econômica europeias (e brasileira, por extensão), e por ser escrita no idioma hegemônico da elite brasileira à época, o francês, do qual Lobato desfrutava como leitor, a partir dessa hipótese de pesquisa, trazemos uma análise entre as narrativas no sentido de aproximá-las em seus pontos de convergência.

A proximidade de conteúdo entre a viagem realizada pelas personagens da *Geografia de Dona Benta* e a viagem realizada pelas personagens principais do *Le tour de la France par deux enfants*, a saber, a busca pela exploração do território brasileiro e francês, respectivamente, além do objetivo de ressaltar a pátria e a educação na perspectiva positivista como valor universal no contexto insurgente do Estado-nação, essa proximidade oferece um indício para a hipótese levantada anteriormente.

A importância do estudo reside na maneira como Lobato desenvolve a sua narrativa e apresenta a ideia de pátria à infância: se no *Le tour de la France par deux enfants* G. Bruno se utiliza da viagem real por dois meninos pelo território francês, de maneira a se permitir conhecê-lo para defendê-lo como cidadãos pertencentes à nação, na *Geografia de Dona Benta* a viagem se faz pela imaginação

da criança leitora, por meio do recurso da imaginação levantado inclusive pelas personagens da narrativa.

O caráter de didatismo, inegável em ambos os textos eleitos para estudo, embora não fulcral em sua abordagem temática, nos permite associá-los de maneira direta no sentido de que a conversa que estabelecem entre si caminha na mesma direção, a de instrumentalizar a criança leitora para o trato com a pátria e com a ideia de nação, que na narrativa de G. Bruno se fazia pela necessidade de firmar um país já inserido no cenário industrial que se vinha instituindo como modelo produtivo e cultural da Europa e, na de Lobato, pela necessidade de inserir um país neste mesmo modelo e também de criar uma identidade cultural para si.

Na justificativa de um porquê em nos debruçarmos sobre as questões da identidade nacional e da formação de uma ideia de nação por meio da literatura, ficamos com a expressão do pesquisador Franco Moretti, para quem o Estado-nação encontra no romance — estendendo-se para a literatura infantil, inclusive — a materialidade mais central para a sua consolidação entre a massa pensante em construção — o jovem leitor. Nas palavras do autor:

[...] Mas o Estado-nação? “Onde” fica? Com o que se parece? Como se pode vê-lo? E ainda: o vilarejo, a corte, a cidade, o vale, o universo podem todos ser representados visualmente nos quadros, por exemplo. Mas o Estado-nação? **Bem, o Estado-nação... encontrou o romance. E vice-versa, o romance encontrou o Estado-nação.** E, sendo a única forma simbólica que podia representá-lo, tornou-se um componente essencial de nossa cultura. (MORETTI, 2003, p. 27 – grifo nosso).

Também o pesquisador Nicolau Sevcenko disserta sobre a importância do entendimento dos conceitos de estado e de nação no período que abarca as duas narrativas analisadas; essas noções, na concepção do autor, apresentavam-se à época mais como abstrações e, para o caso brasileiro, ainda muito mal definidas, pois nem mesmo uma carta geográfica completa e detalhada do

território que permitisse uma visão total do terreno que ocuparia a nação havia à disposição dos brasileiros:

Imensas eram as áreas totalmente desconhecidas, — as “ficções geográficas”, como se dizia por ironia — juntamente com suas populações tão rústicas quanto obscuras. _____ O Estado e suas repartições eram assim monopolizados por um restrito conjunto de clãs com vínculos regionais, indiferentes a conceitos jurídicos e políticos vazios, como: eleitorado, patrimônio nacional, bem político ou interesse geral. (SEVCENKO, 2003, p. 262).

Difícil seria assim a veiculação de uma ideologia com vistas ao progresso econômico e científico, com base em símbolos comuns, com propósitos e objetivos comuns, a clãs e vilarejos que nem sequer sabiam da existência um do outro. É nessa lógica que se desenvolverão os Estados-nação: grandes territórios geridos por dimensões políticas de oposição, que encontrarão nas ciências humanas o fazer de uma imagem de poder e domínio cultural entre seus cidadãos:

Daí o desenvolvimento de formas de conhecimento como a história, a filologia, a antropologia, a geografia, a arqueologia, dentre outras, financiadas pelo Estado, para justificar a organização uniforme de uma ampla área geográfica com seu respectivo agrupamento humano, legitimado por suas características específicas (raça, história, tradição, meio-físico, língua, religião, cultura, caráter psicológico geral), afirmadas, aliás, como superiores às de outros grupos concorrentes. Essa agitação nacionalista constituiu a base ideológica da formação dos Estados-nação. Ela buscava nas teorias raciais, que passaram então a dominar a área cultural, a sua justificação, e encontrara no militarismo o seu meio de autoafirmação. (SEVCENKO, 2003, p. 101).

É nesse sentido, como reflexos da temporalidade vivida pelos autores que lhes deram vida que os trechos seguintes das narrativas, extraídos respectivamente da *Geografia de Dona Benta* e do *Le tour de la*

France par deux enfants, revelam esses aspectos do caráter de didatismo dos textos para com as categorias do espaço geográfico e mesmo para com os conceitos a eles afins, como o de povo e de nação, por exemplo. Para o trecho da narrativa de Lobato ressalta-se a explicação dada por Dona Benta à pergunta de Narizinho e a sua associação do conceito de povo à noção de desenvolvimento e progresso, pautados no cientificismo e na tecnologia, bem como em uma visão naturalista de grandiosidade do espaço natural:

— Olhe, vovó! Tantos carros rodando por aquelas estradas. Deve ser necessária muita gasolina para todos eles. De que é feita a gasolina?
— Gasolina é o petróleo refinado. O petróleo é o rei dos combustíveis modernos, de modo que só são fortes, ricos e respeitados os países que o possuem. Graças ao petróleo é que os automóveis e aviões existem. Ferro e petróleo: eis os dois elementos básicos da grandeza dos povos modernos. Os Estados Unidos tornaram-se o país mais rico do mundo porque é de todos o que mais produz petróleo. (LOBATO, 1988, p. 28).

E, para a narrativa de G. Bruno, faz-se maior atenção ao detalhamento dado pelo autor aos processos que envolvem a produção técnica de objetos manufaturados, sempre a partir da perspectiva do trabalho como retidão moral:

UMA MINA DE FERRO. — O ferro é o mais útil dos metais: é também, na França, o mais abundante. Ele se encontra geralmente na terra sob a forma de óxido de ferro; os mineiros o separam a golpes de picareta e em seguida o fundem em altos-fornos para purificá-lo.¹³ (BRUNO, 1877, p. 64 - tradução livre).

Para tanto, na elaboração das análises e comparações entre as duas narrativas elegemos o paradigma indiciário como caminho

¹³ “UNE MINE DE FER. — Le fer est le plus utile des métaux: c’est aussi celui dont la France est le plus riche. Il se trouve le plus souvent dans la terre sous forme de rouille; les mineurs le détachent à coups de pic, et on le fait fondre ensuite dans les hauts-fourneaux pour le purifier.” (BRUNO, 1877, p. 64).

metodológico mais viável para o pretendido, o buscar pelos sinais e indícios que pontuam ambas as narrativas e que as aproximam, bem como pelos saberes negligenciáveis, aqueles que passam despercebidos na leitura de um texto, especialmente os literários, e que desempenham importância ímpar na identificação de um pensamento.

A escolha pelo referido caminho metodológico deu-se pela possibilidade de entendimento dos textos a partir da perspectiva da *obra aberta*, aquela pautada na compreensão de que tantas são as leituras possíveis de um texto, quantos são os seus leitores. Assim, os indícios que saltam aos olhos de um leitor podem não ser tão relevantes a outro e, mesmo assim, o entendimento de um texto se faz possível, pois é a subjetividade a guia do leitor no processo de leitura. O paradigma indiciário como caminho metodológico, quando confrontado com a Fenomenologia, clássico método de pesquisa na Geografia dita cultural, método este que entendemos estar mais voltado à compreensão do espaço geográfico a partir de conceitos como o da percepção, da sensorialidade e da estética do lugar experimentado, é um paradigma que torna as análises literárias mais subjetivas e mais criativas e não conduzem à necessidade de se seguir um rol de procedimentos que, na situação de nossa pesquisa, não encontram respaldo, pois o que pretendemos é o trabalho com a nossa experiência de leitura dos textos eleitos e não dos espaços experimentados pela observação ou pela vivência *in loco*. Nascimento e Costa (2016) nos ajudam a explicar esta questão da seguinte maneira:

A proposta fenomenológica não é muito comum na geografia, e quem mais a tem discutido são pesquisadores da área cultural e humanística, pois procuram uma concepção de mundo que seja distinta da cartesiana e do positivismo. A Geografia Humanística aparece como tendência e apresenta novas formas de investigação ao pesquisador. Ela surge pela necessidade de inovações e diferentes problematizações que são postas no cotidiano, direcionando fatos geográficos mais significativos na atualidade e que exigem novas perspectivas

de interpretação. Esta tendência, através da abordagem fenomenológica, tem como foco relacionar numa visão antropocêntrica do mundo, o homem e seu espaço ou, mais genericamente, o sujeito e o objeto. Ela vem para trabalhar com a experiência, ou seja, o espaço vivido e existencial do indivíduo, que serão considerados sobre diferentes perspectivas, principalmente os valores que o indivíduo adquire no cotidiano. (NASCIMENTO, COSTA, 2016, p. 44).

Pela importância de se conhecer a respeito dos saberes negligenciáveis, segundo Delgado, partimos do entendimento de que uma pesquisa em educação “deveria ter um cunho de comparação” (DELGADO, 1983, p. 354) bem como o que argumenta Marc Brousseau ao admitir para a pesquisa em literatura, a partir dos aspectos geográficos da escrita, uma aproximação metodológica àquela dada por Ginzburg (1999), ao nos apresentar uma proposta metódica baseada em suas investigações literárias, em que aponta a insurgência de um paradigma nas ciências humanas em fins do século XIX pouco percebido pelos pensadores à época e de imediato desprezado.

Em linhas gerais, os fundamentos deste paradigma remetem à publicação de relatos de crítica da arte pelo médico e especialista de arte italiano Giovanni Morelli entre 1874 e 1876, cuja técnica investigativa de atenção aos detalhes de obras artísticas consagradas, assemelhada a uma investigação criminal rendeu, à sua época, a distinção precisa de obras de arte originais e copiadas, levando à reorganização de exposições em vários museus da Europa. Nas palavras do pesquisador:

Vejamos rapidamente em que consistia esse método. Os museus, dizia Morelli, estão cheios de quadros atribuídos de maneira incorreta. Mas devolver cada quadro ao seu verdadeiro autor é difícil: muitíssimas vezes encontramos-nos frente a obras não-assinadas, talvez repintadas ou num mau estado de conservação. Nessas condições é indispensável poder distinguir os originais das

cópias. Para tanto, porém (dizia Morelli), é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros: os olhos erguidos para o céu dos personagens de Perugino, o sorriso dos de Leonardo, e assim por diante. Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Dessa maneira, Morelli descobriu, e escrupulosamente catalogou, a forma da orelha própria de Botticelli, a de Cosmè Tura e assim por diante: traços presentes nos originais, mas não nas cópias. Com esse método, propôs dezenas e dezenas de novas atribuições em alguns dos principais museus da Europa. (GINZBURG, 1999, p. 144).

O paradigma indiciário ou Método Morelliano, desenvolvido a partir da investigação atenta aos detalhes contidos nas obras artísticas, justifica-se pela noção de que há sinais, indícios, que nos permitem compreender os pontos pouco luminosos da realidade, competindo à intuição — permitida pelos sentidos — captar tais indícios. Nas palavras de Ginzburg:

Se as pretensões do conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas — sinais, indícios — que permitem decifrá-la. Essa ideia, que constitui o ponto essencial do paradigma indiciário ou semiótico, penetrou nos mais variados âmbitos cognoscitivos, modelando profundamente as ciências humanas. (GINZBURG, 1999, p. 177).

Na continuidade da argumentação sobre o paradigma por ser “descoberto”, Ginzburg assinala ainda que os saberes captáveis a partir da atenção aos indícios se apresentam como formas de saber tendencialmente mudas, de modo que não constituem saberes modulados por regras formais. “Nesse tipo de conhecimento

entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe de vista, intuição.” (GINZBURG, 1999, p. 179).

Ainda, o pesquisador aponta para a existência daquilo que ele próprio denomina intuição alta e intuição baixa, e interpreta a intuição a partir da condição animal, logo entendendo o homem também como possuidor de uma natureza animal. O paradigma indiciário relaciona-se com a intuição no sentido de que:

Essa “intuição baixa” está arraigada nos sentidos (mesmo superando-os) — e enquanto tal não tem nada a ver com a intuição supra-sensível dos vários irracionalismos dos séculos XIX e XX. É difundida no mundo todo, sem limites geográficos, históricos, étnicos, sexuais ou de classe — e está, portanto, muito distante de qualquer forma de conhecimento superior, privilégio de poucos eleitos. [...] Une estreitamente o animal homem às outras espécies animais. [*sic.*] (GINZBURG, 1999, p. 179).

Ao nos perguntarmos sobre a validade do paradigma indiciário quanto ao seu rigor, encontra-se em Ginzburg um argumento tecido a partir da recuperação da história do conhecimento científico, remetendo à questão do método sistematizada por Galileu no século XVII:

Mas pode um paradigma indiciário ser rigoroso? A orientação quantitativa e antropocêntrica das ciências da natureza a partir de Galileu colocou as ciências humanas num desagradável dilema: ou assumir um estatuto científico frágil para chegar a resultados relevantes, ou assumir um estatuto científico forte para chegar a resultados de pouca relevância. Só a linguística conseguiu, no decorrer deste século, subtrair-se a este dilema, por isso pondo-se como modelo, mais ou menos atingido, também por outras disciplinas.

Mas vem a dúvida de que **este tipo** de rigor é não só inatingível mas também indesejável para as formas de saber mais ligadas à experiência cotidiana — ou, mais precisamente, a todas as situações em que a unidade e o caráter insubstituível dos dados são, aos olhos das pessoas envolvidas, decisivos. (GINZBURG, 1999, p. 178-179 — grifo do autor).

Uma vez que a ciência, em nome de processos lógicos de análise do real, deu fim a todo tipo de interpretação não passível de quantificação, experimentação ou controle, deu-se fim também aos modos mais sensíveis de busca por respostas às indagações humanas, aqueles baseados na intuição, no faro, no golpe de vista: “assim, os sentimentos, o “senso comum”, o cotidiano, a arte, o misticismo etc., foram classificados como referenciais inferiores e falsos em relação à racionalidade e não contraditoriedade do conhecimento de caráter científico.” (FERRAZ, 1994, p. 116).

Se esses referenciais de interpretação do real aparecem ao homem como possibilidades ao seu alcance, presentes no seu cotidiano, cabe à ciência — à Geografia, inclusive — deles utilizar-se, como alternativa concreta às crises que lhe minam seu poder de interpretação do real. Se o cotidiano se compreende como obra-de-arte, seriam então os acontecimentos do cotidiano, irreplicáveis, únicos e singulares, o trajeto mais facilitado para a construção de um conhecimento geográfico mais próximo à vida humana, que faça mais sentido ao homem querer conhecer:

Torna-se necessário, assim, abrir para a abordagem científica o estudo mais aprofundado da estética, da subjetividade, dos signos, da relação entre o referente e as interpretações que fazem dele, via especificidades da relação entre significantes e significados [...]; e de uma série de outros aspectos que demonstram essa capacidade da realidade ser constantemente recriada e reinterpretada pelos mecanismos criados pela cultura humana no sentido de entendê-la. (FERRAZ, 1994, p. 131-132).

No entanto, não se pode confundir intuição com achismos, com suposições ou mesmo com prospecção de passagens que façam sentido ao pesquisador no momento de elaboração de seu texto: o fazer ciência supõe a existência de um método, de um caminho metodológico e também de uma técnica que reflitam a experiência do ofício de investigação pelo pesquisador, aos quais ele sempre retorna para compor a escrita de seus dados.

É nesse sentido que concordamos com Brosseau, que admite que convém sair em busca de passagens descritivas especialmente evocadoras, “[...] fazer uma colagem comentada e destacar seus grandes significados [...] [o que] dá lugar a uma **casual ransacking** (inspeção casual) de belos ‘trechos escolhidos’ que nos encaminham diretamente para as intenções profundas do autor” (BROSSEAU, 2007, p. 33 – adaptado - grifo do autor), porém, tendo sempre em vista a colocação de Bakhtin que argumenta que, para a persecução dos sinais ou mesmo do pensamento de um autor em um livro literário como os que se apresentam para análise é preciso se distanciar da relação entre parte e todo, ou seja, da busca pela representatividade do todo de um pensamento por meio de fragmentos apenas.

Para nossa pesquisa, buscamos uma consonância com o propósito apresentado por Bakhtin e partimos da compreensão de que não se pode considerar que o pensamento de Monteiro Lobato ou de G. Bruno esteja de todo apresentado nos livros em estudo, entendidos como parcelas representativas de sua obra, nem mesmo que qualquer parte garfada numa leitura textual seja necessariamente representativa da visão de mundo de seu criador, porém, podendo-se destas parcelas e fragmentos textuais inferir indícios que apontem para a compreensão de suas visões de mundo de maneira mais ampla. Nas palavras de Mikhail Bakhtin:

O autor de uma obra só está presente no todo da obra, não se encontra em nenhum elemento destacado desse todo, e menos ainda no conteúdo separado do todo. [...] O verdadeiro autor não pode tornar-se imagem, pois é o criador de toda imagem, de todo o sistema de imagens da obra. É por esta razão que a chamada imagem do autor não pode ser uma das imagens de dada obra. [...] O autor-criador não pode ser criado na esfera em que ele próprio é o criador. [...] Vemos o criador apenas em sua criação, nunca fora dela. (BAKHTIN, 2003, p. 399-400).

Assim como um autor não se pode ser percebido somente em trechos significativos de sua obra, mas no seu todo, assim também se pode estender essa constatação para a lógica da compreensão espacial no exercício de seleção de retalhos da paisagem para compor uma Geografia, cujo procedimento busca ser contornado em ambas as narrativas verificadas, pelos sinais da busca por uma perspectiva geral dos territórios por elas estudados. Ferraz (1994) aponta para os riscos dessa forma de conceber o estudo, por exemplo, da paisagem, onde o seu retalhamento...

[...] atende unicamente às necessidades lógicas da estrutura do discurso classificatório, passando a ideia de que a realidade (paisagem) seria totalmente apreendida em sua verdadeira estruturação. Na verdade, esta forma é resultado de uma estreita, mas discreta, seleção dos fatos; ela deixa na penumbra o essencial dos fenômenos econômicos, sociais e políticos. (FERRAZ (b), 1994, p. 127).

Ao tomarmos como exemplo o percurso literário do autor brasileiro, esta questão da seleção pouco criteriosa de trechos significativos de um pensamento casa com as atuais críticas spendidas à obra de Monteiro Lobato quanto ao racismo em seus textos, para o que se parte do entendimento de que seus posicionamentos devem ser compreendidos na situação em que foram elaborados, de acordo com o sistema de ideias de seu tempo. “Jogar fora” toda uma obra em função de um pensamento garfado em uma ou outra produção representaria desfazer-se de toda uma visão de mundo complexa e que reflete uma trajetória de vida. Como aponta Bakhtin “[...] a interpretação autêntica em literatura e nos estudos literários sempre é histórica e personalizada.” (BAKHTIN, 2003, p. 402).

Não apenas histórica e personalizada, mas também, a interpretação de uma obra é melhor concebida quando correlacionada “com outros textos e [reapreciada] em um novo contexto (no meu, no atual, no futuro). O conteúdo antecipável do futuro: a sensação de que estou dando um novo passo (saí do lugar). [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 401 – adaptado). Cabe, portanto, a

ressalva de que nem Lobato, nem G. Bruno, ao criarem suas obras, escreveram-nas para críticos literários. “O autor, ao criar sua obra, não [...] pressupõe uma interpretação literária específica, não visa a criar uma coletividade de estudiosos da literatura. [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 404-405).

Neste sentido, partimos para uma análise inicial de cada narrativa apresentada, realizada a partir de nossas experiências de leitura. A ideia está em apresentar os aspectos introdutórios de cada narrativa com o intuito de se fazer conhecê-las para assim proceder à análise de comparação entre ambas, ressaltando os limites ou sinais e indícios que as aproximam, analisados em sua trama, em suas visões de geografia e de geograficidades e de uso da língua na composição textual.

Conhecendo a *Geografia de Dona Benta*, de Monteiro Lobato

Publicada em 1935, a *Geografia de Dona Benta* é um livro de Monteiro Lobato que narra a viagem imaginária das personagens da obra Sítio do Pica-pau Amarelo pelos continentes do planeta Terra a bordo de um navio também imaginário, o *Terror dos Mares*. Nesta viagem, feita à base de muita conversa, portanto, em resgate a um elemento já bastante descontinuado à época de Lobato, a oralidade, o modo de Lobato fazer Geografia destoa da tradição enciclopedista e decorativa atribuída ao conhecimento geográfico de seu tempo.

Na dissertação de mestrado defendida no ano de 2013, trouxemos uma definição da maneira como Monteiro Lobato se insere no meio intelectual de sua época com textos revolucionários do ponto de vista do protagonismo das personagens na literatura infantil brasileira, entre os quais se insere a *Geografia de Dona Benta*, ao introduzir o conceito de *desliteraturização*, a maneira por ele encontrada para contornar a obrigação do contar imposta pela língua, bem como de inserir a experiência de leitura na própria leitura, o fazer o leitor sentir-se identificado com o texto.

Tal como a figura do narrador, Lobato se move “para cima e para baixo nos degraus de sua experiência, como numa escada.

Uma escada que chega até o centro da terra e que se perde nas nuvens [...]” (BENJAMIN, 1996, p. 215). Nesse movimento de idas e vindas pela memória o autor resgata o conceito de artesanidade do conhecimento e a maneira como ele se dispõe na sociedade, chamando a responsabilidade do processo educativo para a própria criança leitora, para seus familiares, seus amigos e para a própria sociedade, em um momento da história em que a abertura democrática da escola abdicava para si a responsabilidade da formação humana que antes cabia à oralidade.

Lobato se apresenta aos seus leitores como um narrador de um espaço em formação; seus textos, que surgem em meio à presença ainda viva do romantismo literário regionalista, se apresentam como monumentos de resistência da narrativa em uma época de rápida aceleração dos contextos, especialmente o cultural. Diferente do romancista, que escreve a partir da experiência isolada de escritor e que, segundo Benjamin (1996) não sabe dar nem receber conselhos, o narrador escreve a partir de sua própria experiência e também da experiência do outro, pois é ele quem tem a função de fazer sugestões “sobre a continuação de uma história que está sendo narrada” (BENJAMIN, 1996, p. 200) mais do que continuá-la ao seu modo, tal como indica a direção do pensamento de Lobato.

Em termos objetivos, a *Geografia de Dona Benta* trata-se de uma narrativa orientada para a infância do início do século XX dirigida pelo ideal nacionalista e desenvolvimentista do período, fortemente identificável no texto e no pensamento lobatiano. Alguns sinais da ideologia e do pensamento do autor são bastante notáveis, sobretudo quando se trata de explorar as terras brasileiras, seção que ocupa vinte páginas de um total de 128, sendo que outros lugares e territórios são explorados no intervalo máximo de duas páginas.

Esta seção das passagens das personagens pelas terras brasileiras vem, ao modo como Barthes (2010) chama a atenção, ilustrada por uma linguagem que representa o “próprio fulgor do real”, que exprime poder, esperança e exaltação de seu povo, que fazem do livro senão uma literatura oficialmente didática, ao

menos uma obra de ficção-factual, cuja aporia¹⁴ revela-se pela veracidade dos fatos deslumbrados pelo autor como possibilidade de um espaço-devir. Como exemplos da ideologia nacionalista e orientada para o progresso econômico expressada na narrativa da *Geografia de Dona Benta*, são significativos os seguintes trechos que versam sobre: o Rio Grande do Sul, em que Lobato evidencia uma dobra do tempo sobre o espaço, anulando o segundo em detrimento do primeiro:

— Ah, o Rio Grande do Sul é uma das partes mais interessantes, mais ricas e de **mais futuro do Brasil**. Tem todas as condições de clima e topografia para desenvolver-se cada vez mais. O povo é sadio e corajoso. E entusiasta. Um povo feliz. As culturas são variadíssimas; produz até trigo; e as indústrias se desenvolvem com muita força. Em matéria de vinho o Rio Grande está na ponta. Conheço vinhos de Caxias que são absolutamente perfeitos. (LOBATO, 1988, p. 24-25, grifo nosso).

O estado do Mato Grosso:

- E é grande, Mato Grosso?
- Grandíssimo! Tem um território de 1.230.000 quilômetros quadrados, imagine! A população hoje ainda é muito pequena pois não chega a um milhão e meio de habitantes — e cabem lá 200 ou 300 vezes mais do que isso.
- Mas por que não aparecem esses milhões de habitantes?
- As razões são muitas. Ainda não chegou o tempo. Tudo vai devagar. **Mas a grandeza futura desse Estado é coisa certa**. Sobretudo quando vier o petróleo e essa nova riqueza der um arranco no desenvolvimento de Mato Grosso.
- E há lá petróleo?

¹⁴ O termo aporia emprega-se com o sentido atribuído por Lima (2006) para quem “[...] a história tem uma aporia — afirmar a verdade do que investiga — mas *não um objeto que lhe seja específico*.” (LIMA, 2006, p. 147) como a aproximação de uma verdade sem, no entanto, tomá-la como algo finito e alcançável, que segundo o pesquisador revela o percurso mais adequado para a leitura, a análise e a elaboração de textos históricos ao retratarem um acontecimento histórico tido como real.

— Claro que há minha filha. Se na vizinha Bolívia há tanto petróleo, por que não há de haver em Mato Grosso também? O que há dificultado o desenvolvimento de Mato Grosso é a sua situação bem lá no centro da América do Sul, muito longe dos portos. (LOBATO, 1988, p. 26 - grifo nosso).

E, entre outros, o trecho referente à passagem pela Amazônia, em que Lobato faz menção à grandiosidade do rio Amazonas e ao potencial produtivo da região pelas suas riquezas naturais, do que ressalta o extrativismo vegetal:

[...] O Amazonas governa. Governava os outros rios, recebendo-os em seu seio e levando-lhes as águas ao mar; governava os homens, dando-lhes meios de comunicação e alimento. Governava o clima. Governava tudo. [...] Nas matas cresce uma árvore enorme, que também fornece alimento e dá dinheiro a ganhar aos homens. É o Castanheiro, produtor das famosas e gostosíssimas castanhas-do-pará, conhecidas no mundo inteiro como “BrazilNuts”, ou Castanhas do Brasil. Os amazonenses juntam as castanhas que caem das árvores e levam-nas pelo rio até a cidade de **Belém**, capital do **Pará**. Em Belém os navios as tomam para transportá-las aos países consumidores. (LOBATO, 1988, p. 41 - grifo do autor).

Nestes locais visitados pelas personagens e pelo leitor da sua *Geografia*, Lobato recupera uma importante faceta da formação da identidade brasileira; nestes espaços visitados a paisagem, como categoria espacial, se coloca como a máscara que ao mesmo tempo identifica a nação pela exuberância do meio e ao mesmo tempo oculta a situação precária da política brasileira, carente de figuras de potencial memorável para o país, denúncia que há muito vinha se delineando entre a classe intelectual do país, e que em Lobato se deu por meio da literatura infantil, inclusive.

Assim se consolida o mito fundador brasileiro na sua dimensão espacial: um Brasil territorialmente extenso, paradisíaco, rico em belezas naturais e minerais, tomado pela gente da mais boa índole e pacífica. No entanto, nesse mesmo paraíso habita a serpente, afinal a

dialética do paraíso se corporifica pela presença da serpente, que se entende como o português em sua veia exploradora e dominadora, dando início a um dos elementos mais identitários do sujeito brasileiro contemporâneo, figurado pelo malandro.

Tão marcante é a presença do mito fundador brasileiro na cultura geográfica brasileira que, não raro, a identificação do discurso do meio natural como espaço brasileiro sobrepõe-se à identificação com o espaço urbano; afinal, se existem dois Brasis, um interiorano e outro litorâneo, se existem Brasis divididos em zonas nas quais o meio urbano interpõe-se como o objeto mais definido da atenção de estudiosos do espaço geográfico, no qual o meio natural já não encontra mais lugar, *como interpretar a permanência da visão naturalista e naturalizante do Brasil como o país das maravilhas tropicais e de natureza sem fim?*

Nesse ínterim, a identidade nacional de brasileiros e de Brasil encontra na literatura uma fiel escudeira porque, antes mesmo de a cultura pátria tomar contornos mais nítidos como projeto político, a literatura já moldava um Brasil em rimas e versos, pelo que apresentam as cartas de Pero Vaz de Caminha a El-Rei, os relatos dos jesuítas catequizadores, os relatos dos naturalistas franceses nas incursões pelo país adentro... Neste sentido, também seria possível sustentar a literatura como uma grande responsável na busca por atribuir ao brasileiro uma identidade, porque pela força do poder contido na expressão da palavra, antecipou uma visão de mundo de Brasil para o povo brasileiro e também para o estrangeiro.

Possivelmente a própria literatura furtava-se a essa poderosa capacidade de determinar discursos e direcionar olhares já que, no maior dos paradoxos ocorridos na formação cultural geográfica do povo brasileiro, o lugar de liberdade que a literatura gozava ao se deparar com a exuberância natural e o gigantismo espacial, apontando o país como a nação da natureza por excelência, tornou-se lugar de enrijecimento e estreitamento intelectual, porque não permitiu ao próprio leitor desancorar-se de sua primeira impressão espacial.

Eis posto com essa discussão um indício de aproximação à força do pensamento de Monteiro Lobato na sua desliteraturização

– da sua própria literatura – ao propor uma maneira paralela de pensar o próprio país, de uma matriz de pensamento e de julgamento que parta da realidade experienciada e sensível para um pensamento literário, todavia tomando o cuidado de buscar neste presente experienciado os indícios que poderiam marcar o leitor por toda uma vida.

Por meio das constatações das personagens que representam a infância leitora e sujeitos de uma experiência de leitura, atingindo o público-alvo pretendido pelo autor com seus textos, Monteiro Lobato tece por meio de sua literatura narrativa geograficidades que se vão cristalizando no pensamento do leitor e construindo uma visão de mundo de seu país a partir da formação de uma identidade nacional calcada na exuberância do espaço natural, da exaltação dos recursos naturais disponíveis e de uma visão de futuro que envolve a potencialidade da nação para a construção de uma indústria nacional, representante do progresso econômico e científico pelo qual Lobato acreditava ser a salvaguarda nacional.

Nesse pensamento, podemos notar a forte influência do positivismo lógico de Augusto Comte, orientado para a cientificidade das relações sociais e econômicas que no Brasil alcançou grande pertinência junto ao setor militar e também junto aos intelectuais a este grupo orientados. Segundo a pesquisadora Circe Bittencourt, a questão do nacionalismo manifestada pelos autores provenientes do setor militar voltava-se para o reconhecimento da pátria como “corpo” da nação em seus aspectos físicos, em sua tradição de lutas e conquistas, ao passo que o povo era percebido segundo a visão europeia: “mestiços que resistiam a se submeter à civilização. Era um nacionalismo que se curvava diante da europeização.” (BITTENCOURT, 1993, p. 224). Defensores do nacionalismo como busca por uma identidade, como meio de reconhecimento da especificidade da população e da cultura brasileira, este grupo de intelectuais esmerou-se na divulgação de um nacionalismo entendido como amor ao bem-comum “[...] festejando as belezas e as riquezas de uma jovem pátria que se abria para o mundo. Mas, contraditoriamente à

admiração que expressavam pelo mundo civilizado além-mar, temiam o imperialismo que podia tornar o Brasil alvo das ambições expansionistas europeias.” (BITTENCOURT, 1993, p. 225).

Embora distanciado da cultura e dos valores militares, Monteiro Lobato expressa aproximação com o ideal nacionalista do “amor ao bem-comum”, traduzido por indícios trabalhados pelo tema da exploração das riquezas naturais do Brasil com vistas ao progresso, e também festeja a possibilidade de ascensão do Brasil como país do futuro, reforçando o *slogan* caracterizador da política getulista de 1930, cujo espaço nacional, defendido por seus heróis e figuras próprias, poderiam torná-lo apto a posicionar-se em pé de igualdade com outros países do então chamado “primeiro mundo”.

No sentido da criação de uma identidade nacional para o leitor, as geograficidades desempenhadas por Monteiro Lobato por meio de sua narrativa caminham também no sentido da recuperação de uma tradição histórica dos povos ocidentais, qual seja a do seu reconhecimento por meio dos heróis nacionais. Na *Geografia de Dona Benta* os heróis não aparecem no texto personalizados por figuras humanas, pois aí reside a grande inteligência do texto de Lobato: é o espaço geográfico o grande herói do povo brasileiro, a grande salvaguarda nacional, tal como aponta Gracioli (2013):

Como na história brasileira os homens-heróis não foram abundantes e quando houve não representaram fielmente a necessidade de afirmação identitária em seu tempo, ou porque deslocados ou porque pouco valorizados pelo homem nacional, **foi o espaço geográfico natural que assumiu o lugar de mito, de herói e de vilão ao mesmo tempo**. Com a transformação da literatura infantil na década de 1920, impulsionada pela presença criativa de Monteiro Lobato, o espaço geográfico natural assume o caráter de mártir em nossa história, com a criação, por exemplo, do Sítio do Pica-pau Amarelo, uma notória metáfora do Brasil.

É neste sentido que o espaço brasileiro se faz mito pela lógica de Monteiro Lobato, ao permitir que o jovem leitor, assim como ele próprio experimentou em *Robinson Crusóé*, se transportasse para um universo

paralelo ao universo por ele vivido ou estudado dos livros didáticos e o recriasse ao seu modo. (GRACIOLI, 2013, p. 61 – grifo nosso).

Ao transpor a responsabilidade da salvaguarda nacional de um elemento humano para um objeto, a geograficidade criada pela narrativa de Lobato facilita a identificação do leitor com o meio, com a ideia de querer pertencer a algum espaço, lugar ou território, pois para onde se mire há a presença constante do herói a ser venerado e preservado: o próprio território brasileiro.

Tal complexidade de pensamento desenvolvida na *Geografia* de Lobato é bastante intrigante quando se a justapõe ao conceito de ciência geográfica a partir do qual opera para o desenvolvimento de sua narrativa. No capítulo I do livro “O Universo – Bailado da estrelas no espaço” Lobato assim define a Geografia:

[...] Dizia eu que pelo espaço infinito milhões e milhões de mundos giram uns em redor dos outros. Ora, nós moramos num desses mundos. A Terra é um dos milhões e milhões de grãozinhos de poeira que flutuam no espaço – e a **Geografia quer dizer a descrição das coisas da superfície desse grãozinho**. Mas só o que está na superfície. Contar geografia é contar tudo o que está em cima da casca da Terra – contar os rios, contar os mares, as montanhas, os vulcões, os países, as cidades, as florestas... (LOBATO, 1988, p. 10 – grifo nosso).

Nesse aspecto da narrativa reside a grande magia geográfica da obra de Monteiro Lobato, cujo objetivo, segundo Gouvêa estava em “[...] situar a narrativa para além dos tempos e espaços reais [...] onde [...] figuras se transformam, rompem-se o espaço e o tempo real, criam-se mundos onde as possibilidades são definidas pela imaginação do autor.” (GOUVÊA, 1999, p. 13-14 – adaptado).

Embora seja o espaço geográfico o grande herói na *Geografia* começada por Lobato, implicitamente, podemos perceber no contexto amplo de suas obras uma referência a novos heróis na figura do malandro, a exemplo de Jeca-Tatu, na tendência intelectual do período, qual seja, a de rompimento com os velhos padrões herdados da monarquia fazendeira e do império, da qual

farão parte também outros intelectuais, como Mário de Andrade com seu *Macunaíma* (1928), por exemplo.

Outro aspecto bastante intrigante e paradoxal da *Geografia de Dona Benta*, quando justaposta ao todo da obra de Monteiro Lobato diz respeito ao modo como são entendidas as organizações de povos e culturas que as personagens contatam em sua viagem. Tal aspecto, inclusive, converge para um mesmo ponto de entendimento expressado no *Le tour de la France par deux enfants*, resquício de um tempo fortemente marcado pela teoria determinista de Darwin. Como aponta Gracioli (2013):

Se por um lado a obra de Lobato subverte a maneira tradicional de relação do leitor com a situação espacial e temporal de sua escrita e o modo como ela se desprende da linearidade típica do pensamento racional predominante no meio científico e intelectual da época, por outro, a linguagem, [especialmente a gráfica], vista pela ótica das ilustrações da *Geografia* contada por Dona Benta não se distancia deste pensamento e, pelo contrário, tanto dele mais se aproxima na medida em que expressa uma visão de espaço limitada pelo estereótipo dos tipos humanos — os povos que o habitam — e pelos estereótipos do próprio espaço, dados pelos seus pontos universalmente reconhecíveis. (GRACIOLI, 2013, p. 47 - adaptado).

O período histórico vivenciado por Monteiro Lobato vem referendado por ações que visavam à construção de uma identidade nacional para o Brasil e para o brasileiro fundadas no solo fértil do determinismo biológico, característico do pensamento e da expressão científica dos séculos XVIII e XIX. Neste período da história ocidental, admitia-se à raça uma importância basal na determinação das condições sociais e culturais de um povo, com reflexos considerados com frequência perversos em sua vida econômica e política.

Ao elaborar estudo detalhado sobre a questão racial no Brasil no período de 1870 a 1930, a pesquisadora Lilia Schwarcz (2004) aponta que a mestiçagem aqui existente, em termos científicos, não só era descrita como também adjetivada, “constituindo uma pista

para explicar o atraso ou uma possível inviabilidade da nação.” (SCHWARCZ, 2004, p. 13). Na *Geografia de Dona Benta*, esta constatação adotará contornos de preconceito e de eugenismo racial, sobretudo em relação à personagem de tia Nastácia, negra, trabalhadora braçal e frequentemente envolvida em uma trama de contornos nebulosos criada por Lobato para caracterizar seus hábitos de pessoa distanciada do mundo racional branco europeu.

Na *Geografia de Dona Benta* a figura do indígena, por exemplo, não é tratada a partir de sua significação cultural ou de sua importância como possuidor por excelência das terras; inclusive, o pensamento de Lobato a respeito do nativo brasileiro e do espaço inabitado é voltado para uma noção de possibilidade econômica e de progresso que este e a região por ele habitada possam oferecer. No capítulo XI – “A Amazônia”, Lobato expressa uma visão típica do colonizador português, aos moldes do uso exploratório da terra:

Os sábios consideram a Amazônia uma terra ainda em formação. Aham que ainda é cedo para a entrada ali do homem. Dia virá, porém, em que o homem há de conquistar aquela bacia para **transformá-la na mais maravilhosa das fazendas**. Um dia... hoje a Amazônia ainda assusta a gente da raça branca. Só o índio nativo lhe suporta o regime de vida. Naqueles fundões vivem tribos **de índios em estado de selvageria** muito próxima da em que estavam quando Cabral deu com o nariz em Porto Seguro. (LOBATO, 1988, p. 42 – grifo nosso).

As figuras 1 e 2, na sequência, ilustram essa questão:

Figura 1 - Os tipos humanos, em seqüência: o homem branco europeu, o negro africano, o asiático e o indígena norte-americano



Fonte: LOBATO, 1935, p. 30.

Figura 2 - “Cena de Matadouro”. O gaúcho como tipo humano brasileiro



Fonte: LOBATO, 1935, p. 37

A questão racial, que é componente fundamental para a construção da identidade brasileira e da identificação do Brasil como nação de brasileiros, apresenta-se a partir de uma possível ambiguidade do pensamento de Monteiro Lobato, qual seja: sendo o pensamento do autor derivado de um posicionamento filosófico positivista, em que o preconceito racial é entendido como uma pedra no sapato para o ideal de progresso, *como compreender o fato de sua escrita ser portadora de uma visão de hierarquia racial?* Resta concordar com a possibilidade de que Lobato não somente adotava tons pejorativos em

sua escrita, mas que, sobretudo, também reproduzia o pensamento vigente ao seu tempo, que o influenciara como intelectual.

Em uma época em que a educação escolar pautava-se mais pela descrição e enumeração de fenômenos espaciais, para o caso dos estudos em Geografia, Lobato já se furtava a esse modo de explicação e de conhecimento da realidade geográfica, ao trabalhar uma tentativa de apreensão do espaço geográfico pelo seu situacionismo e por seus processos de origem e desenvolvimento, à parte a memorização apenas do estritamente necessário. De fato, há na narrativa da *Geografia de Dona Benta* um exercício dedutivo na compreensão do espaço geográfico, em que os processos e as estruturas que dão corpo ao espaço-objeto apresentam-se de modo amplo e se vão lapidando em situações que tendem ao pensamento do lugar, perpassando, ainda que à escusa do domínio do autor, as categorias espaciais que corporificam o conhecimento geográfico, inclusive o escolar.

Conhecendo o *Le Tour de la France par Deux Enfants*, de G. Bruno

O *Le tour de la France par deux enfants* pode-se dizer, é um livro que expressa um conhecimento de caráter sobretudo geográfico, publicado em 1877 na França por Augustine Fouillée sob o pseudônimo de G. Bruno. Sua trama narra a viagem feita por dois garotos franceses e irmãos, André e Julien, de catorze e sete anos, respectivamente, caracterizados por seu criador como diferentes dos outros garotos de sua idade:

[...] André, de catorze anos, era um rapaz robusto, tão grande e forte para sua idade que parecia ter ao menos dois anos a mais. Pela mão ele vinha segurando seu irmão Julien, um garotinho de sete anos, frágil e delicado como uma menina, apesar de mais corajoso e inteligente que o comum para os garotos de sua idade.¹⁵ (BRUNO, 1877, p. 5 – tradução livre).

¹⁵ “[...] André, âgé de quatorze ans, était un robuste garçon, si grand et si fort pour son âge qu’il paraissait avoir au moins deux années de plus. Il tenait par la main

Tal como indica o pesquisador Manal Hosny (2009), o *Le tour de la France par deux enfants* recupera uma narrativa sem muitas novidades para a época, sucessória a uma linha de textos de estilo itinerário em consolidação no cenário literário francês infanto-juvenil do final do século XIX:

De fato, a receita da obra é bem simples e não há nada de novo, uma receita cujo sucesso já havia sido atestado com *As aventuras de Telêmaco* de Fénelon e tantos outros romances do mesmo gênero. A autora apresenta dois garotos aflitos que se encontram na obrigação de percorrer as regiões da França. Deste modo, eles empreendem uma viagem inicial, no curso da qual encontram pessoas, afrontam situações difíceis e superam obstáculos antes de atingir seu objetivo.¹⁶ (HOSNY, 2009, p. 3 – tradução livre).

Do período histórico em que se situa a publicação do *Le tour de la France par deux enfants*, podemos dizer que sua narrativa se posiciona no movimento da consolidação do mercado livreiro infanto-juvenil europeu, cujo início ocorrera na primeira metade do século XVIII. Segundo as pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991), antes desse movimento somente durante o classicismo francês, no século anterior, foram escritas “histórias que vieram a ser englobadas como literatura também apropriada à infância” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 15) dentre as quais a citada *Aventuras de Telêmaco* (1717) de Fénelon e os *Contos da Mamãe Gansa* (1697) de Charles Perrault.

son frère Julien, un joli enfant de sept ans, frêle et délicat comme une fille, malgré cela courageux et intelligent plus que ne le sont d'ordinaire les jeunes garçons de cet âge.” (BRUNO, 1877, p. 5).

¹⁶ “En fait, la recette de l'ouvrage est bien simple et n'a rien de nouveau, une recette dont le succès avait déjà été attesté avec *Les Aventures de Télémaque* de Fenelon et tant d'autres romans du même genre. L'auteure met en scène deux enfants en détresse qui se trouvent dans l'obligation de parcourir le pays. Ils entreprennent ainsi un voyage initiatique, au cour duquel ils rencontrent des gens, affrontent des situations difficiles et surmontent des obstacles avant d'atteindre leur but.” (HOSNY, 2009, p. 3).

No contexto de perdas da guerra da Prússia (1870) entre Alemanha e França e com a morte do pai devido a uma doença contraída nos tempos de guerra, as personagens protagonistas da trama se veem sozinhas no mundo, sem dinheiro e sem rumo, com a certeza de terem apenas um tio vivo, morador do sul do país, na região de Marselha, próxima ao mar Mediterrâneo. Segundo a trama, antes da morte do pai os meninos habitavam a cidade de Phalsbourg, situada na região da Alsácia-Lorena, no nordeste francês. Uma vez que a região é fronteira com a Alemanha, à época da escritura do livro a região esteve em disputa entre os dois países, com a língua corrente entre os habitantes variando entre uma espécie de francês e de alemão, o alemânico, proibido de ser pronunciado, uma vez que o francês era imposto como língua obrigatória e, portanto, muito da cultura ali corrente de origem alemã.

Estas informações iniciais e necessárias para situar historicamente o livro de G. Bruno, nos permitem estabelecer algumas direções importantes na persecução do propósito de nossa pesquisa: comparar dois livros de tempos distintos, mas que permanecem unidos a partir de um fio ideológico comum. Ao caracterizar suas personagens como distintas das demais correlatas — corajosas, determinadas — G. Bruno estabelece um diálogo com seu leitor no sentido de fazê-lo identificar-se de imediato com as personagens, afinal, ser grande, corajoso e determinado são traços de personalidade fortemente associados à força e vitória, dois grandes requisitos para os tempos que enfrentava a França, saída derrotada de uma guerra com a vizinha Alemanha.

Não apenas os traços de personalidade dos protagonistas os fazem de imediato “caírem no gosto” do jovem leitor, mas também, a língua nacional aparece como elemento de peso na introdução à trama que se apresenta. De modo que a Alsácia-Lorena apresenta-se como território fronteiro entre duas potências político-territoriais, é de se supor natural que haja a presença dos dois idiomas no corrente cotidiano de seu povo, para o que o autor trata de estabelecer de imediato um ponto de partida fixo de identificação pelo leitor, ao escrever o livro no idioma francês vernáculo, corroborando a tese de

Barthes, já confirmada para o contexto de Monteiro Lobato, ao admitir que “não vemos o poder que reside na língua, porque esquecemos que toda língua é uma classificação, e que toda classificação é opressiva [...]” (BARTHES, 2010, p. 12).

Como exemplo do poder da língua e da linguagem como reforçadoras de uma ideologia, no caso a da construção de uma identidade nacional para um povo a ser denominado unicamente de francês, a situação de despedida do pai dos meninos em seu leito de morte, ao fazê-los jurar defender a Alsácia como território francês e que se dedicariam à França o mais que pudessem, revela a importância atribuída ao sentimento patriota à época associado à linguagem como elemento de empoderamento ideológico ao leitor. Prestes a morrer, o pai sussurra: “— France!”, ao ouvido do filho mais velho, André, como um eco que ficaria para sempre em sua mente. O diálogo entre as personagens é assim descrito:

O pai lançara um fraco sorriso, mas seu olho, ainda triste, parecia esperar de André outra coisa.

André viu-o preocupado e inquieto e tentou adivinhar; inclinou-se próximo aos lábios do moribundo, de olhar interrogativo. Uma palavra mais leve que a respiração veio ao ouvido de André: — França!

— Oh! gritou o filho mais velho de ímpeto, esteja tranquilo, querido pai, eu vos prometo que continuaremos filhos da França; deixaremos Phalsbourg para partir; **permaneceremos franceses, ainda que as dificuldades nos façam sofrer por isso.**¹⁷ (BRUNO, 1877, p. 10 – grifo nosso - tradução livre).

¹⁷“Le père essaya un faible sourire, mais son oeil, triste encore, semblait attendre d’André quelque autre chose.

André le voyait inquiet et il cherchait à deviner; il se pencha jusqu’au près des lèvres du moribond, l’interrogeant du regard. Un mot plus léger qu’un souffle arriva à l’oreille d’André: - France!

- Oh! s’écria le fils aîné avec élan, soyez tranquille, cher père, je vous promets que nous demeurerons les enfants de la France; nous quitterons Phalsbourg pour aller là-bas; nous resterons Français, quelque peine qu’il faille souffrir pour cela.” (BRUNO, 1877, p. 10).

Além disso, do dever de defender a pátria — como trata o subtítulo do livro — *devoir et patrie* — o pai recomenda a André que cuide do irmão, sempre temendo a Deus, assim como fizera ele aos dois, para o que André responde: “eu o ensinarei assim como você fez, o amor de Deus e **o gosto pelo dever**: nós dois vamos nos empenhar em sermos bons e virtuosos.”¹⁸ (BRUNO, 1877, p. 10 – grifo nosso – tradução livre). A situação descrita por G. Bruno revela uma linguagem que desvirtua o momento de luto e de sentimentalismo característicos da situação de morte em função da necessidade de defesa de um bem maior que a própria vida dos indivíduos, a vida da pátria. Uma situação em que os valores são absolutos em termos de defesa de uma ideologia que necessitava, a todo custo, ser criada e sustentada como tentativa de garantir a soberania francesa na região, para o que não haveria espaço para sentimentalismos outros que não os orientados para a salvação e defesa da pátria pelo amor ao bem-comum.

A ideia de povo expressada no *Le tour de la France par deux enfants* aparece como a possibilidade única de um grupo unificado só e somente pelo *modus vivendis* francês; neste povo e nesta cultura que se organizavam para resistir às perdas territoriais não há espaço para diversidades, sobretudo culturais. E para cristalizar este propósito G. Bruno utiliza-se da língua como metainstrumento para sua validação, ao exaltar o francês vernáculo a partir dele próprio na escritura de seu livro e inserir-lhe uma geograficidade, um sentimento de identificação pelo leitor com o espaço geográfico da Alsácia-Lorena e também do próprio território francês. O trecho seguinte, referente à passagem dos protagonistas da trama pela região do Delfinado (Dauphiné), no sudeste da França, em que o provençal e o occitano eram as línguas maternas, denominadas à época de patoás (*patois*), nos expõe esta situação de maneira evidente:

¹⁸ “Je lui enseignerai, comme vous les faisiez, l’amour de Dieu et l’amour du devoir: tous les deux nous tâcherons de devenir bons et vertueux.” (BRUNO, 1877, p. 10).

[...] O pequeno Julien, finalmente deixando sua cadeira e, aproximando-se de André, veio se plantar em pé entre as pernas de seu irmão. Ao sentar-se sobre seus joelhos e, mirando-o com um ar um pouco triste, disse-lhe baixinho:— Por que as pessoas desta região não falam francês?

— É por que não puderam ir à escola, mas daqui a algum tempo isso não será mais assim e **por toda a França a gente saberá falar a língua da pátria.**¹⁹ (BRUNO, 1877, p. 164 – grifo nosso – tradução livre).

Diana Vidal, importante pesquisadora na área da cultura escolar, especialmente a brasileira, em um trabalho de pesquisa que auxilia na compreensão desta questão e que ajuda a situar o *Le tour de la France par deux enfants* na história, ao estudar as práticas de leitura e escrita na escola pública primária do Brasil e da França no final do século XIX, enfatiza uma questão que também aparece com frequência na obra e na linguagem utilizadas por Lobato para construir seus textos: a oralidade.

No entanto, há uma distinção significativa entre a oralidade que Lobato traz e a que se pode verificar também no *Le tour de la France par deux enfants*, sendo naquela narrativa uma oralidade originada na experiência contada e, nesta, em raízes de teor moralizante, como revelado também na possível fonte de inspiração de G. Bruno ao escrever seu texto, o livro *La comédie enfantine* (1860) de Louis Ratisbonne. Ao estudar este livro contemporâneo ao *Le tour de la France par deux enfants*, Vidal (2005) o define como um compêndio de poesias de teor moral, ético, cívico e de bons costumes dedicado a que as mães das crianças o lesse em voz alta para seus filhos; em suma, uma proposta de combater a influência do catolicismo e a religião na educação escolar francesa,

¹⁹ “[...] Le petit Julien finit par quitter sa chaise et, s’approchant d’André, vient se planter de bout entre les jambes de son frère. Il s’assit à moitié sur ses genoux, et le regardant d’un air d’affection un peu triste, il lui dit tout bas: - Pourquoi donc tous les gens de ce pays-ci ne parlent-ils pas le français?

- C’est que tous n’ont pas pu aller à l’école. Mais dans un certain nombre d’années il n’en sera plus ainsi, et par toute la France on saura parler la langue de la patrie.” (BRUNO, 1877, p. 164).

proposta da terceira república naquele país e também de G. Bruno com sua narrativa de itinerário.

A ideia contida na educação francesa à época era de homogeneização, eliminando qualquer traço religioso, regionalismos culturais e linguísticos, sobretudo — nos quais se insere o patoá — entre outros aspectos das culturas mais localizadas e que poderiam significar uma ameaça à proposta de nação francesa. Esta ideia pautou-se pelo reforço da língua falada mais que pela escrita para que, uma vez ouvida, a língua francesa pudesse ser muito bem distinguida por todos e, por sua vez, claramente pronunciada, a ponto de que as pessoas que falassem qualquer outra língua diferente do francês vernáculo fossem automaticamente consideradas como traidoras da pátria. Segundo Vidal:

Ao longo do século XIX, a concepção de leitura como valor universal foi-se entretecendo ao enaltecimento da leitura em voz alta. Alfabetização e boa oralização do escrito eram bandeiras na defesa da propagação do texto, especialmente na escola primária. A imprensa educacional francesa, através de modelos de lições ou de conselhos pedagógicos, preocupava-se em fazer circular os saberes do ler em voz alta, tanto no que concernia ao mecanismo da palavra (boa articulação dos sons) e à expressão do pensamento (dicção), quanto à interpretação gestual e fisionômica. **Homogeneização da linguagem oral, evitando as diferentes pronúncias e dialetos** [...] e ruptura com o modelo religioso de leitura cantada eram também motes dessa nova prática escolarizada. (VIDAL, 2005, p. 80 – grifo nosso).

No *Le tour de la France par deux enfants*, no entanto, além da observação à língua falada havia ainda uma preocupação do autor com a língua escrita, duas formas distintas, porém complementares, de exercício de domínio ideológico. A situação de encontro dos garotos protagonistas com madame Gertrude, uma senhora viúva recomendada como ponto de hospedagem pelo casal de amigos do pai, que também lhes fora recomendado, revela a preocupação do autor com o exercício da língua como instrumento de função ideológica.

Julien, que tinha sete anos e, portanto, em idade escolar, não frequentava nenhuma escola, por estar sempre em movimento, situação que fora resolvida pelo autor logo no início da trama. Na parada na vila de Épinal, depois de bastante caminharem e serem apresentados a alguns aspectos culturais da região, formadores de geograficidades, como espécies de peixes endêmicos, de pinheiros, fenômenos naturais, paisagens, ofícios, tudo isso num emaranhado de lições de moral e de bons modos, os garotos conhecem madame Gertrude, uma senhora viúva que perdera o filho na guerra e que vivia só. Esta seção do livro, que vai do capítulo XVII, à página 43, até o capítulo XXVIII, à página 61, é bastante interessante do ponto de vista do entendimento do conceito de educação pelo autor.

G. Bruno faz suas personagens se instalarem por um mês na pequena vila, em casa de madame Gertrude, para que pudessem arrecadar alguns fundos para a viagem. André logo se apresenta a um mestre serralheiro da região e se engancha em um emprego; Julien, incentivado por madame Gertrude, inicia na escola da vila, pelo período da manhã e, no inverso, ao invés de “vagabundear”, como escreve o autor, sempre trabalha junto à velha senhora. No capítulo XXI, por exemplo, o autor esclarece que madame Gertrude quando moça fora professora primária e por isso era a mais adequada para ajudar Julien com seus afazeres escolares. Ela lhe recomendava sempre a biblioteca da escola, cujos livros eram indicados somente aos alunos mais aplicados, como Julien. A todo o momento ressalta-se o incentivo pela prática da leitura e o quanto a França vinha investindo na construção e formação de bibliotecas em todo o país, para instruir o povo, evidentemente, com livros fornecidos pelo Estado; o próprio *Le tour de la France par deux enfants*, por exemplo, posteriormente, faria parte deste endosso, como livro que seria fornecido nas escolas públicas do país. O diálogo entre madame Gertrude e Julien revela estes aspectos:

— Julien, as escolas, os cursos para adultos, as bibliotecas escolares são benesses de tua pátria. A França quer que todos os seus filhos sejam dignos dela e cada dia ela aumenta o número de suas escolas

e de seus cursos; ela funda novas bibliotecas, prepara mestres para conduzir a juventude.

— Oh, disse Julien, eu amo a França de todo o meu coração! Eu gostaria que ela fosse a primeira nação do mundo. [...] ²⁰ (BRUNO, 1877, p. 45 – tradução livre).

Representada pelo livro impresso, a língua escrita desempenha também papel importante na fixação de identidades no espaço geográfico pelo leitor, as geograficidades. Ainda na situação da passagem pela vila de Épinal, os garotos tomam contato com as qualidades que se vão apresentando como caracteres identitários dos lugares visitados, de modo que, uma vez vistos, para sempre serão lembrados. Nestas seções, que se desenvolvem de maneira semelhante em todo o restante do livro para os demais locais contatados, o conceito de Geografia como ciência se aplica no sentido de um determinismo geográfico pela relação espaço natural-espaço humanizado, embora já denotando vias de superação daquele pelo desenvolvimento e pelo progresso científico. Assim, a exuberância do meio natural, as riquezas do espaço como fonte de matérias-primas para o progresso econômico bem como as suas possibilidades de uso e exploração, fornecem ao leitor uma perspectiva de conhecimento geográfico pautada em uma visão científica e de descrição de lugares, processos esses que desempenham uma função de extrema importância em um momento em que fixar pensamentos urgia para a solidificação de poderes que vinham, há muito, tentando consolidar-se em nome da necessidade de um espaço para a nação:

²⁰ - Julien, les écoles, les cours d'adultes, les bibliothèques scolaires sont des bienfaits de votre patrie. La France veut que tous ses enfants soient dignes d'elle, et chaque jour elle augmente le nombre de ses écoles et de ses cours, elle fonde de nouvelles bibliothèques, et elle prépaire des maîtres savants pour diriger la jeunesse.

- Oh! dit Julien, j'aime la France de tout mon cœur! Je voudrais qu'elle fût la première nation du monde. [...] (BRUNO, 1877, p. 45).

Entre os processos que mais têm força na literatura para a mitificação, há que destacar a recorrência. É a chave do rito que institui os significados dos mitos. Nesse sentido, a **descrição é perfeita** para a instauração desses, **porque permite a repetição ritualizada**, assim como o estabelecimento de ligações intertextuais. Além disso, é esquemática, o que facilita dito processo. Sobretudo, permite implicar ou identificar o leitor com uma nação concreta, graças ao rito que representa o próprio ato de leitura do texto descritivo.²¹ (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 178 – grifo nosso - tradução livre).

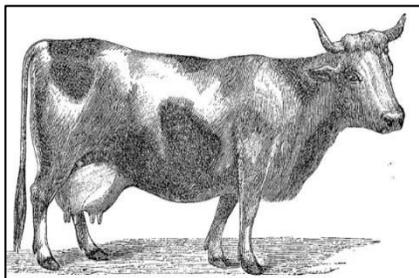
Os conceitos geográficos de paisagem e de lugar, que no texto são os mais fortemente trabalhados a partir da visão científica de uma relação de causa e efeito para o jovem leitor, aparecem ilustrados por imagens associativas entre um espaço e sua função. Por exemplo, a ilustração referente à vaca Bretona, associada à da fabricação de manteiga e laticínios bem como a imagem do vale fértil acompanhada da sua descrição climática favorável ao pastoreio, fornecem ao leitor uma leitura do espaço geográfico regional pautada na identidade fortemente definida por suas funções e usos econômicos. Além disso, vêm reforçadas ideologicamente pela linguagem escrita como materialidade do discurso defendido pelo autor, a partir de descrições como “A França possui um grande número de excelentes vacas leiteiras...”²² (BRUNO, 1877, p. 31 – tradução livre) e “A França produz manteigas excelentes [...] exportadas para Alemanha e

²¹ “Entre los procesos que más fuerza tienen en la literatura para la mitificación, hay que destacar la recurrencia. Es la clave del rito que instituye los significados de los mitos. En este sentido, la descripción es perfecta para la instauración de éstos, porque permite la repetición ritualizada, así como el establecimiento de ligazones intertextuales. Además, es esquemática, lo que facilita dicho proceso. Sobre todo, permite implicar o identificar al lector con una nación concreta, gracias al rito que representa el propio acto de lectura del texto descriptivo.” (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 178).

²² “La France possède un grand nombre d’excellentes vaches laitières...” (BRUNO, 1877, p. 31).

Inglaterra.”²³ (BRUNO, 1877, p. 33 – tradução livre) entre outras. As figuras 3, 4 e 5, seguintes, ilustram essas constatações:

Figura 3 - Vaca Bretona



Fonte: BRUNO, 1877, p. 31.

Figura 4 - A leiteira e a fabricação da manteiga



Fonte: BRUNO, 1877, p. 33.

Figura 5 - Desfiladeiro do Vosges



Fonte: BRUNO, 1877, p. 35

Essa notificação se verifica no apontado pelo pesquisador Vila Vázquez (2009), que indica que o discurso literário tem a

²³ “La France produit d’excellents beurres [...] on les expédie jusqu’en Allemagne et en Angleterre.” (BRUNO, 1877, p. 33).

capacidade de incidir sobre o imaginário, cuja importância ao reforço do nacionalismo entre os leitores acontece aí. Por sua vez, o nacionalismo:

[...] se relaciona com o processo de mitificação através da retórica, os símbolos ou os sentimentos, com o que na atualidade se lhe deu uma conotação negativa, embora no romantismo havia tido uma posição preeminente com o apoio da irracionalidade. Em contraposição, a ideologia estaria ligada à racionalidade, à ciência e à criação da verdade através da dialética.²⁴ (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 173 – tradução livre).

Se a ciência introduz uma verdade para o espaço geográfico, é possível admitir, desse modo, que a paisagem se relaciona com a criação de um mito espacial, tornando-se ela uma personagem, e também com a criação de uma nação com base na construção de uma racionalidade dada por um discurso oficial cientificizado, veiculado pela letra fortemente carregada de positivismo do autor semanalmente dirigida à criança leitora do período. Pode-se considerar, inclusive, que esse processo mitificador de construção da nação seja considerado como um ato de poder dos grupos dominantes “claramente intencional e ao que se intenta atribuir um caráter atemporal, quando na realidade se trata de uma construção histórica.”²⁵ (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 174 – tradução livre). Segundo esse pesquisador:

²⁴ “[...] se relaciona con el proceso de mitificación a través de la retórica, los símbolos o los sentimientos, con lo que en la actualidad se le ha dado una connotación negativa; aunque en el romanticismo había tenido una posición preeminente con el apoyo de la irracionalidad. En contraposición, la ideología estaría ligada a la racionalidad, a la ciencia y a la creación de la verdad a través de la dialéctica.” (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 173).

²⁵ “[...] claramente intencional y al que se intenta atribuir un carácter atemporal, cuando en realidad se trata de una construcción histórica.” (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 174).

[...] a paisagem teria uma construção histórica e mítica simultânea à da nação e serve a esta como enlace direto com o físico, como uma conceitualização social e imaginária relacionada com a paisagem e a nação, ao passo que a identidade seria uma “construção discursiva”, resultado da confrontação dos interesses dos grupos de poder e da resistência a esses.²⁶ (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 174 – tradução livre).

Quanto ao conceito de lugar, a narrativa o traz associado a um ambiente que remete ao espaço familiar, de memória e de lembrança, como exemplo de conduta moral a ser perseguida pelo jovem leitor, de modo a fazer do narrador um conselheiro que aconselha não pela própria experiência de vida, mas a partir de um viés moralizante. Como exemplo, o capítulo XVI — “Os conselhos da fazendeira antes da partida. — Os rios da Lorena. — As lembranças da terra natal” (p. 34) vem introduzido por uma frase de teor moralizante sobre o respeito devido à terra natal e ao espaço familiar: “Que a lembrança de nossa terra natal, unida a de nossos pais, esteja sempre viva em nossos corações.”²⁷ (BRUNO, 1877, p. 34 - tradução livre).

Em relação ao autor, ou melhor, autora do livro, alguns sinais presentes em sua biografia permitem uma análise que leva à compreensão dos caminhos por ela adotados na escrita de seu livro. A seu respeito, não há muitas informações. Augustine Fouillée, figura 6, segundo Pierre Bardot, escritor do posfácio do livro em 1977, cem anos após a publicação da primeira edição, “mostrava-se muito discreta apesar da expressiva vendagem de seu texto.” (BRUNO, 1877, p. 313). No posfácio do *Le tour de la France par deux enfants*, tem-se que Augustine Fouillée pedira a seu marido, o filósofo Alfred Fouillée que

²⁶ [...] el paisaje tendría una construcción histórica y mítica simultánea a la de la nación, y sirve a ésta última como enlace directo con lo físico, como una conceptualización social e imaginaria relacionada con el paisaje y la nación, mientras que la identidad sería una ‘construcción discursiva’, resultado de la confrontación de los intereses de los grupos de poder y de la resistencia a éstos.” (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 174).

²⁷ “Que le souvenir de notre pays natal, uni à celui de nos parents, soit toujours vivant en nos coeurs.” (BRUNO, 1877, p. 34).

levasse seu livro às edições Belin para uma possível publicação, já que não tinha formação universitária nem outro tipo de estudo que pudesse ser comprovado, requisito mínimo para publicar à época. Deste modo, com a intenção de fazer seu livro ser publicado, Augustine Fouillée resolvera que seria melhor entregá-lo a seu marido sob o pseudônimo de um homem desconhecido, G. Bruno, dizendo-lhe que o livro lhe caíra em mãos pelo autor do livro, história que ela a ele inventara e que mais tarde lhe esclarecera. Assim, seu marido levava o livro para a casa editorial, pensando que a obra fora realmente escrita por um homem culto.

Figura 6 - Augustine Fouillée



Fonte: <<http://www.ecolepouilly.free.fr>>.
Acesso em: 13 jul. 2015

Inicialmente publicado em versões *fac-símile*, o livro de Fouillée alcançou excepcional sucesso de tiragens, chegando à marca dos 8.600.000 exemplares vendidos até os dias atuais; como exemplo do sucesso editorial alcançado pelo livro, até o ano de 1913 haviam sido impressas 366 edições. Segundo Jean-Pierre Bardot (1977), o livro foi de excepcional importância em um momento em que a República ou o Estado francês precisava e desejava separar-se da Igreja e aparelhar-se ideologicamente; assim, uma escola gratuita e pública seria uma via importante e satisfatória para esse intento, prezando pela laicidade e pela concentração de poderes

nas mãos do Estado. Esta vontade da França em libertar-se da Igreja inicia-se ainda na década de 1830, e se alastra para todos os demais países que lhe tomavam como pináculo cultural e intelectual, incluindo o Brasil de Monteiro Lobato.

Em vista destas colocações, compreendemos que o *Le tour de la France par deux enfants* foi mais que um simples livro de literatura didática para crianças em fase de letramento. No sentido atribuído por Cevasco (2003), o referido livro insere-se na história como produto cultural e pode ser considerado como um objeto portador de ideologia, cultura e valor, considerando que “as formas de vida de uma sociedade moldam seus produtos e obras.” (CEVASCO, 2003, p. 65). Somado a esta colocação, o *Le tour de la France par deux enfants* coloca-se também como uma literatura de denúncia, tal como fizera Lobato com a sua *Geografia*.

Mais que um livro de iniciação a um conhecimento acerca do espaço geográfico, o *Le tour de la France par deux enfants* coloca-se como referência na construção de uma ideia de nação ao povo francês que cumpre fortemente com o papel de promover uma ideologia nacionalista e nacionalizante entre a juventude leitora. Como apresenta o pesquisador Manal Hosny (2009), o *Le tour de la France par deux enfants* ambiciona a posição de romance da nação francesa, posição que pode ser reforçada pelo seu pioneirismo no nicho da literatura de itinerário:

[...] o *Le tour de la France par deux enfants* não é unicamente um romance de iniciação do gênero clássico. Há igualmente a ambição de ser um romance da nação, um “Livro-nação” tal como sonhara Goethe para a Alemanha, uma espécie de Bíblia laica e nacional que resumia o gênio da nação e punha em relevo seus pontos fortes e suas virtudes.²⁸ (HOSNY, 2009, p. 8 – tradução livre).

²⁸ “[...] *Le tour de la France par deux enfants* n’est pas uniquement un roman d’initiation du genre classique. Il a également l’ambition d’être un roman de la nation, un “*Livre-nation*” comme celui dont rêvait Goethe pour l’Allemagne, une sorte de Bible laïque et nationale qui résumerait le génie de la nation et mettrait en relief ses atouts et ses vertus.” (HOSNY, 2009, p. 8).

No entanto, não podemos atribuir à escrita de Augustine Fouillée um movimento literário tal como o elaborado por Lobato com a sua desliteraturização. Seu vínculo com os cânones da escrita atribuem-lhe um ar mais de literatura engajada com o compromisso da revolução social e política que literária propriamente. Entretanto, trabalha na persecução de um posicionamento político embutido em uma linguagem de interferência sub-reptícia; deste modo, cita Deus, mas não o catolicismo; cita os homens bons e corajosos da pátria, mas não cita os reis e monarcas.

Assim como Lobato, G. Bruno faz da literatura uma plataforma para lançar suas ideias e desejos para com seus leitores e, embora tenham objetivos comuns, os disseminam de maneiras bastante distintas. Se por um lado G. Bruno preocupa-se em formar cidadãos — como o próprio nome de seu livro propõe “Dever e pátria” (*Devoir et patrie*) que deem corpo à ideia de nação por meio das demonstrações constantes de amor à pátria, de sua defesa *incontinenti*, por meio do trabalho esforçado e da instrução para o serviço, ou da educação para o trabalho, Lobato, por sua vez, caminha no sentido oposto, o da liberdade de pensamento e da tomada de posições pelo jovem leitor.

O exemplar do *Le tour de la France par deux enfants* que analisamos trata-se de um livro impresso no ano de 2008, mas com texto integral e original de 1877. Está composto por 330 páginas em preto e branco com mais de duzentas ilustrações, também em preto e branco, que dão um ar de enciclopédia ao livro, numa época em que o conhecimento enciclopédico estava em voga, especialmente o geográfico, mais fácil de ser moldado neste formato e de se assimilar pelas crianças leitoras, tal como no exemplo associativo entre lugar e função. A pesquisadora Martine Watrelot define o livro da seguinte maneira:

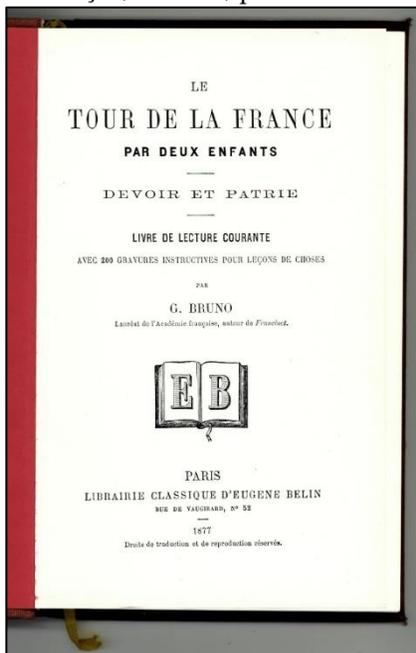
[...] Posicionando-se sob a égide do “Dever e Pátria”, subtítulo dado ao “Le tour de la France par deux enfants” a segunda produção da professora primária responderá ao objetivo de educação moral dos

professores apologistas do saber, do trabalho de associação, da justiça, da liberdade, do sentimento religioso, do dever, da pátria. **Ela conceberá sob uma roupagem narrativa uma enciclopédia para uso dos estudantes.** [...] G. Bruno dará a encontrar em cada uma das etapas — que não negligenciam nenhuma região francesa — o itinerário de dois garotos como pretexto à lição de coisas, de moral, de geografia. [...] A celebração das províncias, constante na obra, permite dar ao jovem uma ideia menos abstrata do território nacional; a soma das províncias (das quais duas viriam a ser anexadas) forma a pátria geográfica concebida como um resultado, uma união, uma soma de vontades individuais, um devir.²⁹ (WATRELOT, 1999, p. 311-312 – grifo nosso – tradução livre).

As figuras 7 e 8, na sequência, comparativas entre as capas da edição de 1877 e da edição de 2008 revelam as diferenças estéticas do livro:

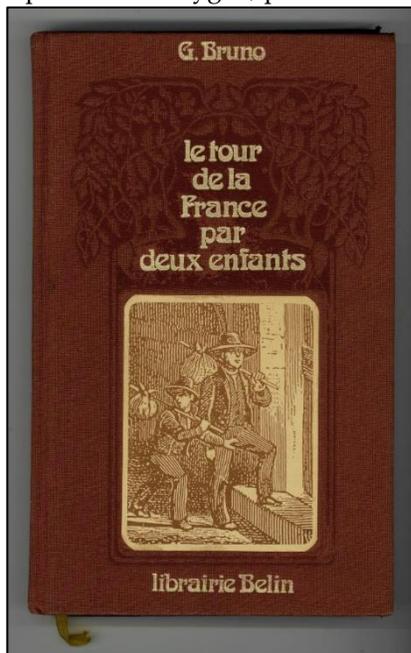
²⁹“[...] Se plaçant sous l’égide de ‘Devoir et Patrie’, sous-titre donné au ‘Tour de la France par deux enfants’ la seconde production de l’institutrice répondra au souci d’éducation morale des enseignants qui font l’apologie du savoir, du travail de l’association, de la justice, de la liberté, du sentiment religieux, du devoir, de la patrie. Elle concevra sous un habillage narratif une encyclopédie à l’usage des élèves. [...] G. Bruno imaginera de trouver dans chacune des étapes – qui ne négligeront aucune région française – de l’itinéraire des deux enfants pretexte à leçon de choses, de morale, de géographie. [...] La célébration des provinces, constante dans l’ouvrage, permet de donner à l’enfant une idée moins abstraite du territoire national; la somme des provinces (dont deux viennent d’être annexées) forme la patrie géographique conçu comme un aboutissement, une union à faire, une somme de volontés individuelles, un devenir.” (WATRELOT, 1999, p. 311-312).

Figura 7 - Capa da primeira edição, de 1877, para Belin



Fonte: GRACIOLI, 2018

Figura 8 - Capa da edição de 2008 por Roland Leygue, para Belin



Fonte: GRACIOLI, 2018

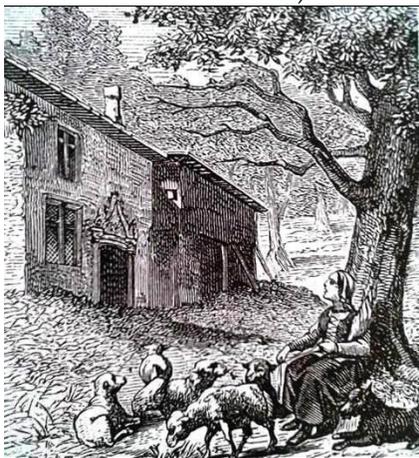
A grande quantidade de páginas do livro conduz à indagação sobre quem seriam as crianças leitoras do final do século XIX, afinal, compreendemos que 330 páginas seja um número exagerado para um leitor de primeiras letras. Para além de sua importância em número de tiragens, feito extraordinário para um livro de literatura infantil sob as condições tipográficas da época, como um verdadeiro monumento, o *Le tour de la France par deux enfants* pode ser comparado a outros símbolos importantes na construção de identidades nacionais, como aponta o pesquisador Alain Choppin (2004) a respeito das funções do livro, no caso didático, sendo a ideológica e cultural a mais antiga delas. Embora inicialmente não tenha sido concebido para uso didático, o livro em análise figurou mais tarde, especialmente a partir do século XX, como livro corrente entre as escolas públicas francesas:

[...] A partir do século XIX, com a constituição dos estados nacionais e com o desenvolvimento, nesse contexto, dos principais sistemas educacionais, o livro didático se afirmou como um dos **vetores essenciais da língua**, da cultura e dos valores das classes dirigentes. Instrumento privilegiado de construção de identidades, geralmente ele é reconhecido, assim como a moeda e a bandeira, como um símbolo da soberania nacional e, nesse sentido, assume um importante papel político. (CHOPPIN, 2004, p. 553 – grifo nosso).

Na continuidade da argumentação sobre o paradigma por ser “descoberto”, apresentado por Carlo Ginzburg quando assinala que os saberes captáveis a partir da atenção aos indícios se apresentam como formas de saber tendencialmente mudas, de modo que não constituem saberes modulados por regras formais, entendemos que os detalhes de um livro como o tipo de papel utilizado, a fonte empregada, a numeração das páginas, as margens, tudo o que passa despercebido também merece atenção em uma leitura.

A informação que mais chama a atenção em uma análise inicial do livro está na quantidade de gravuras que traz — duzentas — o que para a época representara um grande feito estético, mas, sobretudo, ideológico de reafirmação da proposta de fazer conhecer um território pelas suas características mais elogiáveis, além de um significativo avanço no campo da literatura considerada para crianças. Tanto isso se confirma na observação de que as ilustrações são todas referentes à história da França até o final do século XIX, expostas de modo que a criança leitora ou o seu leitor pudesse entrar em contato com a realidade visual do país, ou melhor, das belezas, benesses, ações cotidianas, riquezas, personagens ilustres etc., que edificavam e davam corpo ao ideal de nação pretendido a ser promulgado entre as crianças e estudantes. As figuras 9, 10, 11 e 12, na sequência, ilustram essas situações:

Figura 9 - La maison de Jeanne Darc (A casa de Joana d'Arc, heroína nacional)



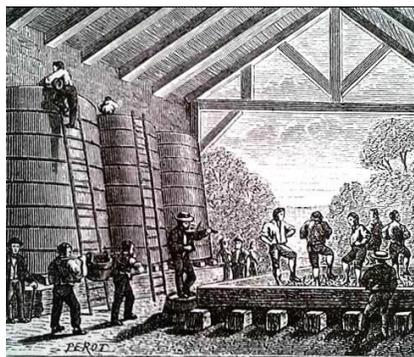
Fonte: BRUNO, 1877, p. 59

Figura 11 - Vercingétorix (Gaulês defensor da França, séc. I a.C.)



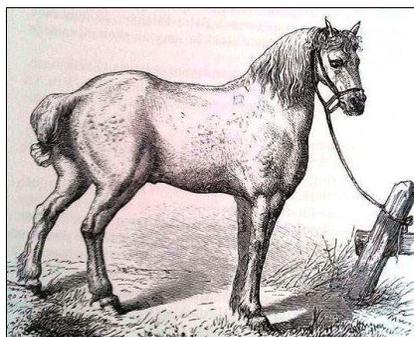
Fonte: BRUNO, 1877, p. 136

Figura 10 - La fabrication du vin (A fabricação do vinho)



Fonte: BRUNO, 1877, p. 103

Figura 12 - Le cheval de trait (Cavalo de tração)



Fonte: BRUNO, 1877, p. 74

Tanto importa refletir sobre estas informações que, ao pensarmos sobre o custo despendido por uma editora para acrescentar ilustrações a uma obra, dado que cada uma necessita de matriz própria, em um tempo e com tecnologias diferentes das atuais, podemos perceber o quanto representou esse feito à época. Afinal, duzentas ilustrações ao longo de um texto cujo objetivo é o de “lembrar para não esquecer”, soam bastante eficientes para este propósito. Também, não apenas lembrar para não esquecer, mas também, e principalmente, criar aquilo que é mais importante em um texto geográfico como o referido, uma geograficidade, ou seja, recuperando os termos de Dardel (2011) situar as coisas, fatos e feitos no espaço, atribuindo-lhes uma vinculação entre o sujeito da experiência e o lugar, o espaço geográfico. E este propósito reafirma-se muito bem a partir do uso das ilustrações em quantidade, dado o seu poder visual de firmar, afirmar e reafirmar para as crianças que nada sabem sobre a importância de uma paisagem natural, de uma cidade, de uma vila produtora de leite, de aço, ao modo como coloca Oriá (2011): “livros infantis sempre tiveram ilustrações, sobretudo nas capas, que serviam para despertar nas crianças o interesse por esse objeto cultural.” (ORÍÁ, 2011, p. 173).

Em relação ao recurso dos mapas e cartas geográficas, ao todo o *Le tour de la France par deux enfants* traz 18 cartas ao longo de suas páginas. Pela relação com o todo das imagens presentes no livro, duzentas, é de se considerar que cerca de vinte mapas bem substantifiquem a perspectiva do autor em relação ao seu propósito de inculcar um nacionalismo para crianças. Como aponta Jacinto (2015):

Munidos de um mapa nunca ficamos desarmados, entregues a nós próprios, à mercê do desconhecido: é um recurso que, embora simplifique e reduza as formas do relevo e os elementos humanos (terras de cultivo, vias de comunicação, habitat etc.), **estimula o gosto pela paisagem, fornece referências fundamentais para ler e interpretar o território.** (JACINTO, 2015, p. 26-27 – grifo nosso).

Ainda que sua importância seja imprescindível ao conhecimento e a um controle mais próximo da vida de relações de

um território, no entanto, o que percebemos é que se tratam de cartas ilustrativas das regiões em que os protagonistas iam contatando, fazendo alusão a alguma descrição acerca das principais cidades, vilas e atividades econômicas contatadas, tal como trabalhado na *Geografia de Dona Benta*, sem a intenção de criar leitores de mapas. Além disso, os mapas vêm reproduzidos em preto e branco e não oferecem necessariamente uma escala adequada para o leitor situar-se espacialmente; o exemplo da carta da região de Orléanais, figura 13, denota a dificuldade de situação e de comparação entre regiões a partir do elemento escala:

Figura 13 - Carta da região de Orléanais, noroeste francês.

Na introdução ao respectivo capítulo (CXIX) lê-se a seguinte frase: “Os males da guerra não terminam com ela; são as ruínas que ela deixa em seu rastro ao passar por algum lugar!”



Fonte: BRUNO, 1877, p. 300

A se pensar no propósito de empoderamento que a perspectiva apresentada nas cartas e mapas do *Le tour de la France par deux enfants* revela, compreende-se a importância que a vista superior conota a um território ou paisagem, no sentido de que “olhar de cima” restringe-se na contemporaneidade do século XIX e XX a uma função destinada a Deus e ao Estado, preponderantemente, mas não exclusivamente. Também, não se pode deixar de notar a força da língua e da linguagem a estas representações gráficas associadas, no quesito da rememoração constante pelo leitor dos deveres para com a pátria.

Todos os capítulos do *Le tour de la France par deux enfants* trazem, após seus títulos, uma frase como a apresentada na sequência da figura 13, todas com teor moral, lições de experiência de vida ou de aconselhamento, sobretudo. São estas frases que introduzem o conteúdo dos capítulos e preparam o leitor para uma reflexão, contendo em si muito poder: sintetizam todo um ensinamento com o objetivo de não o fazer esquecer. Também as frases seguintes, introdutórias dos capítulos XXXV e XXXVI, respectivamente, revelam aspectos da valorização de uma geograficidade e de uma historicidade na França no período dos 1870: “quanto nos pouparíamos uns aos outros se soubéssemos sempre nos ouvir e nos auxiliar no trabalho” (BRUNO, 1877, p. 76 – tradução livre) e “o país mais feliz será aquele onde haverá mais acordo e união entre os seus habitantes.”³⁰ (BRUNO, 1877, p. 79 – tradução livre).

Para completar a análise inicial a respeito da promoção de uma identidade nacional e de uma ideologia nacionalizante entre a juventude leitora francesa do final do século XIX, a figura dos heróis nacionais vem para reforçar este propósito. Se na *Geografia de Dona Benta* o herói nacional se faz a partir da figura do espaço geográfico, no *Le tour de la France par deux enfants* estes virão representados por

³⁰ “Que de peine nous nous épargnerions les uns aux autres, si nous savions toujours nous entendre et nous associer dans le travail!” (BRUNO, 1877, p. 76); “Le pays très heureux sera celui où il y aura le plus d’accord et d’union entre les habitants.” (BRUNO, 1877, p. 79).

figuras humanas de homens, somente: são filósofos, grandes pensadores, homens de letras, de comércio, de finanças, de governo e inventores que deram à França sua contribuição. À exceção, apenas a figura de Joana D'Arc aparece como heroína.

Associada ao papel de reforço ideológico desempenhado pela língua como veículo da moral do “bem e do mal”, a presença da figura humana sempre destacada por imagens de seus bustos traz ao leitor uma identificação instantânea com exemplos a serem seguidos como modelos de retidão e, sobretudo, de contribuição à pátria. À diferença do Brasil, para o qual a mistura de culturas e modos de ser influenciou enormemente a formação do povo brasileiro, para o contexto francês, é provável apontar que a menor multiplicidade de raças e povos forneceu maiores possibilidades de identificação com personalidades que pudessem representar o papel de agregadoras de um sentimento nacionalista entre o povo, sem deixar de mirar para o que aponta o pesquisador Peter Burke ao salientar a permanência das culturas menos influenciáveis por um pensamento que tende a se propor universal:

[...] Uma cultura não é homogênea. Talvez existam culturas que são mais ou menos homogêneas, mas são culturas muito pequenas, que contam com uns milhares de pessoas, como, por exemplo, a cultura dos tupinambás. No entanto, quando falamos de cultura inglesa, francesa, brasileira, é impossível pensar em homogeneidade. Existem sempre o que os sociólogos chamam de subculturas, variações. (BURKE, 1996, p. 2).

Para o pesquisador José Murilo de Carvalho os heróis são símbolos poderosos, encarnações de ideias, instrumentos eficazes para atingir a cabeça e o coração dos cidadãos, legitimando regimes políticos e que, quando pensados a partir de uma língua que lhes funcione como instrumento de validação e legitimação social, terminam por “cair no gosto” do povo. Nas palavras do pesquisador:

Não há regime que não promova o culto de seus heróis e não possua seu panteão cívico. Em alguns, os heróis surgiram quase espontaneamente das lutas que precederam a nova ordem das coisas. Em outros, de menor profundidade popular, foi necessário maior esforço na escolha e na promoção da figura do herói. É exatamente nesses últimos casos que o herói é mais importante. A falta de envolvimento real do povo na implantação do regime leva à tentativa de compensação por meio da mobilização simbólica. [...] Herói que se preze tem de ter, de algum modo, a cara da nação. Tem de responder a alguma necessidade ou aspiração coletiva, refletir algum tipo de personalidade ou de comportamento que corresponda a um modelo coletivamente valorizado. Na ausência de tal sintonia, o esforço de mitificação de figuras políticas resulta vão. Os pretendidos heróis serão, na melhor das hipóteses, ignorados pela maioria e, na pior, ridicularizados. (CARVALHO, 2011, p. 55-56).

Neste sentido apontado por Carvalho, do herói como “cara da nação”, G. Bruno investe de maneira significativa na promoção de personalidades que de algum modo construíram a nação francesa ao criar a situação de aprendizagem dos grandes vultos pela figura de Julien, o garoto mais jovem e em fase de letras. Ao longo da viagem, os garotos chegam a casa de senhora Gertal, que lhes oferece abrigo e educação. Na relação desempenhada entre as personagens, a senhora dá a Julien um livro em que se podem notar personalidades e seus retratos, uma metalinguagem utilizada pelo autor na narrativa que lhe atribui um ar de reforço à função tanto da linguagem escrita e gráfica pelo instrumento do livro, quanto do exercício de fixação de modelos de conduta a serem seguidos.

A situação vem descrita pelo autor da seguinte maneira: ao dar a conhecer a situação de orfandade dos garotos, portanto, destituídos de uma identidade e de afeto ou mesmo de raízes, a senhora lhes oferece ouvidos e lhes doa o livro das personalidades, que simbolicamente vem a significar a possibilidade de um encontro de raízes perdidas:

Dando a conhecer que o garoto era órfão e vinha da Alsácia-Lorena, a senhora sentiu-se comovida. Ela abriu seu armário e lhe apresentou um livro que estava sobre uma prateleira:

— Tome, pequenino, disse-lhe, eu te dou este livro: ele trata da França que você tanto ama e dos grandes homens que ela criou. Leia-o: agora ele é teu; nele há histórias que lhe instruirão e lhe darão o desejo de ser, um dia, útil à tua pátria.

Os olhos de Julien brilharam de contentamento. O garoto agradeceu a senhora de todo seu coração e, com o livro sob o braço, voltou a comer as uvas da Borgonha que lhe havia oferecido.³¹ (BRUNO, 1877, p. 102 – tradução livre).

As figuras 14 e 15, na sequência, ilustram alguns dos vultos históricos destacados pelo autor:

³¹“En apprenant qu’il était orphelin et venait de l’Alsace-Lorraine, la dame se sentit tout émué. Elle ouvrit son armoire, et lui présentant un livre qui était sur une planche:

- Tenez, mon enfant, lui dit-elle, je vous donne ce livre: il parle de la France que vous aimez et des grands hommes qu’elle a produits. Lisez-le: il est à votre portée; il y a des histoires et des images qui vous instruiront et vous donneront, à vous aussi, l’envie d’être un jour utile à votre patrie.

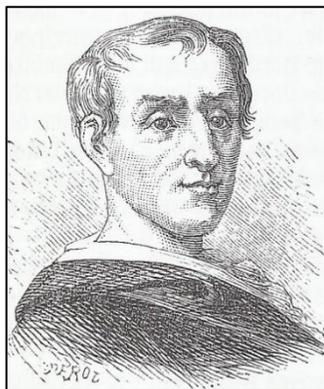
Les yeux de Julien brillèrent de plaisir: il remercia la dame de tout son coeur et s’en retourna, son livre sous le bras, en mangeant pour se reposer une grappe du bon raisin de la Bourgogne que la dame lui avait offerte.” (BRUNO, 1877, p. 102).

Figura 14 - Vauban, conselheiro do rei Luís XIV e grande aliado do povo francês (séc. XVII)



Fonte: BRUNO, 1877, p. 107

Figura 15 - Montesquieu, tratado pelo autor por seu papel de abolidor da escravatura sem, no entanto, citar o movimento Iluminista ou a Revolução Francesa na qual figurou como intelectual (séc. XVIII)



Fonte: BRUNO, 1877, p. 216

A se pensar ainda na situação de busca por referências de peso na construção de um ideário nacionalista, embutida na figura humana dos heróis nacionais cabe a reflexão sobre o papel do trabalho na construção deste ideário que, no pensamento do autor coloca-se ele próprio como o herói da nação, assim como em Lobato, para quem o espaço geográfico assume a função de salvaguarda nacional. Tal como aponta a pesquisadora Watrelot, na observância sobre a função da narrativa de G. Bruno:

[...] trata-se de descrever uma França do trabalho. [...] A senhora Fouillée “põe-se com desenvoltura a descrever os operários” [tal como André, a personagem mais velha]; uma vez que seu livro é destinado àqueles que permaneceram no país, poderíamos

negligenciar o fato de ela ter heroicizado um jovem serralheiro?³² (WATRELOT, 1999, p. 312 – adaptado – tradução livre).

Não apenas como caminho para a salvação do povo, o trabalho vem associado ainda na narrativa do autor como caminho de retidão moral e de aceitação social, tal como disseminado no imaginário social da época. Pela escrita expressada no *Le tour de la France par deux enfants*, é possível experimentar o processo de constituição de um imaginário social do trabalho como salvaguarda nacional a partir da linguagem literária e da linguagem gráfica. Conforme atesta o pesquisador Charles Taylor (2010) o imaginário social é, “em qualquer época, complexo”; além disso:

Incorpora um sentido das expectativas normais que temos uns dos outros, o tipo de compreensão que nos possibilita levar a cabo práticas colectivas que constituem a nossa vida social. Isto inclui algum sentido do modo como todos nos ajustamos a exercitar a prática comum. Semelhante compreensão é, ao mesmo tempo, factual e normativa; ou seja, temos um sentido de como as coisas habitualmente se passam, mas ele está entretecido com uma ideia de como elas deviam ser, de que falsos passos invalidariam a prática. (TAYLOR, 2010, p. 31-32).

Como exemplo destas constatações, a passagem seguinte, extraída do capítulo XVII revela sinais desta ideologia do trabalho a ser incorporado como prática coletiva e como caminho de amor ao bem-comum para a permanência do sentido de nação: “Você quer ganhar a confiança daqueles que você não conhece? Trabalhe. A gente estima sempre aqueles que trabalham.”³³ (BRUNO, 1877, p. 37 – tradução livre) e, ainda, percebido como caminho para o

³² “[...] ils’agit aussi de décrire une France au travail. [...] Madame Fouillée ‘met un brin de désinvolture à décrire les ouvriers’ car son livre est destiné à ceux qui resteront à la campagne, peut-on autant négliger le fait qu’elle ait héroïcisé un jeune serrurier?” (WATRELOT, 1999, p. 312).

³³ “Voulez-vous mériter la confiance de ceux qui ne vous connaissent pas? travaillez. On estime toujours ceux qui travaillent.” (BRUNO, 1877, p. 37).

progresso científico (capítulo XXXIX): “Está vendo Julien, como o amor à ciência é uma coisa bela, porque ele dá a coragem de arriscar a própria vida por se instruir e instruir aos outros.”³⁴ (BRUNO, 1877, p. 90 – tradução livre).

³⁴ “Tu vois petit Julien, comme l’amour de la science est une belle chose, puis qu’il donne le courage de risquer sa vie pour s’instruire et pour instruire les autres.” (BRUNO, 1877, p. 90).

CAPÍTULO 3

Aproximações e distanciamentos: um diálogo entre os livros estudados

Em função das análises individuais realizadas para cada livro eleito para investigação, propomos na seção que segue um estudo de caráter mais aproximativo entre as duas produções. O quadro 1, na sequência, resume de modo comparativo os temas discutidos ao longo das análises individualizadas e que se colocam de modo aproximado ou distanciado entre si, e revelam indícios que conduzem a investigação proposta por caminhos persecutórios da hipótese de pesquisa.

Quadro 1 - Comparativo entre temas dos livros estudados

QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS LIVROS ESTUDADOS		
TEMAS	GEOGRAFIA DE DONA BENTA (1935)	LE TOUR DE LA FRANCE PAR DEUX ENFANTS (1877)
NACIONALISMO E IDENTIDADE NACIONAL	<ul style="list-style-type: none">- Amor à pátria e ao bem-comum- Exuberância do espaço natural- Riqueza do meio natural como fonte de progresso econômico- Pautados no cientificismo e no positivismo lógico- Ideia de povo brasileiro: ressalva à mestiçagem, porém há	<ul style="list-style-type: none">- Amor à pátria e ao bem-comum- Exuberância do espaço natural- Riqueza do meio natural como fonte de progresso econômico- Pautados no cientificismo e no positivismo lógico- Conduz à identificação da pátria com a própria vida do

	<p>predileção do autor pelo modo de vida do homem branco europeu e americanizado</p>	<p>leitor por meio da vida das personagens</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ideia de povo: um grupo unificado somente pelo <i>modus vivendis</i> francês. Não há espaço para diversidade cultural/racial
<p>HERÓIS NACIONAIS</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Não aparecem no texto personalizados por figuras humanas - O espaço geográfico é o próprio herói da nação 	<ul style="list-style-type: none"> - Aparecem personalizados por figuras humanas - Desempenham papel de “exemplo a ser seguido” pelo jovem leitor - Modelo de retidão de espírito e moralidade - O trabalho desempenha papel de herói da nação
<p>LÍNGUA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalhada no sentido da compreensão facilitada pelo jovem leitor: a eliminação do rebuscamento da língua - Aproximação com a oralidade - Ausência de moralismo dualista no aspecto da conduta social, mas presente na vida econômica - Orientada para a criação de 	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizada como meio de reforço de uma identidade universal para todos os grupos culturais (unificação pela língua) - Orientada para a criação de geograficidades (sentimento de identificação do leitor com os espaços franceses) - Associada às categorias geográficas

	<p>geograficidades (sentimento de identificação do leitor com os espaços, sobretudo brasileiros)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Associada às categorias geográficas de lugar e de território 	<p>de lugar e de território</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pautada no moralismo dualista de “bem e mal”, sobretudo quanto a condutas sociais a serem seguidas pelo leitor
<p>LITERATURA</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Narrativa pautada na deslitteraturização do texto: criação de reconhecimento e apropriação do texto pelo jovem leitor - Narrador tece aconselhamentos e orienta-se pela experiência de vida - Fortemente orientada para a criação de geograficidades (sentimento de identificação do leitor com o espaço) - Instrumento de denúncia política e de contato cultural – viagem cultural 	<ul style="list-style-type: none"> - Narrativa e romance - Narrador aconselha orientado para a moralidade e não pela própria experiência - Fortemente orientada para a criação de geograficidades (sentimento de identificação do leitor com o espaço) - Instrumento de denúncia política e de contato cultural – viagem cultural
<p>PRODUÇÃO ESCRITA</p>		

	<ul style="list-style-type: none"> - Dispositivo de linguagem particular, com uso de expressões próprias – estilo artesanal - Proposta de escrita criativa para o leitor - Narrativa deslitteraturizada 	<ul style="list-style-type: none"> - Dispositivo de linguagem modulado no sentido de atender às regras da língua. - Não tem propósito criativo com a língua, tão somente o de atender ao padrão normativo - Narrativa enciclopedista e convencional
	TEXTUALIDADE	
	<ul style="list-style-type: none"> - Intertextualidade para intratextualidade 	<ul style="list-style-type: none"> - Intratextualidade para intertextualidade
	TEMPO VERBAL	
	<ul style="list-style-type: none"> - Do presente olha-se para o passado e para o futuro (Passado apenas como referência) – O espaço <i>É</i> 	<ul style="list-style-type: none"> - Parte-se do passado como referência inicial para se olhar para o presente e para o futuro – O espaço <i>ERA</i>
GEOGRAFIA, CATEGORIAS GEOGRÁFICAS E GEOGRÁFICIDADES	<ul style="list-style-type: none"> - Visão de Geografia: ciência que descreve espaços, porém com a reflexão sobre as ações do homem sobre eles - Paisagem: divisão entre natural-rural e urbana; Lugar: associado ao espaço da família; Território: predominância do viés do Estado-nação 	<ul style="list-style-type: none"> - Visão de Geografia: ciência que descreve espaços. Há reflexões sobre a atuação do homem neles em todo o desenrolar da narrativa Paisagem: divisão entre natural-rural e urbana; Lugar: associado ao espaço da família; Território:

	<p>- Geograficidades: criação de sentimentos de pertencimento espacial pela identificação com a nação e com a pátria – espaços nacionais (indivíduos têm suas características reforçadas eventualmente como modelo a ser expandido ou não para o coletivo nacional)</p>	<p>predominância do viés do Estado-nação</p> <p>- Geograficidades: criação de sentimentos de pertencimento espacial pela identificação com a nação e com a pátria – espaços nacionais (características dos indivíduos são ausentes)</p>
--	---	---

Elaboração: GRACIOLI, 2018

Os grandes temas selecionados para investigação em consonância entre os dois livros estudados compartilham de uma raiz comum, qual seja, a de posicionarem-se em um mesmo nicho literário, o da literatura infantil. O pesquisador Ricardo Oriá, estudioso dessa temática, define o livro destinado à infância e à juventude do período que propomos para estudo da seguinte maneira:

[...] são obras de cunho ufanista, que procuravam desenvolver nos pequenos leitores o sentimento de amor à Pátria, mediante a exaltação das riquezas naturais [...] e do conhecimento de sua história, através do exemplo edificante dos “filhos ilustres” da terra. Ao veicular fatos da [...] história, nos quais emergia quase sempre a figura de heróis nacionais, esse tipo de livro pretendia inculcar nas crianças o patriotismo. (ORÍÁ, 2011, p. 42 - adaptado).

Em se considerando os textos narrativos analisados como grandes produções literárias de seu tempo, em função de seu potencial de veiculação e influência ideológica, bem como de aceitação pelo jovem leitor, para a compreensão do pensamento dos autores expressado nas narrativas importa depreender que os acontecimentos na sociedade, ou na cultura, realizam-se pela

complexidade das relações interpessoais ou interindividuais, na qual cada indivíduo autônomo ocupa um lugar específico, só seu, tal como defendido pela pesquisadora Liz Andreia Giaretta, que propõe o estudo das obras-primas da literatura na perspectiva do método estruturalista genético, que indica:

[...] é esse comportamento, que não é o do escritor, mas da coletividade, isto é, de um grupo social ao qual ele pertence, que nos permite compreender uma obra literária. Isso porque um escritor tende a assimilar as categorias mentais de um grupo social, que influencia todos os seus membros, e transferi-las para a sua criação literária. (GIARETTA, 2008, p. 18).

Neste sentido, entendemos que tanto a escrita de Monteiro Lobato, quanto a de G. Bruno são frutos do tempo em que foram concebidas, revelam problemáticas de sua época, necessidades de seu momento histórico e, portanto, devem ser compreendidas à luz da situação ideológica de seu tempo. No reforço a sua tese, Giaretta aponta ainda que “[...] a análise sociológica de uma obra-prima de literatura não deve se restringir à relação entre o escritor e a obra, mas deve buscar esmiuçar os elos que a estruturam e vinculá-los à realidade.” (GIARETTA, 2008, p. 19).

Deste modo, para o estudo de uma obra literária é importante que se compreenda tanto o “lugar de onde fala” o autor, ou seja, a sua visão do mundo, quanto a sua biografia. Entretanto, como coloca a pesquisadora:

[...] a biografia não é fundamental para a explicação da obra, pois, na medida em que mostra apenas o valor individual do escritor, não revela a importância de uma obra literária em um contexto cultural, nem seu significado filosófico ou literário. (GIARETTA, 2008, p. 20).

No comparativo entre os dois textos eleitos para discussão o que se denota é uma aproximação das duas narrativas ao ideal positivista de educação, orientado para a razão, para o conhecimento científico e para o progresso das nações, sobretudo. No entanto, o toque de fantasia

e de permissão pela imaginação dado por Monteiro Lobato ao seu leitor por meio de sua escrita fabulística vem trazer a este modelo de educação uma ressignificação, que não nega sua raiz ideológica, mas a transfere de modo mais leve e muito mais assimilável do ponto de vista do gosto pela leitura ao seu leitor. Eis aí a importância do valor literário da escrita de Monteiro Lobato, aberta para o pensamento de criação e de fruição, ao passo que na escrita de G. Bruno encontramos um texto mais informativo, com compromisso em estabelecer-se no cenário cultural francês como veículo pedagógico, educacional.

O modo deslitterarizado de escrever encontrado em Lobato, bem como o modo enciclopedista de G. Bruno situam-se no movimento histórico apontado por Oriá (2011) ao recordar o aparecimento da literatura infantil como um novo nicho editorial e de letramento para um novo tipo de sujeito: a criança, especialmente a burguesa, cujo acesso ao produto livro a tornará distinta entre as demais. Segundo o autor:

O aparecimento da literatura infantil no mundo ocidental está ligado à ascensão da burguesia e à emergência de um novo sujeito histórico dentro do contexto da família nuclear — a criança. [...] a preocupação com a criança, não mais vista como um adulto em miniatura, mas um ser com características próprias, fez surgir também a necessidade de se produzirem livros para esse segmento da população. (ORÍÁ, 2011, p. 40).

O primeiro ponto de convergência entre as duas narrativas analisadas aproximam-nas quanto ao teor de sua origem ideológica. São narrativas que nascem com propósitos semelhantes, porém, tecem-se sob pontos de vista distintos, especialmente quando analisadas à luz da língua e da linguagem que empregam na elaboração de suas tramas. Na *Geografia de Dona Benta*, por exemplo, Lobato recupera pela oralidade o sentimento de experiência a ser vivida *per si* e não por outrem, ao que se pode encontrar algum resquício da atividade cartesiana do pensamento.

É bastante pertinente estabelecer a ideia de que Monteiro Lobato tenha trazido em sua narrativa a direção pretendida por

René Descartes no seu *Discurso do método*, obra atemporal publicada em 1637, ao ressaltar a importância da experiência vivida como um caminho mais inteligível à aquisição de conhecimentos e, sobretudo, de formação de saberes, bem ao modo lobatiano:

[...] tão logo a idade me permitiu sair da sujeição de meus preceptores, abandonei inteiramente o estudo das letras. E, decidindo não buscar mais outra ciência senão a que se poderia achar em mim mesmo, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha juventude em viajar, em ver cortes e exércitos, em **frequentar pessoas** de diversos humores e condições, em recolher diversas experiências, em provar-me a mim mesmo nos encontros que a fortuna me propunha, e em toda parte refletir sobre as coisas que se apresentassem de tal modo a tirar delas algum proveito. Pois parecia-me que eu poderia encontrar muito mais verdade nos raciocínios que cada um faz sobre os assuntos que lhe importam, e cujo resultado, se julgou mal, irá puni-lo em seguida, do que naqueles feitos pelos homens de letras em seu gabinete [...]
(DESCARTES, 2014, p. 44-45 – grifo nosso).

A magia da narrativa da *Geografia de Dona Benta* desperta a atenção para a oralidade como propósito de educação, no sentido do viajar, de reconsiderar a aquisição de conhecimento pela sala de aula.

Ainda que apoiados na filosofia positivista de orientação para o progresso econômico e científico, os autores investigados, pela relação encontrada entre os conhecimentos de Geografia e de literatura, podemos dizer que iniciam um movimento pioneiro de ruptura com este ideário, haja vista a perda de sua importância nas décadas de 1940 e 1950 como uma saída à ausência de humanismo e de humanidade nos estudos geográficos científicos que se iniciaram e atravessaram três décadas de quantificações e dados estatísticos, associadas ao impulso à interpretação de textos na França, inicialmente, e posteriormente em todo o mundo.

Além disso, como aponta Jacinto (2015) os estudos literários em comunicação com o conhecimento geográfico associam-se pela ação do viajar, que atribui caráter de itinerância às narrativas:

Ao recorrer à Literatura para estudar os contextos regionais além de suas epidérmicas aparências, os geógrafos confrontam-se com questões de método às quais devem dar atenção. [...] o cerne e elemento de ligação entre Literatura e Geografia é a viagem, que funciona para o escritor como o trabalho de campo para o geógrafo. (JACINTO, 2015, p. 9).

Pelo aspecto da viagem, vão se estabelecendo geograficidades que vão atribuindo ao leitor um senso de pertencimento e de posse dos locais que se vão visitando, como um modo de apropriação do bem-comum que é a pátria e que lhe possa despertar um sentimento de cuidado e de dever. No entanto, embora as narrativas se comuniquem, importa ressaltar que “[...] todo escritor possui uma geografia pessoal de onde, direta ou indiretamente, extrai elementos para constituição de sua obra.” (CAVALCANTE, 2016, p. 17).

Na *Geografia de Dona Benta*, Lobato dá voz aos lugares: para se compreender a organização de um espaço é preciso dominar as relações sociais, políticas, econômicas que nele ocorrem num tempo específico. Fazer as crianças perceberem o espaço em que habitavam e onde desenvolviam suas ações e relações do dia a dia significa fazê-las dar valor àquilo que têm como herança. Tão importante é o valor dado à criança em seus textos que se podem notar traços da contracultura da qual Lobato endossara; como aponta a pesquisadora Zinda Vasconcellos, toda a responsabilidade por buscar soluções para problemas criados ao longo da trama, bem como de uso racional do pensamento é dada à criança como modo de instigá-la ao pensamento não intermediado:

São as crianças que encontram as soluções para as horas de crise em que as medidas conhecidas estão fora de cogitação. Algumas vezes essas soluções são conseguidas com auxílio de elementos mágicos [...] mas Lobato prefere usá-los só em último caso, e explicita isso: seu objetivo é o de fazer as crianças analisarem todos os elementos numa situação conflitiva e poderem utilizá-los criativamente. **Educam-se futuros cidadãos que possam encontrar soluções para os problemas brasileiros...** (VASCONCELLOS, 1982, p. 141-142 – grifo nosso).

Em ambas as narrativas, ao aproximar a ideia de espaço geográfico ao conceito de nação ou de pátria, os autores atribuem ao objeto geográfico outras conotações; assim, o que era natural passa a ter uma conotação social, ou cultural: um simples vale formado por muitas fazendas produtoras de gado, com paisagens naturais, deixa de ser um simples vale para passar a ser *o* vale produtor de leite, *o* vale mais rico por conta de suas vacas, *o* vale mais fértil por conta de suas belas e frondosas pastagens e florestas, que devem ser zelados pelo leitor, uma vez que é ele o herdeiro de toda a riqueza que contempla. Estas outras conotações apontam para o que se pode resgatar de Bakhtin sobre a relação entre forma e conteúdo: “o conteúdo como novo, a forma como conteúdo velho (conhecido), estereotipado, estagnado. A forma serve de ponte necessária para um conteúdo novo, ainda desconhecido. A forma era uma visão de mundo velha, [...] conhecida e universalmente compreendida.” (BAKHTIN, 2003, p. 405).

Ainda que de maneiras distintas, a ideia de local e de pertencimento a um espaço geográfico com o qual se possa sentir-se identificado apresentam uma imbricação bastante significativa com a perspectiva de nação que veiculam. Parece ser consensual a ideia de que o entendimento de nação se faz a partir do local vivido pelas personagens em ambas as narrativas; assim, as raízes geográficas que representam tanto o Sítio do Pica-pau Amarelo, quanto a cidade de Phalsbourg nunca são esquecidas, retornam sempre como as bases seguras para onde se volta toda vez que o lugar distante aparenta ameaça. Não é à toa a identificação do sentimento de nação com o espírito de república que apresenta e representa o Sítio de Dona Benta ou a cidade francesa onde estão depositadas todas as boas lembranças da infância sem máculas e medos. Entre as escalas do espaço, local-região-país (nação), se percebe um movimento psicológico das personagens de tateamento (aproximações) e de percepções sem, no entanto, abandonar aquilo que se traz como herança geográfica.

As personagens das narrativas analisadas trazem consigo a vivência do seu tempo: a dificuldade das guerras, a concentração

dos poderes econômicos, a mudança de regimes políticos que vão interferindo na construção de sua relação com o espaço externo, geográfico, e com o espaço interno, psicológico, que contatam. Se Lobato insiste em uma narrativa que resgata identidades com pauta no senso positivista de natureza e dos bens naturais como a riqueza da pátria, não se nega também o sentimento de identificação com o lugar que veicula sua trama, ao relembrar deveras por meio de frases de suas personagens o sabor dos quitutes do sítio, as histórias que a avó conta todas as tardes ou mesmo as desavenças entre os colegas de trama. Nessas tramas, o lugar aparece sob a conotação de afeto, para onde sempre se volta nos momentos de angústia e medo. Os pesquisadores Robson Pinheiro e Cláudio Ferraz completam:

O local só o é na relação com o que está além dele. Ou seja, o sentido de nacionalidade é exatamente isso, um sentido e não um ponto final de chegada. Como nenhum escritor realmente comprometido com a literatura deve negar sua imaginação a partir de seu sentimento íntimo com o lugar, o que permite escrever para o mundo a partir do local em que se encontra, nenhum sentido em definitivo de nacionalismo existe encerrado em si, apenas na relação com o mundo. (PINHEIRO, FERRAZ (b), 2009, p. 66).

Para o caso da narrativa de Lobato, se por um lado podemos verificar a sua abertura para uma fantasia da vivência do espaço, não se pode negar, por outro, que essa fantasia esbarra por vezes na materialidade do espaço. Na sua literatura uma ponte sempre será uma ponte, uma estrada esburacada sempre será uma estrada esburacada e a saída mágica encontrada pelo autor será o pó-de-pirlimpimpim, que resolve todas as dificuldades geográficas quando elas se apresentam. As narrativas analisadas não veiculam uma perspectiva de espaço geográfico associada a um espaço psicológico, no sentido do lançar-mão de elementos simbólicos para despertar no jovem leitor a possibilidade da leitura do concreto pela imaginação sem muitas amarras, a partir do simbólico, ou seja, uma ponte vista

não apenas como ponte, mas como travessia das dificuldades, uma floresta escura e sombria não apenas como forma da natureza a ser transposta com medo e bravura, mas como um espaço em que é preciso enfrentar os medos e as dificuldades que se acentuam. São narrativas que veiculam espaços de modo muito mais literal que simbólico, mas que, compreendemos, foge ao pretendido pelos autores com suas produções.

A semelhança da trama em torno da viagem de personagens crianças protagonistas de aventuras dignas de “gente grande” que podemos notar tanto na narrativa de Monteiro Lobato, quanto na narrativa de G. Bruno é bastante significativa para confirmar a hipótese de que o autor brasileiro tenha entrado em contato com o texto francês. Ambas as personagens humanas das narrativas se movem no espaço e no tempo das tramas sem a presença efetiva de seus pais ou tutores, ainda que auxiliados por outras personagens coadjuvantes do contexto; também, em ambas as narrativas as personagens engajam-se em aventuras de grandes dimensões do ponto de vista da necessidade de responsabilidade, de autonomia e de maturidade, amparadas por dicas e conselhos de sobrevivência e moral, sobretudo.

Do ponto de vista da linguagem empregada pelos autores para a comunicação de suas mensagens para o seu leitor que, como visto, se fez a partir de uma atenção especial à língua, esta se apresenta de modo pioneiro quanto ao tema do protagonismo da criança na sua própria aprendizagem, ainda que cada narrativa tenha seu modo próprio de organização: a *Geografia de Dona Benta* com a narrativa enfática ao aspecto do oral e o *Le tour de la France par deux enfants* com uma narrativa enciclopédica e mais conteudista, ao modo das “lições de coisas”. Nestes moldes, segundo Vasconcellos, para que ocorra um canal de comunicação com a criança leitora é interessante que o emissor adulto tenha que...

[...] procurar reduzir a desigualdade cognitiva e linguística que o separa de seu receptor infantil. Daí os textos destinados a crianças poderem sempre ser considerados como adaptações, mesmo quando

não criados a partir de outros textos. Deve haver uma adaptação do assunto às vivências das crianças; a forma narrativa deve ser adaptada ao interesse delas; o vocabulário e a formulação sintática não podem exceder de muito o domínio cognitivo do leitor, embora possa excedê-lo um pouco, levando à sua ampliação. (VASCONCELLOS, 1982, p. 22).

Confirmando a tese de Vasconcellos, a oralidade desenvolvida nas relações das personagens de Lobato, bem como as geograficidades criadas em ambas as narrativas cumprem o papel de estabelecer este laço de facilitação do conhecimento sobre o espaço geográfico de seus respectivos países pelo adulto, representado pelos autores, à criança leitora.

Além do aspecto da facilitação da linguagem, em ambas as obras todas as personagens apresentam-se em fase de primeiras letras, o que se coloca como ponto significativo para se pensar a visão de mundo dos autores para com a educação em seus países. No mais, a característica que denota maior comprometimento com uma transformação ou mesmo uma possibilidade de mudança do paradigma da educação em ambas as narrativas está no modo de aprender efetuado via investigação *in loco* dos problemas que se vão apresentando, o viver nas pessoas o que elas têm para apresentar, o aprender a partir da experiência que transforma pelo vivido e não apenas pelo ouvido ou pelo aprendido do livro.

Para o caso do *Le tour de la France par deux enfants*, o fato de a trama narrada por G. Bruno apresentar-se simples, sem muitos elementos ornamentais das situações e vivências atribuí às trezentas páginas do livro uma função que não deixa dúvidas, qual seja, a de promover um ideal nacionalista e patriotista, ao que se pode concluir que toda a trama em torno da viagem das personagens seja um pretexto para se discorrer sobre a necessidade de firmar a França e, a reboque, seu povo, como primeiros no mundo.

Embora não se note esta urgência de colocar o Brasil como primeira nação do mundo, podemos afirmar que em Lobato a orientação para desenvolver uma ideologia de reforço ao nacional,

ao sentimento patriótico, passava pela formação de um povo menos conduzível intelectualmente, portanto mais reflexivo do ponto de vista de suas próprias ações. E este propósito Lobato transmitia por meio das situações vividas pelas personagens crianças, como no diálogo entre Dona Benta e Narizinho sobre a passagem por terras da Ásia, em que a garota tece conclusões criadas por ela própria a respeito do tema, em uma posição de reflexão:

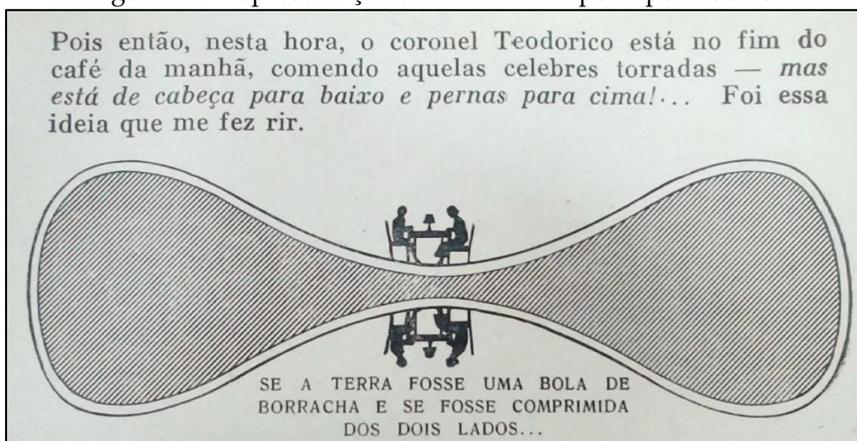
Depois da sobremesa veio o café. Súbito, Narizinho começou a rir-se lá consigo.

— Que aconteceu? — indagou Dona Benta.

— Uma coisa me passou pela cabeça, vovó, uma coisa cômica. Estamos num ponto antípoda do Brasil, não é? Pois então, nesta hora, o Coronel Teodorico está no fim do café da manhã, comendo aquelas célebres torradas — mas está de cabeça para baixo e pernas para cima!... Foi essa ideia que me fez rir.

— De fato — disse Dona Benta. — Estamos num ponto do Globo que é antípoda do Brasil, e se o Globo fosse minguando, minguando cada vez mais, os nossos pés iriam tocar nos pés do compadre, sola contra sola... Você tem razão de achar graça, menina... (LOBATO, 1988, p. 78).

Figura 16 - Representação da ideia de antípoda por Lobato



Fonte: LOBATO, 1935, p. 149

Na *Geografia de Dona Benta*, as explicações para os fatos são sempre sintéticas, de modo a que o leitor chegue às conclusões por si próprio, de modo mais autônomo, porque Lobato trabalhava já na consideração de que a língua tem poder demasiado sobre o leitor.

Embora as aproximações entre as tramas das narrativas sejam bastante evidentes, é também verdade que haja distanciamentos entre si. Se no *Le tour de la France par deux enfants* o conceito de Deus e as ideias de religião, como a da família como o centro da vida em comunidade, associada à ideia de pátria, aparecem com frequência na trama, aliados a uma noção de cientificismo na construção do conhecimento, na *Geografia de Dona Benta* a narrativa prefere a exclusividade do científico como suporte para a divulgação das ideias, tanto isso se comprova pelo fato de que Lobato fora ligado ao movimento escolanovista, que rompia com as noções de Deus e das religiões no ambiente escolar. Também, segundo esta proposta de escola, adotada por Lobato na elaboração de sua narrativa, a ideia estava em dar um poder à criança inexistente até então, fazê-la expressar seus pensamentos, interligar conhecimentos.

Para ilustrar esta constatação, no capítulo V — “Os preparativos de Étienne, o sapateiro. As despedidas. Os filhos de uma mesma pátria”³⁵ (BRUNO, 1877, p. 13 – tradução livre), em que os meninos se despedem da senhora Étienne, esposa de um amigo recomendado pelo pai quando em seu leito de morte, após conviverem por um tempo com sua família, ficam bastante claros alguns princípios da moral religiosa que G. Bruno traz, que na verdade não se ocultam em momento nenhum ao longo da trama. As comparações que o autor faz com a senhora Étienne colocam-se muito claras e objetivas: como já visto, os capítulos vêm introduzidos por frases de efeito moral, de ressalva à família, aos bons costumes, conectadas ao conceito e à vivência da pátria: “os filhos de uma mesma pátria devem se amar e se apoiar como os

³⁵ “Les préparatifs d’Étienne le sabotier. – Les adieux. - Les enfants d’une même patrie.” (BRUNO, 1877, p. 13).

filhos de uma mesma mãe”³⁶ (BRUNO, 1877, p. 13 – tradução livre), por exemplo, é um bom modelo ilustrativo desse propósito.

Neste trecho da viagem das personagens, que ainda está em seus começos, os meninos chegam a casa dos Étienne, mas não apenas dos Étienne, mas de *père* – pai – e de *mère* – mãe – Étienne. Ao se pensar na situação de desamparo dos meninos nada mais lhes seria aconchegante que encontrar uma mãe que aprovisiona tudo o que necessitavam: alimento, um pouco de dinheiro, roupas limpas e o mais importante, carinho e atenção. O autor, nesta parte inicial da história, resgata o espírito materno até então ausente e o reforça ao longo dos cinco primeiros capítulos, sem deixar de associá-lo à função da pátria: acolher seus filhos desamparados pela guerra, famintos, maltrapilhos. *Como não amar a pátria-mãe, em condições de austeridade, de pobreza e carência? Como não se identificar como filhos (enfants) da pátria, como implica o título do livro?*

O pesquisador Manal Hosny (2009) tece considerações acerca da pouca importância da figura feminina na trama, no entendimento de que o lugar do feminino cabia somente a uma personagem, a própria França:

[...] as figuras femininas são bastante raras no romance, de um lado, por respeitarem o esquema de testes de iniciação, que muito se desenvolvem em um ambiente masculino, de outro, por melhor realçarem a imagem maternal por excelência atribuída à França, a pátria-mãe.³⁷ (HOSNY, 2009, p. 8 – tradução livre).

Também, não só a pátria-mãe salva ou estende a mão. Deus também tem um papel de provisão ao longo da trama. O pai Étienne, quando se despede dos meninos, evoca a Deus e diz a

³⁶ “Les enfants d’une même patrie doivent s’aimer et se soutenir comme les enfants d’une même mère.” (BRUNO, 1877, p. 13).

³⁷ “[...] Cependant, les figures féminines sont plutôt rares dans le roman, d’une part, pour respecter le schéma de l’épreuve initiatique, qui se déroule plutôt dans un environnement masculin, d’autre part, pour mieux mettre en relief, l’image maternelle par excellence, celle de la France, la mère-Patrie.” (HOSNY, 2009, p. 8).

seguinte frase: “Deus do céu [...] bendiga e proteja esta juventude inocente e sem apoio!”³⁸ (BRUNO, 1877, p. 15 – tradução livre), situação que em Monteiro Lobato não se observa.

Na interrogação sobre uma possível oposição entre a narrativa de Monteiro Lobato e a de G. Bruno, cabe a constatação do autor brasileiro apontada por Giaretta (2008), para quem as obras infantis disponíveis ao seu tempo, inclusive o *Le tour de la France par deux enfants* não atraíam as crianças “pois não vislumbravam o imaginário e tinham o intuito de formar o caráter, valorizar o trabalho e criar a consciência patriótica, por meio de um discurso ufanista.” (GIARETTA, 2008, p. 39). Além disso, para o caso dos livros infantis brasileiros, Lobato afirmava que ao retratarem “a sociedade pós-abolição, excluía negros e mestiços de seus enredos, por representarem um Brasil atrasado que deveria ser superado” (GIARETTA, 2008, p. 39), situação semelhante a que se pode observar no trecho da página 164 do livro francês, quando o autor trata da língua dos habitantes do sul da França pelo adjetivo *patois* (patoá) que naquela cultura quer dizer menos importante que uma língua ou dialeto.

Manal Hosny admite que para a situação enfrentada pela França no movimento de unificação territorial a língua universal francesa foi o elemento mais complexo e de difícil estabelecimento, uma vez que a língua é o que resta quando tudo o mais se perde, portanto o elemento ao qual o homem se agarra com toda força a fim de não se perder de sua identidade. Segundo o pesquisador:

No universo conciliador que tem a intenção de adicionar e jamais de excluir, o emprego do patoá é percebido como um entrave ao espírito nacional. Ele é assimilado à infância da nação, a um estágio anterior da sociedade felizmente ultrapassado graças à instrução.³⁹ (HOSNY, 2009, p. 20 – tradução livre).

³⁸ “- Juste Dieu, murmura-t-il, bénis et protege cette jeunesse innocente et sans appui!” (BRUNO, 1877, p. 15).

³⁹ “Dans cet univers conciliateur qui a le génie d’additionner et de jamais exclure, l’emploi du patois est perçu comme une entrave à l’esprit national. Il est assimilé

Lobato não promovia a eliminação das línguas, mas exatamente o oposto: dar a oportunidade ao brasileiro de ter a sua própria língua, um português que fosse brasileiro, ou, no limite, a formação da língua “brasileira”. Por isso pensava ser tão importante eliminar os excessos da língua escrita como os acentos, as letras duplas que tinham sentido muito mais na língua portuguesa de Portugal, e que se fazia entender muito mais pelos portugueses que pelos brasileiros. É deste ponto que surge a grande preocupação de Lobato ao escrever suas obras para as crianças brasileiras: fazer com que elas pudessem ler algo em sua própria língua e que pudessem se identificar com o que viam, algo que lhes fosse prazeroso, legível. É por conta desse movimento que os primeiros textos infantis de Lobato sejam as *Fábulas* (1922) traduzidas e adaptadas, ou melhor, “vestidas à nacional”, a partir das fábulas escritas por Esopo no século VI a.C. e por La Fontaine no século XVII.

É interessante notar que nesse movimento de extinção de uma cultura da língua como identidade de um povo, inclusive territorial, a geografia, ou mesmo as geograficidades construídas pelo outro, no caso, os governos, influenciam de maneira significativa na determinação dos rumos da construção da identidade da nação. A construção de caminhos e estradas, pontes, a reificação do espaço urbano na sua associação com a ideia de desenvolvimento, na eliminação dos vilarejos e pequenas concentrações rurais numa França e mesmo em um Brasil ainda muito mais agrários que industriais, operam como um modo eficiente de eliminação dos entraves ao desenvolvimento da nação, os localismos que reforçam o poder das particularidades frente ao todo. Investir no aparelhamento do espaço geográfico era investir também na fixação de uma ideologia dominante: uma vez extintas as pequenas comunidades isoladas geograficamente e culturalmente, mais fácil seria sua diluição em meio ao cenário ideológico dominante.

à l'enfance de la nation, à un stade arrière de la société, heureusement dépassé grâce à l'instruction." (HOSNY, 2009, p. 20).

Não somente o aparelhamento com vistas ao deslocamento no espaço, mas também o aparelhamento ideológico camuflam um discurso deturpado de desenvolvimento: a profusão de escolas, de bibliotecas locais e nacionais, a fundação de centros de estudos nacionais como os institutos históricos e geográficos ou mesmo as instituições responsáveis por esquadriñar os países vêm para confirmar a eficácia de uma ideologia que pretende uma supremacia a partir da exclusão, não da convivência entre diferenças. Se no *Le tour de la France par deux enfants* essa perspectiva se nota mais facilmente, na *Geografia de Dona Benta* esse movimento não ocorre, ao contrário, percebe-se a tendência do autor em chamar a atenção do jovem leitor exatamente para o aspecto da diversidade que agrega, mais que exclui, especialmente pelo conteúdo geográfico que veicula. Como conclui o pesquisador Manal Hosny: “[...] A supremacia de um país não repousa sobre uma superioridade pela força, nem sobre o primado em uma área específica, mas sobre a reunião harmoniosa de todos os elementos necessários à felicidade humana.”⁴⁰ (HOSNY, 2009, p. 17 – tradução livre).

Tão significativa é a tomada de consciência desse movimento que será dentro dessa lógica em que se desenvolverá todo o corpo da literatura infantil no mundo ocidental no período final do século XIX. Se a identificação da nação com o letramento em ambiente escolar passa a se tornar a realidade vigente, com o controle de uma fala e de uma escrita oficiais, não diferente será o papel da literatura infantil na fixação de ideologias dominantes: “[...] porque a literatura infantil trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas passado pelo crivo da escola.” (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991, p. 18). Escola, livro, língua e escrita oficiais junto a uma primazia do espaço geográfico urbanizado situam-se no movimento de nacionalização da vida nos países como a materialidade eficiente

⁴⁰ “[...] La suprématie du pays ne repose pas sur une supériorité en force, ni sur une primauté en un domaine spécifique, mais sur le rassemblement harmonieux de tous les éléments nécessaires au bonheur humain.” (HOSNY, 2009, p. 17).

das ideologias dominantes; excluídos e apartados da verdade nacional estarão aqueles que delas não compartilharem.

As pesquisadoras Marisa Lajolo e Regina Zilberman ilustram com uma passagem significativa um possível contraditório ao qual se pode inserir a literatura francesa analisada: se esta promove ao jovem leitor um movimento de reforço da vida urbana e da cidade como centros de excelência na divulgação de uma ideia de nação e de desenvolvimento, a literatura infantil brasileira do período em destaque, por sua vez, mantém ainda a tradição de recuperar o espaço rural como o espaço de possibilidade para a fantasia, onde habitam os serem mais impensados, os maiores medos, as aventuras mais criativas e as paisagens mais propícias ao desenvolvimento de um senso de criação pelo jovem leitor, bem ao modo como opera Monteiro Lobato na sua *Geografia*. Nas palavras das autoras:

A literatura infantil brasileira [...] de um lado, reproduz e interpreta a sociedade nacional, avaliando o processo acelerado de modernização nem sempre aceitando-o com facilidade, segundo se expressam narradores e personagens. Portanto, circunscreve um espaço preferencial de representação — o ambiente rural — o qual passa a simbolizar as tendências e o destino que experimenta a nação, quando não significa, na direção contrária, a negação dos mesmos processos e a idealização de um passado sem conflitos. (LAJOLO, ZILBERMAN, 1991, p. 67).

A percepção de que a ideia de nação veiculada pela literatura brasileira admitia contornos mais próximos ao da diversidade que da homogeneização parece ter suas raízes no entendimento do Brasil como um país de muitas e distintas identidades. Em estudo da obra literária *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, os pesquisadores Robson Pinheiro e Cláudio Ferraz auxiliam na confirmação desse distanciamento entre as narrativas analisadas com os indícios que apontam para a literatura aqui feita como uma celebração da diversidade, ainda que orientada por moldes europeus:

Essa “alma da pátria”, portanto, estava pautada em símbolos e costumes (língua, espírito, comidas, frutas, heróis etc.) que a literatura no século XIX tentou expressar na direção da construção de uma coisa que podia ser identificada como genuinamente brasileira, ou seja, nossa cultura era fruto dessa interação entre a jabuticaba das florestas indígenas com o damasco europeu que se integram numa mesma língua comum a todos. (PINHEIRO, FERRAZ (b), 2009, p. 65).

Por fim, quanto ao teor do conhecimento geográfico veiculado pelas narrativas, podemos verificar um distanciamento significativo dos textos entre si quanto à origem de sua fundamentação. Se as narrativas se assemelham como veiculadoras de um conhecimento geográfico pioneiro no mundo ocidental atribuído à literatura infantil, o *locus* do qual partem revelam trajetórias distintas: uma parte do conhecimento científico já sistematizado, embora ainda não universalizado, outra, de um conhecimento geográfico científico em construção, com raízes mais no conhecimento geográfico não institucionalizado pelo crivo da ciência.

No Brasil da época da publicação da *Geografia de Dona Benta*, por exemplo, não havia cursos de caráter científico institucionalizados em Geografia, daí que as referências das quais essa narrativa parte para a elaboração de seu conteúdo geográfico não residam na ciência geográfica propriamente, mas no conhecimento produzido além dela, seja na escola, seja nos livros didáticos, seja nos compêndios geográficos produzidos por pensadores sem formação geográfica, mas sobre tal conhecimento debruçados.

Sobre essa questão do divórcio verificado entre a disciplina escolar de Geografia e a matéria acadêmica de Geografia no período considerado, o pesquisador Ivor Goodson (1990) contribui com a compreensão que caminha pela perspectiva de que os conhecimentos geográficos nascem primeiro na escola e nas instituições de caráter educativo, para somente depois do surgimento dos primeiros cursos de nível superior em Geografia no Brasil e no mundo serem pela academia absorvidos, num

movimento que o autor descreve como de “baixo para cima” e como tentativa dos homens de ciência em fazer reconhecer socialmente a importância do conhecimento acerca do espaço. Conforme discorre o pesquisador:

[...] muitas matérias escolares dificilmente podem ser chamadas de disciplina e muito menos de formas de pensamento. Muitas não são claras a respeito de seus conceitos mais frutíferos, formas de explicação e metodologia específica. Em segundo lugar, **as matérias escolares são, com frequência, ou divorciadas de sua disciplina-base ou não têm uma disciplina-base.** (GOODSON, 1990, p. 234 – grifo nosso).

Embora não as intentaremos responder, a essas colocações cabem as questões que indagam: *teria Lobato a mesma liberdade para trabalhar seu conteúdo geográfico pela literatura caso a Geografia de seu tempo já estivesse estabelecida com um corpo científico no Brasil? Seria o conteúdo por ele elaborado um conteúdo geográfico ou uma reprodução de conceitos e ideias de caráter corográfico associados a uma sociologia do espaço?*

As imagens nas narrativas: geografias de estereótipos e o (quase) divórcio da palavra

Se na palavra narrada as literaturas estudadas distanciam-se mais que se aproximam, na veiculação de uma imagem de espaço, ao contrário, parecem ter um desdobramento comum, divorciadas mesmo do poder imprimido ao leitor pela palavra escrita. A natureza da ilustração que, nos livros infantis adota uma função até mesmo mais relevante que o próprio texto pelo lúdico e didático a que aspiram, nas narrativas verificadas essa vertente apresentou-se explorada da seguinte maneira: para o texto brasileiro, pouca relevância pelo aspecto da veiculação de uma criatividade para o leitor; imagens de espaços que pouco se referenciam ao real; ilustração apenas como “respiro” para o leitor.

Já para o texto francês, a imagem se apresenta como parte integrante da narrativa, com a função de ilustração e fixação da trama na mente leitora, com a veiculação de uma geografia fiel ao espaço real, inclusive com elementos que remetem ao imaginário social muito bem organizados quanto à frequência de aparecimento no texto, uso de perspectivas para realce de determinadas características, principalmente para aqueles espaços que narram a grandiosidade de elementos paisagísticos únicos no território francês, ou ainda a beleza arquitetônica distribuída pelo território da nação. Pode-se considerar que, para essa narrativa, as ilustrações desempenham uma função justaposta à do texto, não devendo em nada a este quanto ao propósito da veiculação de uma ideologia de nação. Para as pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1991), a ilustração aparece na história da literatura infantil como uma segunda natureza, sem a qual é praticamente impossível concebê-la:

Mas, se o caráter infantil de uma obra talvez não se defina necessariamente por seus elementos internos, à medida que os livros para crianças foram se multiplicando, eles passaram a ostentar certas feições que, pela frequência com que se fazem presentes, parecem desenhar uma segunda natureza da obra infantil. É o caso, por exemplo, da ilustração. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 13).

À constatação de Lajolo e Zilberman a respeito da natureza que imprime a ilustração para a obra infantil, para o caso das narrativas estudadas essa segunda natureza admite-se em formas distintas. Para a narrativa de Monteiro Lobato, observamos a ilustração como uma mistura de passagens evocadoras de estereótipos dos lugares e povos visitados, bem como representações gráficas das personagens em situações específicas percorridas na trama: por exemplo, ora Pedrinho aparece observando planetas por uma luneta representada sem nenhuma preocupação com escalas (p. 14 – figura 17), ora Quindim, o rinoceronte de estimação de Emília, aparece ensinando inglês a Tia Nastácia (p. 85 – figura 18), entre outras situações.

Além disso, essas ilustrações que, embora não tenham a intenção de tão somente apresentar situações, dada a riqueza de análises que permitem, trazem uma perspectiva de escala que não é tratada com precisão pelo ilustrador, assim como o domínio de conceitos comentados ao longo do texto e que compõem parte em algumas ilustrações, dados de maneira pouco precisa de acordo com o conhecimento geográfico científico de referência (figura 19):

Figura 17 - A escala é questão pouco precisa nas representações gráficas da narrativa



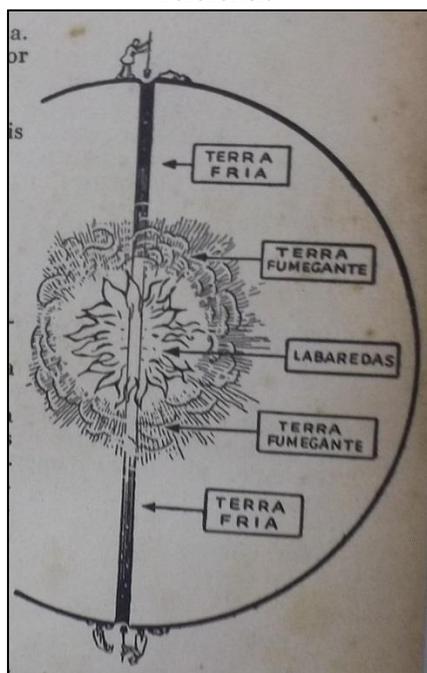
Fonte: LOBATO, 1935, p. 14

Figura 18 - O rinoceronte Quindim ensina inglês a Tia Nastácia



Fonte: LOBATO, 1935, p. 85

Figura 19 - Assim como a escala, os conceitos apresentados nas ilustrações não fazem correspondência ao conhecimento científico de referência



Fonte: LOBATO, 1935, p. 25

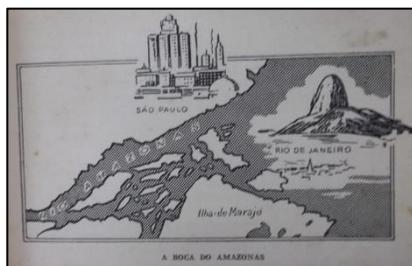
Quanto às representações do espaço, essas merecem destaque na análise, pois revelam aspectos de uma geografia que pouco tece relações entre o espaço real e o espaço narrado, no sentido da fidelidade de sua apresentação ao leitor. Chamam a atenção em uma primeira análise as imagens que fazem referência aos espaços narrados visitados pelas personagens, que veiculam referências espaciais sem preocupação com a situação geográfica real e, tal como nas demais imagens de personagens e conceitos, apresentam pouca ou nenhuma correspondência com um espaço real, além de mitificadas de um ponto de vista da estereotipação do espaço, como se pode denotar das figuras 20 e 21, na sequência:

Figura 20 - Representação do polo norte por Belmonte (1935). Veja-se, além do estereótipo do lugar como representativo do todo, o equívoco conceitual em unir espécies de diferentes situações regiões em uma mesmo local: o urso polar, que ocorre somente no polo norte Ártico e o pinguim, cuja área de ocorrência é o continente Antártico.



Fonte: LOBATO, 1935, p. 41

Figura 21 - Na figura que compara diferentes espaços regionais brasileiros, nota-se que não há preocupação em formar leitores gráficos do espaço geográfico: dificuldade de localização pela escala, escalas equivocadas, bem como ilustrações que reforçam estereótipos de lugares como identidades fixas do espaço nacional



Fonte: LOBATO, 1935, p. 81

Na figura 21, por exemplo, a comparação da dimensão entre espaços nacionais conhecidos do brasileiro e com eles identificados traz uma reflexão que caminha para o entendimento de que esses espaços de referência que veicularam uma identidade concreta com o espaço nacional num passado podem voltar, a qualquer momento, num resgate ideológico, a fazer parte do ideológico de um povo e reforçar uma nova ideologia nacionalista, ou seja, assim como para com a língua, velhas formas espaciais doam novos sentidos para uma outra cultura. Nas palavras do pesquisador Rogério Haesbaert:

A manutenção de espaços de referência que um dia forjaram uma determinada identidade territorial, além da potencialidade que manifesta para a congregação de interesses locais ou regionais de resistência a processos que se pretendem homogeneizantes, pode ser também, entretanto, uma garantia para manter a ordem político-econômica instituída. Ao mesmo tempo em que impõem

cristalizações, resistências espaciais concretas, os grandes projetos “preservacionistas” [de espaços de identificação pelo povo de uma nação] transformaram-se em elementos simbólicos capazes de resgatar e enaltecer identidades que, com estes referenciais, podem retrabalhar e fortalecer a própria ideologia nacionalista. (HAESBAERT, 2006, p. 86 - adaptado).

À questão que indaga sobre a vida própria que as ilustrações possam vir a desempenhar na narrativa de Lobato, no descolamento da palavra, compreendemos que essas não tiveram o mesmo impacto que o texto escrito desempenhou, pelo aspecto da leitura pelo jovem leitor da época de publicação. As ilustrações que vinculam um espaço real a um espaço imaginário ainda permitem uma apreensão mínima desses espaços pelo leitor, uma vez que se preocupam com a questão da sobreposição de situações geográficas que possam ser comparadas. Já as ilustrações que veiculam cenas de situações vividas pelas personagens descoladas da realidade geográfica experimentada na trama, pontualmente, e que não ocorrem no texto da narrativa francesa, não têm um compromisso geográfico, mas tão somente o de atuarem como uma “pausa para um respiro” do leitor, ao mesmo tempo em que desempenham um papel de humor na narrativa, complementação à palavra escrita, também repleta de situações cômicas envolvendo as personagens. Nesse sentido, completam e ilustram o raciocínio as palavras dos pesquisadores Neves e Ferraz (2007), para quem:

[...] produzir conhecimento geográfico não pode se restringir a conceitos genéricos com que oficialmente se entende este saber, reduzindo-o a um processo de memorização e reprodução de palavras e conceitos enrijecidos [que] acabam por se impor à dinâmica do real. A Geografia é uma área do conhecimento científico que potencialmente pode fazer uso de outras linguagens além das restritas ao universo da palavra, ou seja, é um saber também herdeiro do universo das linguagens pautadas em imagens. Ao adotar esta postura, o saber geográfico estará dando um grande passo para ser

reconhecido como um conhecimento pertinente com a espacialidade vivenciada cotidianamente. (NEVES; FERRAZ, 2007, p. 78).

Os signos apresentados por essas ilustrações, tanto na narrativa brasileira, quanto na francesa, desempenham uma força ímpar na fixação de identidades geográficas, no sentido de que uma vez visto, jamais esquecido e, mesmo Lobato, com sua literatura de muitas aberturas para um novo pensamento espacial, pode ter contribuído com um movimento de “enrijecer identidades”, uma vez que seu texto tendencia a uma perspectiva do espaço nacional brasileiro com pauta num movimento de vir a ser: igual à Inglaterra, igual aos Estados Unidos...

Figura 22 - “O pessoal do sítio na Broadway”. A figura que ilustra a passagem das personagens pelos Estados Unidos não se exime da expressão do pensamento do autor correspondente na palavra escrita: para além de contemplar Nova York, ao leitor, vê-la poderia soar como desejá-la. Embora com sua literatura de muitas aberturas para um novo pensamento espacial, Lobato também pode ter contribuído com um movimento de “enrijecer identidades”.



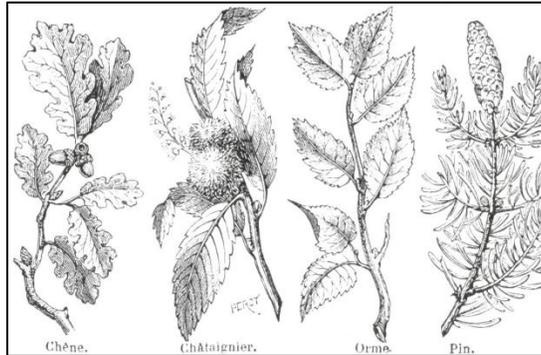
Fonte: LOBATO, 1935, p. 109.

Na comparação entre as duas narrativas pelo viés da linguagem imagética que apresentam, o que se percebe é que não houve diferenças significativas quanto a uma transformação do pensamento, tal como verificado com a palavra escrita, em que os textos se distanciam quanto ao desempenho do manuseio da língua e da literatura. Pelas imagens, ambas as narrativas reforçam padrões espaciais, todos com sua importância, porém hierarquizados; há constante associação do espaço geográfico ao uso e ocupação, logo, ao reforço da moral do trabalho como saída à ordem e ao progresso; a natureza e sua exuberância como sinônimo de grandeza e de poder frente àqueles territórios que não dispõem de “belezas naturais” e, à diferença do pensamento atual, a supremacia do urbano sobre o rural, em seus inícios, porém, sem desmerecimento ou diminuição da importância deste para o desenvolvimento e o progresso econômico dos povos.

Na narrativa francesa, em adição, as imagens ainda veiculam reforços a mitos e personagens da história francesa sem restrições, a riqueza da natureza por suas espécies vegetais e animais, ainda que importadas de outras regiões do mundo, mas com certo destaque no território francês (figuras 23, 24 e 25) além de, entre outros tantos tipos de ilustrações, muitas imagens de prédios históricos (figuras 26, 27 e 28) com sua imponência magistral como reforço de uma memória coletiva a ser preservada. Segundo Haesbaert (2006) essas imagens de mitos humanos, belezas naturais, grandes monumentos e reservas naturais:

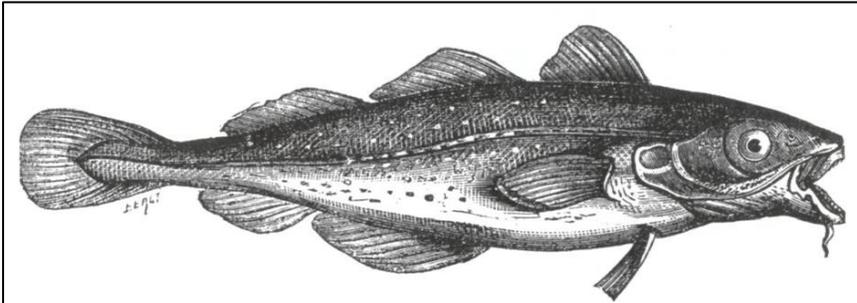
[...] preservados por seu “valor histórico” [...] representantes de um alegado “patrimônio”, assumem sobretudo um valor simbólico como **signos que traduzem uma memória coletiva**, nacional, regional ou urbana, perpassando então as mais diferentes escalas sócio-espaciais — desde o espaço cotidiano de relações até o território internacional. (HAESBAERT, 2006, p. 85 – adaptado - grifo nosso).

Figura 23 - “Les arbres de nos fôrets”



Fonte: BRUNO, 1877, p. 118

Figura 24 - “La morue”



Fonte: BRUNO, 1877, p. 245

Como essas narrativas eram as poucas fontes disponíveis para se conhecer o mundo, evidentemente que sua importância tenha sido ímpar na determinação de imagens de espaço, com uma permanência no imaginário social ainda hoje, para além da literatura infantil: um Brasil que é associado ao meio natural, um país de florestas, de lugar onde a civilização ainda não chegou, ao passo que o estrangeiro vê-se como a meta a ser seguida, para se alcançar o progresso.

A importância da literatura na construção de um imaginário espacial vinculado a um imaginário de nação e de povo respalda no apontado por Vila Vázquez (2009) ao indicar que a literatura se apresenta como um veículo que não tem a pretensão científica de

manter um rigor que, ausente, põe em xeque a veracidade do defendido. Ao prescindirem de um rigor composicional na linguagem que empregam as narrativas investigadas, não só acertam na fórmula da linguagem utilizada, descolada de uma necessidade de ciência, embora nela calcadas, como também veiculam uma noção de pertencimento a um espaço nacional sem a qual ao leitor parece impossível compreender-se:

A literatura se apresenta como ferramenta capacitada para criar um imaginário territorial nacionalista e para ser veículo de construção ideológica, considerada como discursiva. Além disso, os textos literários podem ser os meios de expressão mais eficazes para as ideologias marginais, porque estão muito menos controlados que outros meios de expressão. A isso há que adicionar o fato de que possibilitam a criação de mitos para a construção irracional da identidade nacional, posto que não necessitam manter um rigor científico.

O processo de construção nacional está muito ligado à língua e é muito similar ao seu processo de criação: necessita de uma homogeneização interna, uma diferenciação externa e a criação de estereótipos e fronteiras.

Para a criação nacional e para a conscientização do pertencimento a uma nação, a simultaneidade é essencial, com o que a novela ou os periódicos constituem uma de suas ferramentas principais. Desta forma, há uma coincidência no poder da cultura escrita e da leitura na criação nacional. As alegorias nacionais, com sua polissemia interpretativa, são outros elementos que contribuem para esse feito, e estão presentes, especialmente, nas literaturas em posição de subalternidade.⁴¹ (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 178 – tradução livre).

⁴¹ “La literatura se presenta como herramienta capacitada para crear un imaginário territorial nacionalista y para ser vehículo de la construcción ideológica, considerada como discursiva. Además, los textos literarios pueden ser los medios de expresión más eficaz para las ideologías marginales, porque están mucho menos controlados que otros medios de expresión. A esto hay que añadir el hecho de que posibilitan la creación de mitos para la construcción irracional de la identidad nacional, puesto que no necesitan mantener un rigor científico.

Apesar de muito aproximadas quanto ao conceito de informação que transmitem suas imagens, a literatura de Lobato, especialmente a de caráter geográfico, ao partir de uma escrita engessada por uma ideologia com objetivos bem definidos, essa literatura lobatiana fez-se uma literatura inédita com um potencial que se expandiu até os dias atuais para a produção literária infantil. Sem negá-la, pode-se concluir que a desliteraturização proposta por Lobato não prescinde daquela literatura francesa, ao contrário, é de uma narrativa categórica no trato com o espaço geográfico que nasce uma narrativa de maior fluidez ao pensamento, mais instigante ao leitor para um movimento de criatividade e recomposição com a leitura e com o espaço geográfico.

O mapa e o não-mapa nas narrativas: imagens de Geografia

Ainda na questão da representação imagética pelas narrativas, outra forma pela qual o conhecimento geográfico pretendido pelos autores se faz veicular é por meio do mapa ou do não-mapa, ou seja, as imagens de Geografia que intentam uma representação do espaço geográfico de maneira mais sistematizada. Franco Moretti (2003) sobre o mapa literário argumenta ser ele o “domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza.” (MORETTI, 2003, p. 15). Desta constatação entendemos que cada narrativa se apresenta como produto de seu tempo; assim, para a narrativa francesa, um tempo de congregação ideológica, de pouca liberdade de pensamento e refutação de diferenças; tal como no Brasil da época,

El proceso de construcción nacional está muy ligado a la lengua y es muy similar a su proceso de creación: necesita una homogeneización interna, una diferenciación externa y la creación de estereotipos y fronteras.

Para la construcción nacional y para la concienciación de la pertenencia a una nación, la simultaneidad es esencial, con lo que la novela o los periódicos constituyen una de sus herramientas principales. De esta forma, hay una coincidencia en el poder de la cultura escrita y de la lectura en la creación nacional. Las alegorías nacionales, con su polisemia interpretativa, son otros elementos que contribuyen a este hecho, y están presentes especialmente, en literaturas en posición de subalternidad.” (VILA VÁZQUEZ, 2009, p. 178).

As últimas décadas do século XIX [...] abrigavam uma literatura refletora da vida social. A literatura era veículo da nacionalidade, documentação e descrição do “real”, da matriz positivista, avessa à natureza ficcional e amparada em parâmetros cientificistas. Eram valorizados precisão, objetividade, exatidão — racionalidade e sistematização — acima de imaginação e invenção. Era um veto à subjetividade. Condenavam-se juízos de valor, interpretações. (SILVA, 2008, p. 6).

Já a narrativa da *Geografia de Dona Benta* nasce em uma época de intensa transformação cultural, de transição de sistemas de poderes e de pensamento, uma época de maior aceleração dos contextos produtivos, intelectuais, sociais, econômicos. Tem-se assim a geografia da narrativa francesa calcada em uma racionalidade do mapa e a geografia da narrativa brasileira numa outra racionalidade para este tipo de representação. Diferenças significativas que resvalarão na maneira de interpretar e conceber o espaço geográfico.

Tal como nos contos de fadas que deram suporte à escrita dessas narrativas, ambos os textos convergem para uma ideia de espaço geográfico calcada na dualidade e oposição entre a casa — ou aldeia — e a estrada aberta. Para além das raízes geográficas, as tramas das narrativas têm uma forte ligação com a herança cultural do Antigo Regime francês, no qual havia a predominância dos contos de fadas como expressão da cultura popular. Não raro, havia a forte presença de elementos típicos da vida rural que os povos europeus viviam à época: fadas, bruxas, orfandade, madrastas ou mulheres más, desamparo, fome, mundo rural e vida dura de trabalho interminável em oposição ao urbano e à libertinagem da vida associada à bruxaria e à perdição são temas que marcam as narrativas de G. Bruno e de Monteiro Lobato, atualizadas para um período bastante distinto quanto às definições político-ideológicas.

Essas questões marcam a característica do conteúdo geográfico que ambas as narrativas expressam. Não podemos deixar de levar em conta as raízes folclóricas dos contos de fadas para se compreender a concepção de espaço geográfico nessas

narrativas; aliada ao trabalho, a expressão de espaço nas narrativas reforça uma típica estrutura de *Tour de France*: o conhecimento do espaço a partir do conhecimento *in loco* de todos os lugares e regiões de um território ou, para o caso da narrativa brasileira, do mundo todo, o sair da vila natal para o *cair na estrada* necessário ao amadurecimento e iniciação à vida adulta. Robert Darnton, ao se dedicar ao estudo dos contos de fadas, resume de maneira significativa essa estrutura:

Os filhos têm maior área de ação, nos contos. Exploram a segunda dimensão da experiência camponesa, a vida na estrada. Os rapazes partem em busca da fortuna e, muitas vezes, a obtêm, graças à ajuda de velhas horrorosas, que pedem um pedaço de pão e, na verdade, são fadas bondosas, disfarçadas [...]

Outros rapazes partem porque não há terra, trabalho nem comida onde vivem. Tornam-se trabalhadores rurais, criados domésticos ou, na melhor das hipóteses, aprendizes — de ferreiros, alfaiates, carpinteiros, feiticeiros e do demônio. (DARNTON, 1988, p. 56).

É no sentido atribuído pelos contos de fadas às tramas da vida humana que os mapas apresentados nas narrativas que analisamos veicularão uma ideia de geografia. Frequentemente, tais mapas serão o cenário para a ilustração e o conhecimento do leitor da oposição entre a vida na vila e a vida na estrada das personagens e da sua própria.

De todo modo, os mapas tradicionais, com a representação de um espaço real reduzido ao papel por intermédio da escala, nas narrativas de G. Bruno e de Monteiro Lobato, a partir de um ponto de vista estético, têm uma feição dura, “chapada”. São mapas que foram feitos para ilustrar uma passagem, mas que não as revelam de fato. Figuram como se dissessem apenas: isto [a representação] é o que se pode representar por Bourgogne (figura 29), por Languedoc (figura 30), por América do Sul (figura 31) ou pelo Mediterrâneo (figura 32), por exemplo. Em resumo: são pranchas

sem muita vida, às quais nem mesmo se admite uma interpretação para além do colocado.



Figura 25 - Bourgogne
Fonte: BRUNO, 1877,
p. 104

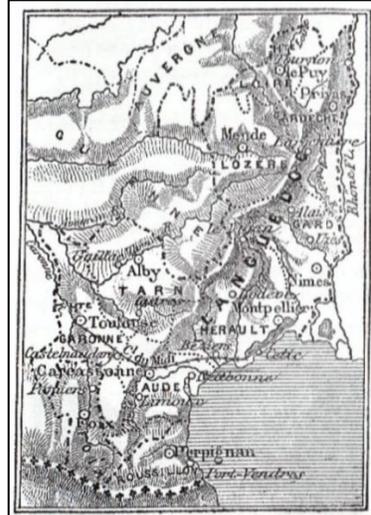


Figura 26 - Languedoc
Fonte: BRUNO, 1877, p. 198



Figura 27 - América do Sul
 Fonte: LOBATO, 1935, p. 89



Figura 28 - Mediterrâneo
 Fonte: LOBATO, 1935, p. 201

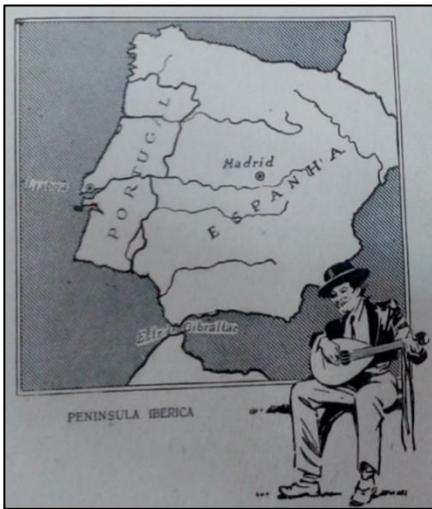
Apesar a ausência de vida que os mapas revelam, concorda-se com Harley (1989) que os mapas sejam um texto cultural, cuja aceitação de suas textualidades nos torna aptos a dispor de um grande número de diferentes possibilidades interpretativas: “Em vez de apenas a transparência da clareza, podemos descobrir a gestação do opaco.”⁴² (HARLEY, 1989, p. 7 – tradução livre).

Embora transcendente, como veremos mais adiante, a representação espacial na *Geografia de Dona Benta* não deixa de tangenciar as já tão conhecidas trilhas do saber geográfico de seu tempo. Ao lado dos “mapas” não-convencionais, os convencionais — representativos de um território, com delimitação geográfica, acidentes geográficos, nomes e algumas descrições — aparecem

⁴² “Instead of just the transparency of clarity we can discover the pregnancy of the opaque.” (HARLEY, 1989, p. 7).

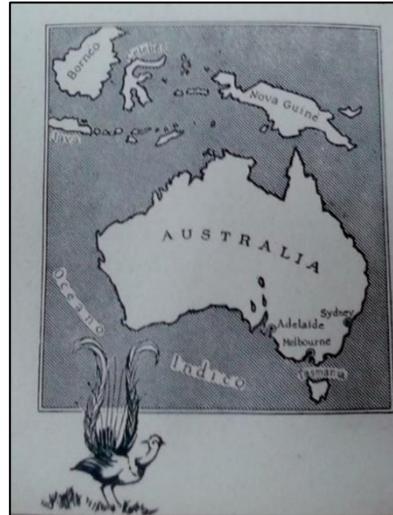
dez vezes, a partir da apresentação de temas — regiões que se vão percorrendo com a narrativa. São representações espaciais que agregam, por vezes, estereótipos e clichês regionais: a Espanha e o guitarrista (figura 33), a Austrália e o exótico de sua fauna-flora (figura 34), o sul do Brasil e o Paraguai consumidor do mate (figura 35) são apenas alguns dos exemplos que aparecem com frequência no texto:

Figura 29 - Península Ibérica



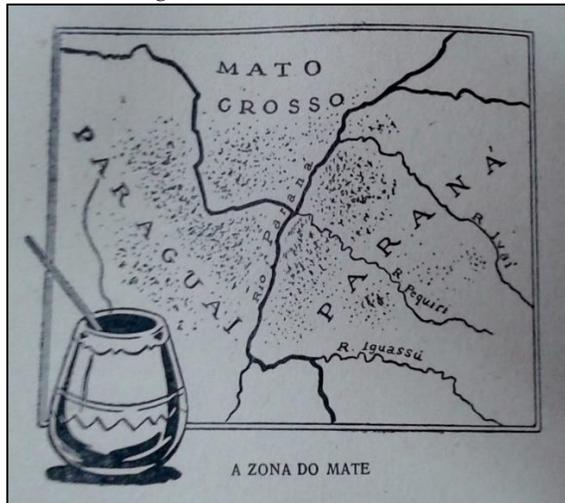
Fonte: LOBATO, 1935, p. 115

Figura 30 - Austrália



Fonte: LOBATO, 1935, p. 172

Figura 31 - A zona do mate



Fonte: LOBATO, 1935, p. 50

Mas o que realmente importa discutir sobre o mapa nas narrativas estudadas não é o que se apresenta pelo observável, mas pelo que fica nas entrelinhas, na força ilocucionária da escrita, o que se deseja ver nas narrativas, já que não se pode ir às fontes indagar pelos reais significados das ilustrações e mapas que foram acrescentados aos textos.

Franco Moretti traz uma significativa contribuição acerca da funcionalidade do mapa na narrativa ao estudá-los a partir da concepção do seu *Atlas do Romance Europeu* (2003). Apesar de tratar da espacialização dos eventos romanescos, é possível estabelecer algumas pontes entre o que este pesquisador-autor atribui à escrita do romance para a escrita narrativa infantil, que por vezes mescla-se com aquele quanto ao teor de suas tramas. Segundo o autor, os mapas literários nos permitem ver duas coisas, basicamente:

Em primeiro lugar, realçam o **ortgebunden**, a natureza espacial das formas literárias, cada uma delas com sua geometria peculiar, suas fronteiras, seus tabus espaciais e rotas favoritas. Em segundo, os mapas trazem à luz a lógica **interna** da narrativa: domínio semiótico

em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza. A forma literária aparece, dessa maneira, como o resultado de duas forças conflitantes e igualmente significativas: uma que funciona de fora, e a outra, de dentro. Trata-se do problema usual e, no fundo, do único problema real, da história literária: a sociedade, a retórica e sua interação. (MORETTI, 2003, p. 15 – grifo do autor).

Ao significar o “domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza” o mapa se coloca para o leitor como o resultado de uma tentativa de mostrar aquilo que está nas linhas e entrelinhas da linguagem do texto escrito. Assim, se se pensar na correspondência que os mapas estabelecem com as respectivas seções em que aparecem nos textos estudados, nota-se de imediato a sua função no contexto das narrativas. Para a narrativa francesa, a imediata correspondência entre texto escrito — palavra — e texto imagético (mapa) atribui à leitura da narrativa uma fidelidade como comprovação do que fora lido: é como se, por meio da ilustração, o autor aparecesse na trama como a prova da veracidade do que fora por ele escrito.

Já a relação entre imagem e texto escrito na narrativa da Geografia de Monteiro Lobato permite em uma primeira leitura a ausência de correspondência entre textualidades, como se as ilustrações aparecessem na trama de modo jogado, sem relação com o escrito, relação que se nota muito mais com as ilustrações dos mapas. Afinal de contas, o que poderia haver entre a geografia de Hollywood e a ilustração de uma estrela do cinema (figura 36), para além da questão da produção cinematográfica característica da cultura daquela cidade? É exatamente essa a chave de entendimento da leitura da imagem na *Geografia de Dona Benta* que, se por um lado reforça estereótipos e clichês espaciais, por outro, dá ao leitor a possibilidade de ler o espaço a partir de outros pontos de vista, como o cultural, por exemplo.

Figura 32 - Tia Nastácia e Carole Lombard



Fonte: LOBATO, 1935, p. 120

Se se pode considerar como adjetivo para a geografia da narrativa francesa o categórico da representação, para a geografia de Lobato o adjetivo que a melhor caracteriza é a inovação, o correspondente à gestação do “opaco da representação” de Halley. Ainda que algumas das representações geográficas da narrativa expressem o convencional da representação, outras representações tendem a um significado que foge à convencionalidade: são expressão de um espaço visto em dimensão que extrapola o “colocável” no papel.

Pode-se concluir que a ilustração e, no bojo das representações gráficas da narrativa, o mapa, vieram para dizer: espaço é muito mais que o que se abarca com os olhos; há nele uma dimensão que se percebe pelos contextos, pelas vozes que ele próprio entoia por meio de suas personagens, tipos, cores, cheiros e dimensões de formas e conteúdos — ainda que clichês. É o espaço tomado a partir das suas geograficidades.

O abuso do surreal por Monteiro Lobato pelas personagens de sua criação, convive com o sistema de ideias do período: de um lado, a restrição da liberdade de criação pelo pensamento em função do pragmatismo científico e, de outro, um arroubo de criatividade que escancarava uma ideia de Brasil bem ao modo como as artes do período o pintavam: um desvairamento jamais visto em outra parte do mundo.

Questões como: *é o mapa convencional uma representação importante na narrativa de Monteiro Lobato?; Qual o papel desse elemento de representação do espaço na sua narrativa?; É o mapa um elemento narrativo na narrativa de Lobato? e mais, seriam as ilustrações nada geográficas como a comentada anteriormente, por exemplo, a ideia de representação espacial que Lobato pretendia com a leitura de sua narrativa? Quis o autor representar algo com as suas ilustrações?* Essas questões são, talvez, todas elas, as chaves para o entendimento da leitura de sua narrativa a partir do viés espacial geográfico, uma mensagem que o autor gostaria de deixar para seus leitores, de um *desgeografizar* da geografia, em alusão à desliteraturização da literatura que ele iniciara. Se não se pode perguntar diretamente à fonte por sua intenção, pode-se, pelo menos, deleitar-se com as possíveis respostas que se suponham dessas indagações.

O que parece ser uma constatação, no entanto, é que a ilustração na *Geografia de Dona Benta* tem, assim, uma dupla identidade: o categórico da precisão e da exatidão e o surrealismo da inventividade do pensamento. O uso do mapa como representação espacial na Geografia de Lobato vem nesse ínterim como um retrato do Brasil à época: uma república monarquista em fase de descoberta de si própria e de profundas transformações quanto ao modo de ver os conceitos estabelecidos. Isso reafirma o argumento de Moretti a respeito do “domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza”: cada narrativa é expressão do tempo em que fora concebida. Para uma França em estado de centralização, uma narrativa que pouca margem dava ao diferente; para um Brasil em estado de intensa transformação cultural, uma narrativa com conceitos flexíveis.

Ponto de partida, ponto de chegada: o lugar como meta

Parece ser consenso entre os investigadores da Geografia e da Literatura como campos de saberes que se influenciam que a figura da casa da família — representativa do lar — seja um dos mais significativos representantes da categoria do lugar. As tramas analisadas, inclusive, têm começo e fim na casa da família, ou no sítio da avó. São pontuadas, portanto, por roteiros circulares: de onde se saiu é para onde se voltará. Inevitavelmente.

Pedrinho, Narizinho, Emília e todas as outras personagens de Monteiro Lobato saem do sítio de Dona Benta e para lá voltam depois de muitas aventuras, medos e alegrias. André e Julien saem da casa materna na Alsácia; para lá não voltam, mas encontram o aconchego do lar em casa de seu tio, um membro da família, marcando um retorno ao inevitável:

Sendo um ponto de retorno, o lar é o ponto de estabilidade durante as mudanças e chances deste mundo fugaz. Da mesma forma que uma criança busca a segurança de sua mãe, ou um penitente a igreja, o lugar de residência é em si mesmo um símbolo de segurança e de tranquilidade. (Tanto a casa — seja a Terra, a cidade ou a habitação — como a igreja, têm sido tradicionalmente vistas como “mãe”). (POCOCK, 1981, p. 339 – tradução livre).⁴³

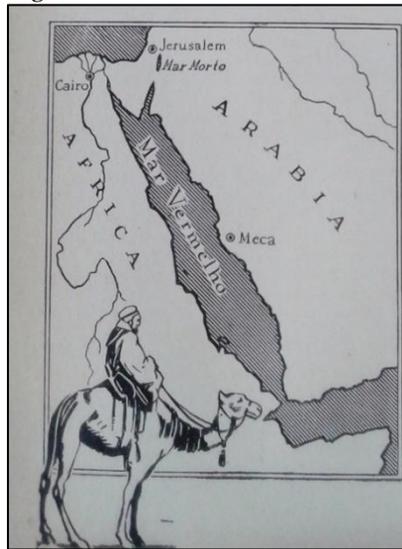
E que tem o mapa a ver com isso? Expressam eles esse eterno retorno? Seriam a metáfora de um espaço como metáforas do eu, tal como expressadas por Nietzsche, de quem Lobato bebia? Na geografia francesa talvez não. Podemos dizer que em G. Bruno os mapas têm o sentido de representações duras do real, expressando o categórico da representação e tendendo a uma ausência de subjetividade pelo

⁴³ « Being a point of return, home place is a point of stability during the changes and chances of this fleeting world. In the same way that a child seeks the safety of this mother, or a penitent the church, home place is itself a symbol of assurance and reassurance. (Both home – whether, earth, land, city or dwelling – and church have traditionally been viewed as mother). » (POCOCK, 1981, p. 339).

leitor, ao passo que em Monteiro Lobato questionam-se os sentidos do mapa, como a expressão de um espaço visto em dimensão que extrapola o “colocável” no papel ou, aquilo que podemos dizer, como a transparência da clareza preterida à gestação do opaco. *Seria o sujeito em Lobato o seu próprio mapa, sua própria orientação?*

Os mapas que se veem não trazem uma relação de lugar entre personagem e espaço geográfico. Talvez a *Geografia de Dona Benta* melhor expresse essa relação quando se dedica aos clichês da representação imagética do mapa. O árabe e seu camelo que figuram no capítulo XXIV, dedicado ao Mar Vermelho e África (figura 37) só permitem uma leitura: é muito mais provável que se encontrem árabes e camelos naquela porção do planeta Terra que em outra. É somente naquele lugar onde se encontram árabes e camelos e, ainda que possam vir a ser vistos em plena Patagônia, por exemplo, serão um árabe e um camelo em outro lugar, não *o seu* lugar.

Figura 33 - Mar Vermelho e África



Fonte: LOBATO, 1935, p. 188

Essa mesma percepção se pode ter com a leitura de algumas ilustrações da geografia de G. Bruno; no entanto, são as imagens

“não-mapas” que a permite, afinal, está também essa literatura recheada de clichês geográficos, vide a representação de Versailles pelo clássico *château* que decora a cidade.

O que seria então o mapa nas narrativas estudadas? Talvez meras ilustrações para marcar a passagem das personagens e situar o leitor diante da quantidade de informações que vai recebendo com o decorrer das tramas. Podemos nos arriscar a dizer, assim, que todas estas ilustrações, “mapas” ou não, estejam para a sua literatura assim como os detalhes estão para um quadro: uma parcela de algo maior e mais importante que é a trama. Todas elas são um mapa só, porque começam e terminam uma história circular, de retorno ao conhecido; são o caminho que conduz de volta a casa; são a experiência geográfica marcada pelas geograficidades daquilo que fora visto e sentido e cheirado e ouvido nas passagens visitadas. Uma verdadeira experiência de geograficidade.

CAPÍTULO 4

Os antecedentes de Monteiro Lobato

Para além da narrativa do *Le tour de la France par deux enfants* outras tantas se justapõem ao rol de leituras experimentadas por Monteiro Lobato, de maneira a endossar um verdadeiro rol de livros e obras orientadas para a formação pátria das infâncias do período entre o final do século XIX e início do século XX.

Importa recuperar que o movimento pioneiro iniciado no Brasil por Monteiro Lobato, dirigido à infância leitora, teve seus antecedentes na Europa, embora sob uma perspectiva distinta, ausente de fabulação, de desliteraturização e de atenção à língua como criadora de geograficidades, inclusive. Os sinais apontados pelas pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1991) atestam a verificação da inserção do modelo literário brasileiro no modelo europeu, cujo desenvolvimento já consolidado inspirou o modelo nacional de produção literária infantil:

[...] quando se começa a editar livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido que se multiplica pela reprodução de características comuns. Dentro desse panorama, mas respondendo a exigências locais, emergia a vertente brasileira do gênero, cuja história, particular e com elementos próprios, não desmente o roteiro geral. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 21).

Sendo assim, não se pode afirmar que Monteiro Lobato tenha sido o criador da literatura infantil no Brasil, uma vez que antes dele figuraram no meio literário brasileiro muitos outros autores e obras, destinadas claramente às crianças brasileiras em fase de

educação escolar. Como apontado no quadro 2, na sequência, são os casos de Olavo Bilac e Manuel Bomfim com o seu famoso *Através do Brasil*, de 1910; das irmãs Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida, com os *Contos infantis*, de 1886; de Malba Tahan, pseudônimo de Júlio César de Melo e Souza, com seus livros de matemática fantástica para as crianças e de Viriato Corrêa, autor maranhense cujas narrativas *História do Brasil para crianças* (1934) e *Cazuza* (1938) fomentam junto a Monteiro Lobato o desenvolvimento deste tipo de literatura no Brasil, na mesma direção apontada por aquele escritor quanto ao contorno aos cânones literários e linguísticos.

Conforme apresentam as pesquisadoras Lajolo e Zilberman (1991) o conjunto de obras literárias dirigidas à infância do período em discussão não teve outro viés que não o nacionalizante, de exaltação pátria e de amor ao território, inclusive no período modernista, cujos temas foram largamente empregados para o reforço de uma identidade de brasileiro ao povo do Brasil, ainda que em refutação ao viés positivista de identidade. Para o período e para as narrativas em discussão:

O tema dominante consiste no nacionalismo, presente desde as intenções geradoras do movimento, uma vez que este tinha em vista a equiparação artística do país com as experiências em voga em nações mais adiantadas. [...] alguns pontos em comum são identificáveis: a pesquisa do passado nacional na busca de fontes autênticas de brasilidade, não contaminadas (ou pouco contaminadas) pela influência européia; o recurso ao folclore, especialmente o de procedência indígena e africana, porque expressa a primitividade e a pureza intocada citada acima; a criação de tipos humanos que representem, de modo sintético, o homem brasileiro ou os traços mais peculiares da raça. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 52).

No entanto, de acordo com Gracioli (2013) na busca pelas origens do povo brasileiro para a contação de sua história, as literaturas nacionalistas do período em questão:

[...] fortificaram referências geográficas de nação que servem de referência mais para o outro, para o mundo externo, que para o próprio povo brasileiro. Na materialidade daquilo que se chama de referência, pelos locais brasileiros externamente conhecidos, pela natureza exuberante, que compõem o dossiê de Brasil e que não necessariamente estão presentes no cotidiano de seu povo, esse se distancia das raízes de colonizados e de explorados e se restringe à exuberância de seus “palácios e igrejas”, esquecendo-se de seus recônditos, guetos, que são os espaços de sua verdadeira experiência de brasileiros. Mesmo assim essas obras didáticas foram significativas para a construção de um conhecimento escolar de Geografia, formador da vulgata desta disciplina; afinal, a formação geográfica escolar deve muito aos pensadores que pioneiramente ousaram e se lançaram em um universo desconhecido, cujo tempo e debruçares seriam os responsáveis por aprimorar as origens desse conhecimento. (GRACIOLI, 2013, p. 104-105).

Não somente as narrativas brasileiras, como também as estrangeiras, endossam o quadro literário destinado à criança leitora no Brasil do início do século, como são os casos do próprio *Le tour de la France par deux enfants* e do *Cuore*, do italiano Edmundo de Amicis, escrito em 1886, e que junto ao seu semelhante francês tiveram um ponto máximo de aceitação e uso, inclusive em escolas públicas do país no início do século XX, quando constituíam uma ferramenta propícia à divulgação de ideias ligadas a políticas imperialistas e territorialistas nacionalizantes. O quadro 2, na sequência, resume alguns dos títulos mais destacados do período:

Quadro 2 - Livros que inspiraram a elaboração da *Geografia de Dona Benta*

LIVROS QUE INSPIRARAM A GEOGRAFIA DE DONA BENTA E QUE FIZERAM PARTE DO ROL DE PRODUÇÕES ORIENTADAS PARA O PÚBLICO INFANTIL NO PERÍODO ENTRE O FINAL DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX NO BRASIL					
AUTORES BRASILEIROS	LIVROS/OBRAS	ANO	AUTORES ESTRANGEIROS	LIVROS/OBRAS	ANO
Adelina Lopes Vieira e Júlia	Contos Infantis	1886	La Fontaine	Fábulas	1668

Lopes de Almeida					
Olavo Bilac e Manuel Bomfim	Através do Brasil	1910	Daniel Defoe	Robinson Crusoe	1719
Malba Tahan	Vários títulos	1927 a 1974	Louis Ratisbonne	La comédie enfantine	1860
Viriato Corrêa	História do Brasil para crianças	1934	G. Bruno	Le tour de la France par deux enfants	1877
Viriato Corrêa	Cazuza	1938	Edmundo de Amicis	Cuore	1886

Elaboração: GRACIOLI, 2016

No Brasil, onde boa parte do que se pensava ou se consumia era de origem estrangeira, predominou uma cultura escolar de origem francesa. Segundo os pesquisadores Ademilde Silveira Sartori e Antônio Celso Mafra Junior (2013), os livros que as crianças liam nas escolas do final do século XIX e início do século XX eram todos importados da França e vinham traduzidos para um português difícil à compreensão do brasileiro, que é o português de Portugal. Raramente havia traduções ou adaptações para o português brasileiro.

Sartori e Mafra Junior dão pistas significativas sobre a possível trajetória da escrita de Monteiro Lobato. Ao estudarem o conceito de dispositivo⁴⁴ em *Contos infantis*, um livro para crianças de 1886, que foi escrito por duas mulheres e irmãs de nome Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes de Almeida, os pesquisadores buscaram estabelecer a relação que essas irmãs fizeram entre seu livro e o livro de um autor precedente, Louis Ratisbonne, cujo livro *La comédie enfantine*, de 1860, obteve também grande sucesso de vendas. Essas irmãs, além de adaptarem o livro francês para o português brasileiro, escreveram também outras obras didáticas para o público infantil, inclusive

⁴⁴ Dispositivo: é um documento que expressa sempre um posicionamento ideológico, um discurso.

geográficas; segundo Sartori e Mafra Junior (2013) o “Contos Infantis é uma obra poético-literária transformada em livro didático.” (SARTORI; MAFRA JÚNIOR, 2013, p. 198).

No entanto, à diferença de Lobato, as irmãs Vieira tinham uma intenção muito clara com a tradução do livro de Ratisbonne, uma vez que sua produção tem um teor moralizante, com tendências religiosas, citando Deus e outras figuras atribuídas à religião católica, principalmente, como personagens de seus contos, com o objetivo de conduzir os leitores a certas condutas consideradas adequadas socialmente.

Na leitura do livro de Ratisbonne, os poemas intitulados *Le Voyage au ciel* (p. 189) e *La poupée ouverte* (p. 247), literalmente, *Viagem ao céu* e *A boneca aberta*, apontam para origens de situações vividas por personagens de Monteiro Lobato em algumas de suas obras. Por exemplo, em *A boneca aberta* Ratisbonne discorre sobre Madeleine, uma menina exploradora que, assim como Narizinho, personagem de Monteiro Lobato, tinha uma boneca e desejava ver-lhe o coração, para o que a abre inteira e, em *Voyage au ciel* há uma similitude significativa entre o enredo do poema e do livro homônimo publicado por Monteiro Lobato em 1932, em que as personagens fazem uma viagem ao espaço sideral a bordo de um cometa.

Sobre a relação entre os dois livros, ao se falar em obras literárias, concordamos com o que apresenta Muniz Sodré a respeito do que seja uma obra literária. Para este pesquisador, a literatura é invenção, ficção, portanto, o uso indiscriminado que dela é feito só compromete a sua utilidade. Além do mais, “a literatura não tem que servir a nenhum campo de conhecimento ou saberes, porque ela é invenção. É uma construção artística.” (SODRÉ, 2013, p. 148). Neste sentido concorda também o pesquisador Sevcenko (2003), para quem:

Fora de qualquer dúvida, a literatura é antes de mais nada um produto artístico, destinado a agradar e comover; mas como pode a qualidade dos seus frutos não depender das características do solo,

da natureza do clima e das condições ambientais? (SEVCENKO, 2003, p. 29).

Outro texto que se apresenta ligado à narrativa de Lobato é *Fábulas* (1668), de La Fontaine, no qual Lobato reconta as fábulas do escritor francês de modo brasileiroado ou, como em suas palavras, “vestindo-as à nacional”. A pesquisadora Elisângela da Silva Santos em seu livro *Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação* (2011) aponta que o gênero fábula tem um “teor moral, de aconselhamento, que usa os animais como personagens e que fala para as crianças.” (SANTOS, 2011, p. 75). Nas suas *Fábulas* (1922) Lobato reescreve os textos originais de La Fontaine, vestindo-os à nacional, e mais: aconselhando, o que significa que Lobato prostrava-se como um verdadeiro narrador, uma vez que a tarefa do narrador, antes de tudo, é aconselhar, situação que cessa com o romantismo, quando as histórias são contadas a partir da perspectiva do outro, não da perspectiva de quem as experiencia.

Também, outro livro contemporâneo às obras estudadas, muito semelhante em termos de escrita e de organização de enredo é *Através do Brasil*, de autoria de Olavo Bilac e Manuel Bomfim, publicado em 1910 e que constitui parte fundamental da literatura infantil brasileira, ainda anterior à *Geografia* de Monteiro Lobato; as semelhanças de enredo e de trama que se podem estabelecer entre a *Geografia de Dona Benta* e o *Através do Brasil* são muitas, e merecem um estudo mais detalhado à parte. Os diálogos estabelecidos entre esses livros ecoam pelo caminho apontado por Manguel (2001):

[...] Construimos nossas narrativas por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão do autorreflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da compaixão, do engenho. [...] As obras tornam-se autobiográficas. (MANGUEL, 2001, p. 28).

Os pesquisadores Claudfranklin Santos e Terezinha de Oliva (2004) ajudam a situar a investigação no caminho da hipótese percorrida.

Ao sair em busca das raízes da escrita de *Através do Brasil*, os pesquisadores fornecem pistas para que se possa compreender a origem da narrativa da *Geografia de Dona Benta*. Segundo os pesquisadores:

[...] dois livros didáticos europeus do século XIX teriam inspirado o *Através do Brasil*. O primeiro é um livro italiano cuja tradução foi adotada em escolas brasileiras: *Cuore*, de Edmundo de Amicis [...] considerado um dos escritores que mais decisivamente influenciaram as produções literárias infantis da Europa do século XIX. **O segundo é o *Le tour de la France par deux enfants*, de G. Bruno** [...] Em comum, as duas obras teriam o propósito de discutir a ideia de identidade nacional em momentos de crise de suas respectivas sociedades, elemento que teria gerado em Bomfim e Bilac uma espécie de simpatia, levando a dupla a produzir, no início do século, um “similar nacional” daqueles livros. (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 101-121 – grifo nosso).

Rapidamente, o livro *Cuore* (1886) de Edmundo de Amicis trata de uma narrativa cujo protagonista é um garoto, Enrico, de idade estimada entre nove e treze anos e que se passa no ambiente da escola. É um texto que prioriza a descrição de situações e investe na veiculação dos valores morais como a amizade, o companheirismo, “a solidariedade, o respeito às tradições, o heroísmo e o perdão” (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 105), tendo a figura do professor como companheiro e disciplinador. De acordo com Santos e Oliva (2004), o nacionalismo é a marca da obra italiana, fundamentado em lições de geografia e história da Itália. “[...] os amigos de Enrico [...] vão à sua casa para estudar. Num certo momento, fecham os olhos e veem toda a Itália, localizando lugares (prédios e paisagens) e personagens da história (heróis) do país.” [sic.] (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 105).

Os sinais que apontam para a direção pretendida em nossa investigação convergem para o ponto de conclusão dos pesquisadores em sua pesquisa. Segundo eles, considerada em conjunto:

[...] a obra italiana e a francesa [o *Le tour de la France par deux enfants*], no fundo, representam paradigmas para a confecção dos livros de leitura das primeiras décadas do século XX no Brasil. Basicamente predominou neles e, necessariamente em *Através do Brasil*, a estrutura do romance de formação, caracterizado geralmente pela narração da aprendizagem de um (ou uma) protagonista. (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 107 – adaptado).

Desse apontamento, podemos dizer que Lobato tenha entrado em contato, também, além do *Le tour de la France par deux enfants*, com essas e outras produções e, mesmo, que a *Geografia de Dona Benta* seja um eco dessas leituras por ele realizadas, em um movimento que se pode considerar como de predomínio de um espírito de época.

Através do Brasil: o antecedente nacional de Lobato

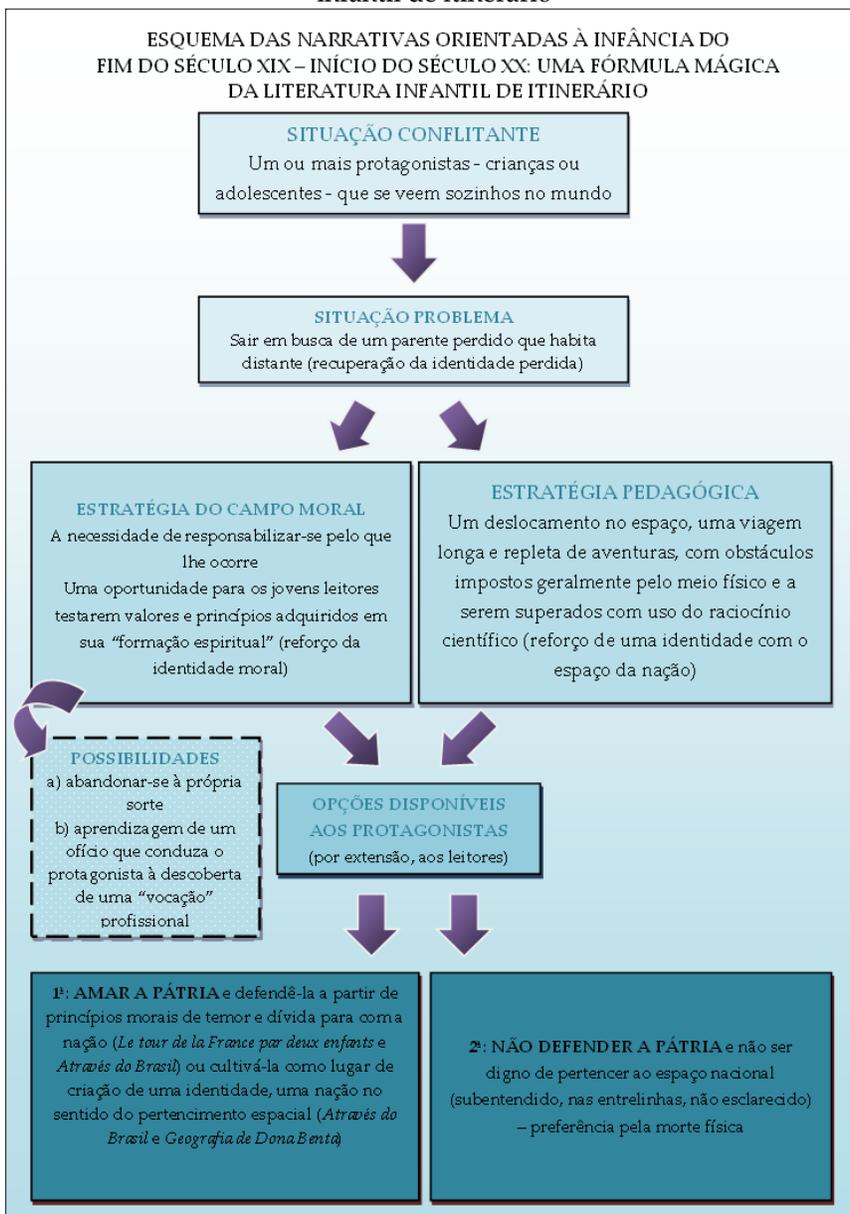
Das narrativas de referência ao tema da literatura de itinerário apresentadas no quadro 2, na página 121, a que mais chama a atenção como narrativa antecedente a *Geografia de Dona Benta* de Lobato é, sem dúvida, *Através do Brasil*, de autoria de Olavo Bilac e Manuel Bomfim. Publicada em 1910, a narrativa insere-se no rol de textos produzidos no contexto de nacionalismos pátrios como uma produção pioneira no Brasil para o gênero sem, no entanto, enveredar-se pela língua e pelas críticas à linguagem de seu tempo próprias da escrita deslitterarizada de Lobato.

O *Através do Brasil*, podemos dizer, foi o livro ponte entre a narrativa francesa do *Le Tour de la France par deux enfants* e a *Geografia de Dona Benta*. Situada temporalmente entre a produção daquela e desta narrativa, a narrativa de Bilac e Bomfim inaugura no Brasil a literatura infantil de itinerário e tamanha importância obriga-nos a olhar para ela, ainda que de maneira rápida. Será este livro a produção literária que se apresenta como aquela herdeira mais fiel aos princípios da República que acabava de se instaurar, bem ao modo das demais narrativas que lhe serviram de base, em que tanto uma,

quanto a outra, buscavam em suas tramas desvincular-se do passado monarquista, da noção de política como possibilidade de ascensão social e da vida pública como caminho para a conquista de *status* e reconhecimento entre os iguais. Não se pode negar, tanto a literatura infantil, quanto a literatura adulta do período convergiam para um mesmo ponto: apresentar e criticar a realidade política e social do Brasil para o brasileiro da época. Para o caso da literatura infantil, esta transição entre o século XIX e o século XX significou a promessa de “[...] desconcertar as falhas educacionais deixadas pelo período Imperial.” (AREIAS, 2017, p. 4).

Fortemente calcada no espírito de época vigente entre os escritores orientados à infância do período da *Belle Époque*, a narrativa não promete inovações quanto ao enredo vivido pelas personagens da trama, sempre envoltas em situações de abandono ou de morte pelos pais e responsáveis, advogando para si a situação de “filhos do mundo”, com a figura da mãe sempre morta, simbolizando a ausência de uma pátria, a ser buscada. Também do sexo masculino, as personagens Carlos e Alfredo admitem uma função clara na trama: sair em busca de parentes vivos que habitam em terras distantes, para o que o espaço geográfico se insere como o sustento das situações a serem transpostas com garra e bravura. O quadro 3 sintetiza a fórmula utilizada pelos autores de narrativas de itinerário para a composição de suas tramas:

Quadro 3 - Esquema das narrativas orientadas à infância do fim do século XIX – início do século XX: uma fórmula mágica da literatura infantil de itinerário



Elaboração: GRACIOLI, 2016

Nele, percebe-se a espinha dorsal que sustenta as narrativas analisadas. De situações conflitantes e de uma problemática de teor moral, desenvolve-se uma relação com o espaço geográfico calcada no respeito ao meio natural e ao território envolvente da nação como possibilidade para se alcançar uma identidade sólida. De modo que as opções ou possibilidades disponíveis àqueles que não desejassem seguir os cânones da formação tradicional pátria não fossem tão agradáveis como uma perspectiva de vida digna, restava somente ao cidadão sair em defesa do imposto. Tal modelo, para além de veicular-se por uma literatura infantil de itinerário, expande-se para a vida de relações orgânicas desempenhadas pelo cidadão do período considerado em seu cotidiano, de modo que ser ou não ser patriota não se tratava, no limite, de uma opção, mas de uma obrigação. Afinal, em nenhuma das narrativas analisadas houve a possibilidade de o leitor refutar a possibilidade de uma pátria ou de uma nação, pelo menos nos moldes como essas ideias de apresentaram.

Se os temas que mais apareciam nas literaturas de orientação à construção de um nacionalismo ao leitor adulto eram aqueles relacionados à “obstinação da necessidade de conhecimento do país, pelos relatos da colonização do interior, pelo incentivo de se criar um saber próprio sobre o Brasil” (SILVA, 2008, p. 7), para o leitor criança essa mesma orientação se aplicaria, porém, acrescida de uma carga de valorização do leitor e da própria criança jamais vista ou sentida em outras literaturas até então no Brasil.

Subjacente às temáticas da apresentação do país à criança, da valorização do espaço nacional e dos temas pertinentes ao período, a literatura praticada à época previa um salto qualitativo em relação às demais produções contemporâneas ao observar a necessidade de fazer o pequeno brasileiro tomar posse de seu país. Em resumo, fazer as crianças, os brasileiros do futuro acreditarem em si próprios, e não ficarem à mercê do Estado. De forma gradativa e sob diferentes empregos, esse é outro ponto que une as narrativas analisadas, passando pelo texto de Bilac e Bomfim como a ponte de ligação entre elas.

A fictícia inclusão social ou nacional destes personagens ocorre sempre pela ação e iniciativa dos protagonistas que, com exceção das poucas personagens femininas criadas por Júlia Lopes de Almeida, são sempre do sexo masculino, entre dez e doze anos, brancos, de classe média, provenientes de família nucleares e alfabetizados. Estes constituem, em suma, aqueles que por princípio já estavam identificados com uma “infância brasileira”, sobre a qual os autores depositavam suas expectativas de reforma social e que, pode-se inferir, corresponde à idealização que faziam de seus leitores. (HANSEN, 2011, p. 63).

O leitor das narrativas que analisamos, portanto, não corresponde a uma ideia de infância geral; é um leitor do qual se espera algo, porque já está inserido em uma classificação que coexiste com outras infâncias. Podemos dizer inclusive que o civismo pretendido com as narrativas era um civismo orientado para a classe média brasileira, assim como para a francesa no caso da narrativa de G. Bruno.

Para a narrativa de Bilac e Bomfim, escrita a partir de um Rio de Janeiro cosmopolita e orientado ao futuro, seu texto busca resgatar e inserir na alma do jovem leitor um retorno ao ambiente rural e agrário, identidades sempre marcantes do Brasil e do brasileiro tanto para ele próprio, quanto para o exterior. Além dessa característica, são muitas as que associam a trama desempenhada pelas personagens desses autores às tramas da *Geografia de Dona Benta* e do *Le tour de la France par deux enfants*: a presença de um pai amoroso, descrito como “carinhoso e meigo” (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 6), “[...] simples e afetuoso, preferindo ser atendido e amado a ser obedecido e temido” (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 7), por exemplo, remete à ideia de educador pretendida pelos autores, orientados por uma ideologia de libertação dos cânones de se fazer a educação do período, mais alinhado ao proposto com o movimento da Escola Nova, que surgiria tempos depois.

À notícia da doença do pai, engenheiro de estradas no interior do estado de Pernambuco, os garotos saem em sua busca, para o que abandonam a escola, símbolo da vontade de se fazer uma

geografia *in loco*, deixando o gabinete e as orientações didáticas dos livros da época de lado para, a partir da experiência da vivência do espaço, fazerem sua própria geografia. A essa constatação cabe o questionamento do porquê da escolha da região nordeste do Brasil, notadamente o estado de Pernambuco, como cenário para o desenvolvimento da trama. Uma possível interpretação reside na ideia da tentativa de os autores de chamar a atenção do público leitor para aquela região decadente do país e, a partir da sua exploração, dar-lhe novas tintas no ideário nacional ao jovem leitor.

Ainda nas considerações iniciais do texto, elaboradas pelos autores, a proposta literária e ideológica pretendida vem fortemente calcada em uma atmosfera de renovação do modo de pensar e fazer Geografia, ao pretender que: “a Escola ensine a conhecer a natureza com a qual a criança está em contacto, e a vida que ela tem de viver e da qual já participa.” (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 6).

Com a intenção de evitar o ensino enciclopedista, de adequar o conteúdo expressado na narrativa às características psicológicas da criança e do jovem leitor, em respeito às suas individualidades, bem como de atribuir maior importância ao professor que ao livro, tendo a família como pilar para esse intento, os autores de *Através do Brasil* tinham em comum, além do fato de conhecerem muito de alguns estados do Brasil e da própria França:

[...] um incomensurável amor pelo Brasil e por tudo que lhe dizia respeito. Patriotas de primeira categoria, dedicaram-se à educação animados por um extraordinário otimismo pedagógico, por uma fé no poder do conhecimento, associada, por vezes, à fé no engrandecimento moral do indivíduo pela educação. (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 104).

Pelo aspecto histórico que desenvolve na narrativa, o livro *Através do Brasil* mantém-se num movimento tênue entre uma história oficial, ditada pela institucionalização característica dos Institutos Históricos e Geográficos da época e entre a história contada a partir dos oprimidos ou vencidos: se por um lado o

indígena se apresenta, por exemplo, como o “selvagem comedor de carne humana” (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 12), o negro denota uma imagem de afetuosidade, apesar de sua condição de incivilizado — a “preta velha de Garanhuns” (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 11) e mesmo o nativo caboclo, como na figura de Benvindo, demonstra sua hospitalidade para com o desconhecido, por outro, as referências de uma cultura local nordestina também são veiculadas a partir de uma perspectiva da experiência de vida dos autores, cuja importância em ser conhecida está descrita em diversas passagens significativas do texto, como na que segue, em referência à primeira vez das personagens em uma roda de samba:

Por trás de cada fazenda, corria uma fila de casinhas de taipa, com uma só porta. Em frente a ela, num terreiro batido e limpo, estavam reunidas umas vinte pessoas, quase todos homens — pretos, caboclos e mulatos. Formavam círculo, uns sentados no chão, outros sobre os calcanhares, ou firmando na terra os joelhos e as pontas dos pés. No centro do círculo, o Benvindo sentado sobre uma pedra, empunhava a viola. Ao lado, de pé, um mulato, talvez de vinte anos de idade, rufava o pandeiro. Os dois cantavam em desafio. Uma fogueira, acesa a pequena distância, espancava as terras, e alumiaava a cena pitoresca. (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 16).

Valendo-se da descrição de cenas e situações culturais, a narrativa de *Através do Brasil* também não se furta a descrever paisagens e a veicular uma noção de Geografia desvinculada de uma perspectiva de crítica às situações espaciais que vão encontrando suas personagens. À diferença da narrativa francesa, a escrita de Bilac e Bomfim prima por uma descrição do espaço geográfico sem a necessidade de ater-se a conceitos científicos, numa linguagem que, se não fantasiosa, ao menos permite ao leitor uma apropriação do conteúdo de maneira mais facilitada e didática. O trecho da passagem das personagens pela Cachoeira de Paulo Afonso, na Bahia, revela esses indícios:

— Quando o rio chega a esse ponto — continuou a dizer o viajante, satisfazendo a curiosidade dos dois meninos — as suas ondas passam apertadas entre duas altíssimas muralhas de rocha. Obrigadas a passar por essa garganta, as águas avolumam-se, esmagam-se, atropelam-se, atiram-se vertiginosamente por uma rampa de granito, e desabam da altura de oitenta e um metros, formando quatro canais, de muitos metros de largura... [...] (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 19).

Tal como nas demais narrativas, em *Através do Brasil* o meio natural aparece como parte do mito fundador da identidade do brasileiro contemporâneo, e sua reprodução vem associada a uma atmosfera de paraíso na Terra, ao qual terão acesso somente os bons e virtuosos de espírito; além disso, a esse paraíso supõe-se o seu uso racional e orientado ao progresso econômico do povo, representado pelos heróis que dele despontam que, para o caso da narrativa em questão, vêm figurados pelo sertanejo:

[...] *Através do Brasil* não foge por inteiro ao padrão dos livros voltados à exaltação da pátria. Um exemplo disso é a ideia de que a natureza é o fundamento da nação. As descrições naturais (paisagens) são marcantes em todo o livro. Elas passam a imagem de beleza, harmonia, grandeza e perfeição, uma espécie de “aquarela” do Brasil. Estes aspectos demonstram uma ideia muito presente tanto em *Cuore* como em *Le tour de la France par Deux Enfants*, a busca da unidade na diversidade. (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 117).

As semelhanças ideológicas entre as tramas de Bilac e Bomfim e Lobato compartilham de um ideário nacionalista calcado no uso orientado da terra e na esperança do porvir. Inclusive, a linguagem empregada por ambos os autores compartilha de uma afeição nacionalista pelo território brasileiro, com falas ao mesmo tempo melancólicas e entusiasmadas. Na Bahia, por Bilac e Bomfim:

— A Bahia é rica! — exclamou Alfredo.
O homem sorriu:

— Será muito rica! Muito rica, quando todas as suas riquezas naturais forem intensivamente exploradas. Na Bahia, há fumo, café, cacau, ferro, ouro, diamantes. E todas as lavouras, todas as indústrias e todo o trabalho, que há, não só na Bahia, como em todo o Brasil, progredirão, ainda muito mais do que hoje, quando todo o território estiver coberto de estradas de ferro. (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 60).

E no Mato Grosso, por Lobato:

— [...] Ainda não chegou o tempo. Tudo vai devagar. Mas a grandeza futura desse Estado é coisa certa. Sobretudo quando vier o petróleo e essa nova riqueza der um arranco no desenvolvimento de Mato Grosso. (LOBATO, 1988, p. 26).

A experiência de espaço geográfico vivenciada pelas personagens de Bilac e Bomfim, assim como nas demais narrativas, é compartilhada com outras personagens, coadjuvantes, sempre mais experientes no trato com as particularidades do espaço da região ou dos lugares visitados. Juvêncio, um desses coadjuvantes, simboliza ao leitor o forasteiro que aparece *do nada* cheio de novidades para apresentar ao jovem estudante de primeiras letras das escolas. Como porta-voz da novidade e do diferente, essas personagens desempenham um lugar fulcral nas narrativas, envoltas sempre em uma atmosfera de esperança na relação com o conhecimento.

No trecho da passagem das personagens por uma fazenda produtora de algodão, Juvêncio demonstra suas capacidades e domínio da cultura local, apresentando-a por meio de uma prática desconhecida pelas protagonistas, na tentativa de chamar-lhes a atenção para aquilo que vem de dentro, que compõe a alma do país, e atribuir-lhe uma identidade de brasileiros:

[...] Alguns dos tropeiros e dos trabalhadores da roça traziam os violões ao vasto terreiro que defrontava a casa da fazenda: cantavam as “modinhas” do sertão, cheias de saudade e melancolia; às vezes, justavam em “desafios”, e improvisavam quadrinhas de ingênua graça, provocando o riso dos presentes. Juvêncio, com sua vivacidade

habitual, também fazia parte do divertimento, e contava histórias rimadas, em que havia diálogos de homens e animais, brigas heroicas entre sertanejos boiadeiros, e disputas fabulosas entre a onça e o sapo, ou entre a cobra e o lagarto. (BILAC; BOMFIM, 1948, p. 35).

Interessa nessa passagem a relevância atribuída pelos autores a uma faceta pouco trabalhada na literatura infantil orientada exclusivamente à criança leitora da época: se a presença do fantástico nas obras fabulísticas francesas já ocorria há séculos, essa literatura, no entanto, não era destinada ao jovem leitor, mas ao seu tutor, portanto, uma leitura adulta orientada a um jovem ouvitor. *Estaria nesse ponto, possivelmente, um indício que levaria Monteiro Lobato a criar a sua Geografia fabulística, pautando-se também por uma leitura de resgate de mitos locais, porém, com orientação à criança leitora e não ao seu tutor?*

Do ponto de vista da estruturação narrativa, eis uma grande jogada literária desses textos: unir a estratégia da divulgação de um conhecimento de nação a ser seguido como ideal com a base literária dos contos de fadas, que apresentavam o mundo à criança de modo breve e categórico, da maneira mais direta de se aprender e lidar com o inevitável da vida: a separação dos pais, que estava para todas as classes sociais, não apenas àquela à qual se orientavam as narrativas:

Esta é exatamente a mensagem que os contos de fadas [e as narrativas de itinerário] transmitem à criança de forma múltipla: que uma luta contra dificuldades graves na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana — mas que se a pessoa não se intimida mas se defronta de modo firme com as opressões inesperadas e muitas vezes injustas, ela dominará todos os obstáculos e, ao fim, emergirá vitoriosa. (BETTELHEIM, 2002, s./p. - adaptado).

O desfecho inevitável para as personagens de todas as narrativas analisadas, inclusive para as de *Através do Brasil* e, em analogia para os brasileiros da República e do próprio Brasil não poderia ser outro: o progresso e o avanço do povo, o que quer que

seja o que ele represente, com a conseqüente fossilização do modelo imperial de governo. Além disso, as agruras que a vida vai colocando com as passagens pelos locais desconhecidos e amedrontadores, em todas as narrativas, têm uma única função: a de mostrar que “só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fadas (a criança) pode se encontrar [...]” (BETTELHEIM, 2002, s./p.).

Os espaços experimentados e experienciados nas narrativas vêm, neste sentido, com a conotação de cenário da vitória: as crianças leitoras se identificam com os heróis, suas lutas e dificuldades. E assim as narrativas se tornam ainda atuais, o que explica também a sua permanência no rol de publicações das editoras por décadas.⁴⁵ Segundo Hansen (2011):

[...] Olavo Bilac foi o autor brasileiro que mais produziu textos de ficção para as crianças brasileiras até que Monteiro Lobato entrasse em cena no início da década de 1920. No mesmo período aproximaram-se dele, em volume de produção, somente o seu mais frequente colaborador, Coelho Neto, e João Köpke, este último distinguindo-se dos demais por não enfatizar tanto os conteúdos cívicos.

Esta constatação soa surpreendente devido ao pouco conhecimento que temos sobre estes livros que, não obstante, são os fundadores da

⁴⁵ André Botelho (1998), sobre o alcance da narrativa de *Através do Brasil* aponta: “As obras paradigmáticas de Manoel Bomfim alcançariam um número impressionante de edições: *Através do Brasil*, p. ex. é uma dessas obras de literatura nacional que, como o próprio título sugere, procuram suscitar e desenvolver, sob o espírito geral de ‘abrasileiramento’, a constituição de uma nova ‘mentalidade nacional’ através da juventude alfabetizada, e que publicada originalmente em 1910, atravessaria cinco décadas chegando a 64 edições em 1962. Levando-se em conta a utilização didática a que foi submetida, é possível considerar que as obras paradigmáticas de Manoel Bomfim, como *Através do Brasil*, tenham possuído grande responsabilidade na transmissão sistemática de representações, valores e pensamentos sobre o país à sucessão de diferentes gerações de ‘brasileiros’. Voltada para o processo de formação intelectual, moral, estética e política da juventude e dos profissionais ocupados diretamente com esse processo, particularmente os professores ou mestres-escolas, *Através do Brasil* desempenharia um papel fundamental na formação de uma ‘imagem’ do país em sucessivas gerações de ‘futuros cidadãos’ de uma nação, desse modo, sempre nascente: um Brasil do futuro.” (BOTELHO, 1998, p. 13).

literatura infantil produzida no Brasil. Aqui considero literatura infantil de uma maneira assumidamente restrita e conservadora, como textos de caráter ficcional, escritos por adultos, intencionalmente para crianças. (HANSEN, 2011, p. 59).

Ao final da trama, apressada quanto aos desfechos pretendidos às personagens, os tipos regionais aparecem com significativa presença no direcionamento do pensamento dos garotos, cujas ações levam à interpretação das intenções dos autores para com seus leitores. Sertanejo, lavadeira, ferreiro, criança, o povo em geral, todos são heróis da nação, portanto todos têm direito a acessá-la e a vivê-la. Assim, *como deixar essa grandiosa oportunidade passar?* Eis a moral das histórias: defenda a pátria e tenha uma identidade, seja brasileiro!

Por se tratar de uma literatura utilizada como material de apoio didático em estabelecimentos escolares de todo o Brasil, a qual “permaneceu por mais de meio século no ambiente escolar” (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 111) o *Através do Brasil* desempenhou uma função pedagógica muito mais eficiente que as outras narrativas de itinerário de seu tempo, no sentido de uma cooptação das jovens mentes leitoras para uma defesa da pátria e da nação; daí que seu alcance ideológico tenha sido, possivelmente, mais efetivo, ao menos em termos quantitativos.⁴⁶

No bojo de toda a discussão ideológica que sustenta as narrativas analisadas, o apontamento de Jacques Revel sobre o poder do texto no direcionamento dos contextos aparece com força para as situações pretendidas no momento de produção dessas narrativas: “[...] é a partir do texto que se deve dedicar a reconstruir os contextos múltiplos nos quais ele adquire ação e sentido.” (REVEL, 2009, p. 136). De uma rede de narrativas com propósitos e orientações bem definidas e bem articuladas quanto ao alcance ideológico a uma infância leitora nascente, língua, literatura e geograficidades situam-

⁴⁶ Conforme os autores Santos e Oliva (2004) “[...] Numa população de 20.215.000 pessoas, seu público específico correspondia a 3,15% num total de 638.378 alunos matriculados no curso Médio das Escolas Primárias.” (SANTOS; OLIVA, 2004, p. 111).

se como os instrumentos mais eficientes na determinação de modelos de pensamento e de comportamento, ainda mais quando articulados ao reduto máximo do conhecimento, a escola. Eis aí a fórmula mágica para a construção de um conhecimento geográfico inovador e arrebanhador ao seu tempo.

G. Bruno começa, Bilac e Bomfim adaptam, desenvolvem e modificam e Lobato desenvolve, modifica e acrescenta o novo de sua identidade ao tema da narrativa de itinerário; cada qual ao seu modo e necessidade política e pessoal contribui e avança a temática e o nicho literário. Cada um imprime nas páginas de suas narrativas a identidade e o desejo pessoal de cada um e deixam marcada a mensagem pretendida com sua escrita textual: liberdade é poder criar dentro de um terreno perigoso a mais bela realidade.

CAPÍTULO 5

Língua, literatura... narrativas

No texto apresentado, que tangencia o propósito da análise comparada entre literaturas, a maior aproximação que podemos observar entre as narrativas estudadas resume-se nos dois caminhos possíveis para a literatura, quais sejam: o da intertextualidade, que ocorre quando um autor utiliza textos de outros, e o da intratextualidade, que se nota quando o escritor retoma e reescreve sua obra. Para as narrativas que estudamos, conclui-se pelo movimento inicial da intertextualidade em Monteiro Lobato, em que o autor visita outras narrativas de seu tempo para compor a sua *Geografia*, dadas as aproximações entre tramas, papéis desempenhados pelas personagens e objetivos ideológicos; dentre essas narrativas, o *Le tour de la France par deux enfants*, uma das pioneiras entre os textos do estilo literatura infantil itinerária no ocidente, cujo caminho inicia-se no sentido oposto, o da intratextualidade.

Da análise das narrativas estudadas, podemos verificar que ambas sinalizam para um movimento de decadência dos grandes modelos teóricos que por longo tempo pareceram sustentar visões do mundo de maneira uniforme e heterogênea, uma vez que lançam as bases para leituras do mundo com foco nas relações cotidianas, nas dimensões microespaciais da casa, da família e, em consequência, celebram uma Geografia com base nas relações sociais para a compreensão espacial, muito mais que por um viés natural-biológico do meio.

De modo que, como verificado, ambas as narrativas se situam no movimento filosófico do positivismo, portanto, imersas em um modelo explicativo da realidade e do espaço geográfico orientado

para a celebração da razão técnico-científica, não podemos deixar de perceber as distinções que distanciam as narrativas entre si e as colocam em patamares diversos quanto ao nível de reflexão pretendido para com o leitor.

Entendemos que seja necessário revisitar a ideia de um princípio de unificação das produções no interior de uma cultura, afastando a ideia de que uma cultura se constitui como um todo coerente e significativo em sua coerência. É preciso levar em conta o conjunto de formas de participação que atingem os atores de modo desigual e que devem ser distinguidos e comparados, para compreendermos melhor a maneira como de fato são construídas as identidades culturais.

E é deste modo, por meio da recuperação das distâncias entre as narrativas que se pode compreender suas aproximações em um movimento que se pode denominar de espírito de época que, à diferença da noção de mentalidade, cujo entendimento é o de que certas realidades apresentam *status* sociais diversificados apesar de seu pouco interesse e aceitação social, o espírito de época atribui um movimento mais confortável aos autores quanto ao da promoção de suas ideias: pensa-se uma mesma realidade a partir de pontos de vista diferentes, com termos e palavras próprios de cada autor, mas sem deixar de se conectarem pelo fio comum da experiência de época que somente vivenciam aqueles que nela experienciam.

Essas questões nos levam à consideração sobre o que venha a ser a ideia de originalidade na escrita de Monteiro Lobato, já que é a sua narrativa a que se posiciona na posteridade do fio da história das narrativas de itinerário. Por originalidade entende-se uma dupla dimensão: aquilo que faz referência à origem de algo, no caso, de um nicho literário que é o da literatura de itinerário e também a dimensão daquilo que não se coloca “apenas como mais um entre tantos outros textos”.

Ler e pesquisar a literatura de itinerário conduz ao conhecimento, senão do todo, ao menos de parte das produções que compõem o rol de textos a ela ligados. Sendo assim, é inevitável pensar no tema da originalidade, mesmo porquê estamos

trabalhando a literatura comparada, que põe lado a lado diferentes perspectivas de um mesmo objeto.

Reforça-se que o entendimento de texto literário com o qual trabalhamos prima pela noção de que tanto o livro, quanto a obra literária representam objetos culturais, produtos de uma cultura, “e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção.” (CANDIDO, 2013, p. 179). As narrativas a que nos debruçamos nesse texto inevitavelmente representam produções culturais de seu tempo. Mais que outros textos produzidos anteriormente, as narrativas de G. Bruno e de Monteiro Lobato inserem-se num período de produção cultural em que o livro estava já consolidado como objeto da cultura ocidental, portanto, desempenhavam relações de compra, venda, troca e valorização.

Além desta inserção, também estão essas narrativas imersas em um momento da história econômica em que a obra de arte passa a ter outra conotação em função das novas descobertas no campo da técnica e da ciência: a linha de produção, o uso intensivo da imprensa escrita e o monopólio das informações em virtude das unificações territoriais e de poderes. *Como não pensar no tema da originalidade quando todas essas transformações vinham ocorrendo a passos cada vez mais largos, inclusive no campo da expressão artístico-cultural?*

O leitor de G. Bruno que lê Monteiro Lobato, e vice-versa, inevitavelmente se depara com a questão: *quem copiou quem?* Nós mesmos, na experiência de leitura das duas narrativas, tivemos a impressão de que algo fora copiado por alguém. Ou melhor, que Monteiro Lobato copiou G. Bruno, dadas as inegáveis semelhanças de enredo, visões de mundo, objetivos literários, bem como as características de forma e conteúdo dos textos, situando as produções numa linha do tempo. Essa constatação se aproxima do que Umberto Eco chama de intertextualidade, quer dizer, um processo em que um texto “cita, de modo mais ou menos explícito, uma cadência, um episódio, um modo de narrar que imita o texto de outrem.” (ECO, 1989, p. 125).

A ideia de intertextualidade vem para trazer à escrita de Monteiro Lobato um aspecto de resgate, ou mesmo a continuação

de uma trama já iniciada no passado. Segundo a pesquisadora Thaísa Souza (2014):

A intertextualidade abrange as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais textos já existentes. (SOUZA, 2014, p. 10).

É bem possível que o conhecimento do texto da narrativa francesa tenha sido o ponto inicial para o grande sucesso da narrativa de Monteiro Lobato, no bojo da fórmula mágica da construção dos textos do tipo viagem de itinerário: uma situação conflitante, uma situação problema, a busca por soluções, o retorno ao lugar de origem.

Porém, dizer que a narrativa de Monteiro Lobato imita, copia ou se inspira em sua antecessora equivale a um engano. Mesmo os termos “espírito de época” e “mentalidade” parecem não ser os mais adequados para dizer das relações que se estabelecem entre as duas narrativas porque, como já visto, cada uma tem suas singularidades que as tornam únicas. Quando Monteiro Lobato utiliza a fórmula mágica da construção de sua narrativa, o que está implícito é o que Umberto Eco traz como originalidade ou inovação: “[...] um modo de fazer que põe em crise as nossas expectativas, que nos oferece uma nova imagem do mundo, que renova as nossas experiências.” (ECO, 1989, p. 120). E a narrativa da *Geografia de Dona Benta* é exatamente isso: uma nova maneira de fazer uma geografia já bastante conhecida e eficiente pelos escritores à infância da época.

O que mais chama a atenção para a questão da narrativa de itinerário desenvolvida por Lobato é justamente a sua inovação ao tomar um conhecimento de geografia e transformá-lo ao seu modo, com toques de fantasia, de surrealismo e com uma identidade de autoria bastante definida. Tal como indica Eco (1989):

[...] a estética moderna sabia que muitas obras de arte originais podem ser produzidas usando elementos pré-fabricados e “em série” e, para ela, da serialidade podia nascer a originalidade. Acontece assim na arquitetura, mas aconteceu também na poesia tradicional, em que o autor podia usar esquemas predeterminados (como o sexteto e o terceto) e, todavia, mesmo permitindo ao destinatário reconhecer a presença do esquema, pretendia provocar-lhe a experiência da inovação ou da invenção. (ECO, 1989, p. 121).

E continua:

[...] muita arte, portanto, foi e é serial; o conceito de originalidade absoluta, em relação a obras anteriores e às próprias regras do gênero, é um conceito contemporâneo, nascido com o romantismo; a arte clássica era amplamente serial e as vanguardas históricas, de vários modos, deixaram em crise a ideia romântica da criação como estreia no absoluto (com as técnicas de colagem, os bigodes na Gioconda, etc.)

[...] o mesmo tipo de procedimento serial pode produzir tanto excelência quanto banalidade; pode deixar o destinatário em crise consigo mesmo e com a tradição intertextual no seu conjunto. (ECO, 1989, p. 133).

A questão da originalidade nos textos analisados, mas sobretudo na *Geografia de Dona Benta*, levanta a questão da abertura que a ciência geográfica e os conhecimentos e saberes a ela relacionados alcança, especialmente por ser ela um texto situado na esteira de um período marcado por profundas transformações sobre o modo de se fazer e conceber a cultura literária. E com a ciência geográfica ocorreu o mesmo, ao se sistematizar e se inserir nos limites de outras ciências.

Se hoje podemos falar de uma originalidade geográfica nos textos analisados é porque esses textos passaram a ser vistos pela Geografia como fontes válidas de produção de saberes e conhecimentos de geografia. Como indica Marc Brosseau (1994), “antes da década de 1970 as fontes literárias não eram rejeitadas, mas, simplesmente ignoradas, por serem consideradas impróprias para servir como sólidas fontes de dados científicos.” (BROSSEAU,

1994, p. 334 – tradução livre).⁴⁷ É exatamente o período do início do século XX o que mais vem despertando a atenção dos geógrafos quanto à originalidade do conhecimento geográfico associado à literatura como fonte de expressão de Geografia, pela vanguarda que representou no fio da história das artes. Segundo o autor:

Mais recentemente, alguns geógrafos, vindos de outras perspectivas, têm olhado para a literatura do século XX no sentido de examinar o quanto ela expressa distintos modos de conceber o espaço e o lugar ou redefinir nossa relação com o texto literário. Neste sentido, é o texto em suas diferenças e os espaços que gera que tem se tornado o foco. (BROSSEAU, 1994, p. 338 – tradução livre).⁴⁸

Ficamos com o entendimento da originalidade do pensamento de geografia expressado por Lobato em sua narrativa como a expressão dos ecos de um fenômeno literário que foi a literatura de itinerário. A repetição das tramas não é só o que possibilita a história, mas também, a sua crítica e a remodelação dos caminhos que traça: “[...] a originalidade consiste não em buscar a origem de um fenômeno, mas seus ecos, suas reverberações em temporalidades e espacialidades heterogêneas — a literatura não como uma instituição inexpugnável, mas como um efeito da escritura [...]” (KLEIN, 2016, p. 229).

Antes de tudo, é preciso considerar que o leitor dos tempos modernos não é o leitor dos tempos da revolução das ideias na França setecentista. A relação dos leitores com os livros se modifica no fio do tempo, uma vez que são, estes, objetos culturais que admitem maior ou menor valor na história. À semelhança do que nos aponta Chartier (1998), o livro existe e existirá enquanto os

⁴⁷ “Literary sources were not rejected but simply ignored, as they were considered unfit to serve as solid scientific data.” (BROSSEAU, 1994, p. 334).

⁴⁸ “More recently, some geographers, coming from various perspectives, have looked at twentieth-century literature in order to examine how much it ‘expressed’ different ways of conceiving space and place or to redefine our relationship to the literary text. In this sense, it is the text in its difference and that of the space it generates that have become the focus.” (BROSSEAU, 1994, p. 348).

leitores os lerem ou os pesquisarem; do contrário, não terão eles lugar entre os homens. Talvez esteja nesta constatação os porquês da sobrevivência do *Le tour de la France par deux enfants*. E do nascimento da *Geografia de Dona Benta*.

Ainda na esteira da discussão sobre a mentalidade expressada no texto escrito, o pesquisador Jacques Revel (2009) ao nos apontar que “a noção de mentalidade foi uma tentativa de [...] compreender enunciados que não encontravam lugar no repertório das práticas culturais [...]” (REVEL, 2009, p. 107) quer nos chamar a atenção para a ideia de que, para se compreender uma identidade cultural, francesa ou brasileira, por exemplo, é exatamente pela diversidade que se deve percebê-la, não a partir de suas homogeneidades. Nesse sentido, Monteiro Lobato trabalhou de modo brilhante, com o uso da língua e da literatura na promoção das diversidades espaciais, mas que não fizera de maneira tão intensa G. Bruno, para quem a língua e a literatura não tiveram papel significativo ou utilidade na promoção da diversidade cultural de sua nação, mas de reforço a padrões de mentalidades homogêneas, mesmo porque o intento de sua escrita não era o de promover tais diversidades espaciais ou culturais, mas reforçá-las em unidades coerentes de identificação.

Assim que, se na *Geografia de Dona Benta*, por exemplo, o propósito linguístico e literário de Monteiro Lobato esteve em romper com a tradição bacharelesca da língua, dura, inacessível pelo leitor em geral, sobretudo pela criança e pelo jovem leitor, nem por isso o seu texto ancora na perspectiva de uma literatura infantil como veículo de moralização ou se propõe a um didatismo formalizado na ideia de escola de seu tempo, movimento que, no entanto, se pode perceber no *Le tour de la France par deux enfants* que, também não sendo utilizado como livro didático, teve um direcionamento eminentemente moralizador e de teor didático à formação intelectual do jovem leitor de seu tempo. A pesquisadora Adriana Silene Vieira (1998) conclui e confirma este raciocínio:

Ainda subentendida no pensamento lobatiano referente à literatura infantil, fica a proposta do autor de romper com a tradição de textos

didáticos ou de formação moral e cívica para crianças, como eram os textos anteriores aos seus. Seu projeto era outro: queria justamente educar seus leitores para exercerem o direito da liberdade e questionarem o que lhes era dado. (VIEIRA (b), 1998, p. 27).

A esse propósito de entendimento da língua e da literatura como expressão de uma visão do mundo, uma análise mais aprofundada das relações que o texto estabelece com a língua a partir de determinados aspectos, como o do tempo verbal empregado para expressar as ideias, por exemplo, torna nossa pesquisa mais concreta. Partamos então para uma análise dessas características na literatura das narrativas que estudamos.

O tempo verbal na narrativa de Lobato: o presente como ponto de partida

O tempo verbal empregado na escrita de uma narrativa diz muito sobre suas aspirações. É ele quem revela os indícios para a compreensão de mundo dos autores, bem como quem denuncia os fundamentos das ações que se desenvolverão ao longo da trama. Por exemplo, uma narrativa escrita no tempo presente indica ação imediata das personagens, atitudes que podem ser tomadas no momento pelo leitor, um diálogo mais ligado à sua experiência imediata de leitura. Já uma narrativa escrita no tempo pretérito indica apresentação de ideias, o que pode levar a uma distância maior entre o que se pronuncia e o que se compreende, já que se tratam de memórias mais que de ações imediatas. Além disso, a disposição das falas em diálogos do tipo pergunta-objetiva, resposta-explicativa é mais frequente no tipo de escrita narrativa e sua assimilação se dá também a partir da mesma lógica: para o tempo presente, maior ligação da criança leitora com o texto, já que o tempo do presente é o tempo da criança questionadora, duvidosa de tudo; para a narrativa escrita no passado, maior a ligação da experiência de leitura com as memórias.

A narrativa da *Geografia de Dona Benta* está empregada no tempo verbal do presente; os relatos se passam no momento em que se fala. As visitas aos lugares que se veem, que se pensam e dos quais se falam estão situadas no agora, o que permite uma maior aproximação entre o proposto pelo autor para com a leitura de seu leitor: uma assimilação-execução quase que instantânea. Quando o *Terror dos Mares* parte, a criança leitora nele está; quando deseja pausar a viagem a seu critério ela terá a certeza de que, ao retomar a leitura, estará presente no momento exato em que parou, porque é ela quem faz a viagem, não as personagens apenas.

O diálogo entre Emília, Dona Benta e Narizinho transcrito na sequência, indica essa relação entre o tempo em que se fala e o tempo em que se pensa. O tempo do presente é o tempo da experiência geográfica do espaço vivido-visitado:

- Por que se chama Rio de Janeiro essa cidade?
- Por que os portugueses, quando descobriram a baía acharam-na com jeito de Estuario dum rio...
- Estuario? Que é isso?
- Estuario quer dizer Foz de rio, isto é, o ponto onde um rio despeja no mar, mas uma foz que se alargou mais que o comum, formando uma espécie de baía. O Rio da Prata, por exemplo, é o estuario do rio Paraná. Esses antigos portugueses, porém, se enganaram, visto que a Guanabara é baía e não estuario de rio nenhum. E como houvessem descoberto o falso estuario num dia do mês de janeiro, deram-lhe o nome de Rio de Janeiro, como quem diz “o rio descoberto em janeiro”. Ali desembarcaram e ali começaram a conquistar a cidade que é hoje a capital do Brasil, com quasi dois milhões de habitantes. Narizinho apontou a luneta para a capital brasileira afim de ver as mil coisas lindas que ela apresenta.
- Ha uma avenida que vai de mar a mar...
- Avenida Rio Branco, explicou dona Benta.
- Ha outra cidade menor do outro lado da baía... [sic.] (LOBATO, 1935, p. 61).

Além da expressão das ações no tempo presente, a *Geografia* de Monteiro Lobato vem toda escrita em frases curtas e abusa no uso dos sinais de pontuação como a exclamação, a interrogação, o travessão, os dois pontos e a reticência, no sentido de se aproximar ao máximo da linguagem oral, da fala cotidiana. Além disso, importa ressaltar, há a constante supressão dos acentos em algumas palavras, excetuando-se aquelas às quais é imperioso o seu uso, como na distinção entre *e* (conjunção aditiva) e *é* (verbo ser no presente), por exemplo. Tudo isso concorrendo para o reforço da deslitteraturização pretendida por Lobato com a sua escrita para a infância leitora.

De todos os sinais de pontuação empregados, é importante destacar que a reticência aparece com uma frequência considerável no texto, como recurso de incentivo à reflexão do leitor após a exposição de determinada sentença ou ideia proferida bem como indicativo de deixar com que o outro participante do diálogo possa incluir sua fala em complemento à ideia anteriormente apresentada; a exemplo o trecho que segue,:

Dona Benta continuou:

— Foi ali o ninho da humanidade. Ali se chocaram os ovos das grandes raças e ali se chocou a Língua...

— Como? Que língua?

— Uma língua geral, uma língua básica de que todas as grandes línguas modernas mostram vestígios. É ali a verdadeira divisão da Europa e da Ásia. [...] Reparem que nesse centro da Ásia existe um lago imenso...

— Estou vendo! Estou vendo até dois, um maior e outro menor...

[...]

— Estou vendo muito camelo nesse miolo da Ásia, vóvó... [*sic.*], (LOBATO, 1929, p. 145).

O texto de Lobato vem no sentido de se colocar como uma costura entre falas, em que há espaço para que todos possam apresentar seu pensamento e dialogar, continuar, desfazer, interromper, acrescentar ideias a uma proposta iniciada. E entre essas costuras há sempre espaços “vazios”, lacunas que permitem

ao leitor preenchê-las “com bases nos seus conhecimentos cognitivo, social e cultural” (BELMIRO, 201?, s./p.) de modo que se essas fendas não estimulam a interpretação, tanto mais se aproximam dos chamados textos didáticos; mas se elas abrem ao leitor uma possibilidade de participação ativa, ajudam no desenvolvimento da competência literária do leitor, justamente o propósito do texto de Lobato.

Na extensão ao conhecimento geográfico, entendemos que essa costura entre os diálogos permite uma discussão sobre o espaço geográfico que caminha no sentido do seu entendimento como construção cultural, já que pode ser cortado, recortado, acrescido, discutido, refutado em termos de ideias e concepções que lhes sejam afins. A criação sobre o espaço, nesse sentido, recai sobre a experiência de leitura da criança leitora, porque o espaço não é dado como algo *a priori*, mais ligado a uma concepção natural e, portanto, passível de maior dificuldade de mudança, mas ligado à possibilidade de sua transformação para benefício humano, ligado à criação, à ideia de invenção. A ideia afim a essa construção do conhecimento geográfico é a de que:

[...] em todo e em qualquer texto/enunciado há inúmeras possibilidades significativas que só serão desvendadas se envolvidos no contexto sociocognitivo no interior do qual se movem os atores sociais. Há que se considerar também o processo histórico de produção do próprio texto/enunciado, visto que o tempo e o lugar de produção deixam pistas, marcas históricas que constituirão as significações e sentidos que se produzirão **pelo** e **no** leitor-interlocutor. (DELLOSSO, 2013, p. 34 – grifos do autor).

Tanto isso pode ser verificado que, é justamente na possibilidade de criação da sua imagem de espaço que a criança leitora pode vir a costurar suas experiências vividas do espaço com aquelas apresentadas na trama, já que o momento do presente tanto da leitura, quanto da ação das personagens na trama, como sendo a ausência de tempo, recupera as histórias pessoais desse leitor e dele exige a total entrega ao ato de ler:

[...] O presente, que do ponto de vista filosófico é a ausência de tempo, marca as histórias pessoais, contrastando o modo de ser de cada um; além disso, não promove a transformação dos sujeitos. Esse recurso linguístico do tempo verbal expõe as tarefas dos personagens no seu mundo interior, como círculos que se repetem. Por isso o texto se assemelha à estrutura de um roteiro cinematográfico: cada enquadramento é uma cena; cada cena, uma descrição. E o conjunto de descrições dando vida à narrativa. (BELMIRO, 201?, p. 5).

Na narrativa de Lobato, a posse das palavras, expressada pela quantidade de linhas que cada personagem dispõe para expressar suas ideias ou interrogações diz muito sobre o papel de cada uma na trama. As crianças, por exemplo, são aquelas que dispõem de poucas linhas para exprimir suas ideias; contudo, são mais objetivas que os adultos: se aquelas elaboram seus pontos de vista de maneira mais rápida, sem rodeios, estes se demoram nas explicações, elaboram um pensamento fastidioso quanto ao tema apreendido, especialmente Dona Benta, quem se responsabiliza pelo comando das explicações geográficas aos pequenos. O trecho da passagem das personagens por Portugal denota uma fluidez jamais vista em outro momento do texto, quando do diálogo entre Narizinho e a única outra personagem criança que aparece em toda a trama, o “portuguezinho”:

— Tu não és a tal Narizinho, neta da senhora dona Benta? perguntou o guri aproximando-se.

— Sim, sou... Como sabe?

— Ah, é que temos aqui uma livraria que recebe os livros do Brasil e lá comprei a história das tuas reinações, e as “Caçadas de Pedrinho” e a Arimeticazinha cá da senhora Emilinha... Sei tudo de cór...

— Será possível? exclamou Narizinho, espantada e contentíssima. Será possível que até neste fim de mundo as crianças conheçam nossas reinações?

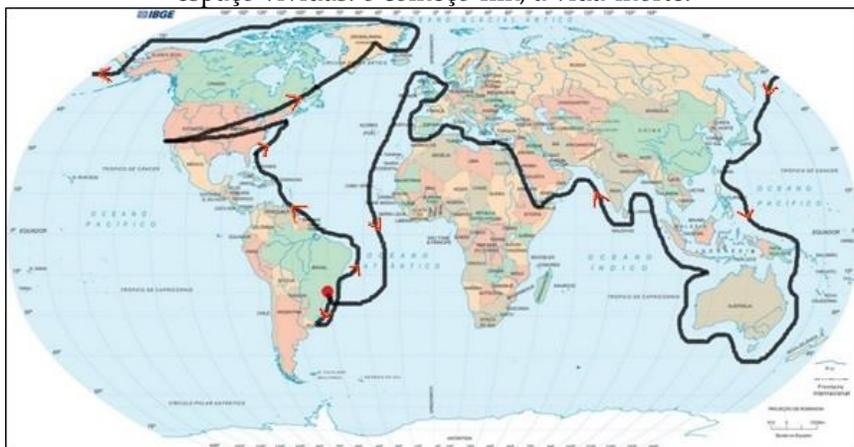
— Mas que possível, menina. E se duvidas, poderei levar-te á tal livraria. Verás lá toda a coleção dos teus livros.

E assim foi feito. O portuguezinho levou-os a uma loja da cidade onde havia todos os livros das reinações. [*sic.*], (LOBATO, 1935, p. 166).

A pontuação do texto de Lobato segue, assim, um regramento mais próximo ao da língua falada, sem deixar de lado o da língua escrita. Isso dá ao seu texto uma proximidade com a geograficidade que emana de sua leitura, da qual se pode perceber inclusive pela ordem das visitas das personagens aos locais percorridos: o navio imaginário partindo do sítio de Dona Benta e, primeiro visitando os locais do entorno, as cidades da região Sudeste, Sul, Nordeste, o Brasil e somente depois outros países e regiões, inclusive adotando um percurso pouco usual no pensar geográfico eurocêntrico à época: da América do Sul como ponto de partida passando pela América Central, América do Norte, Ásia, Sudeste asiático, Oceania e, por último, a Europa (figura 38):

Figura 34 - Itinerário do *Terror dos Mares*

Note-se que a viagem empreendida pelas personagens de Lobato começa no lugar das primeiras experiências: o sítio de Dona Benta (ponto vermelho) ou, até mesmo em associação à teoria psicanalítica, no corpo de cada uma. O retorno, não diferente, está também no ponto de partida, o porto final onde se ancoram e se revisam as experiências de espaço vividas: o começo-fim, a vida-morte.



Elaboração: GRACIOLI, 2018⁴⁹

⁴⁹ Base cartográfica: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2017. Disponível em: <http://atlascolar.ibge.gov.br/images/atlas/mapas_mundo/mundo_planisferio_politico_a3.pdf> Acesso em: 25 jul. 2017.

Esse percurso com centro primeiro no espaço vivido para depois valorar os demais espaços realça o interesse de Lobato pelo diferente, pelo resultante do questionamento, ou por aquilo que podemos chamar de *desgeografização*, em oposição a um pensamento cientificista de Geografia duro, metódico e inflexível e mais próximo do poder de liberdade de criação permitido pela literatura. Tal como aponta Collot: “A literatura é uma forma específica de geo-grafia, um modo de se reportar à terra que põe em crise o saber geográfico, uma geo-crítica; em vez de reproduzir dados geográficos, a literatura os reinventa e os recria: ela é uma geo-política.” (COLLOT, 2015, p. 10 - tradução livre).⁵⁰

Por fim, sobre a importância do narrador na *Geografia de Dona Benta*, podemos dizer que ela é secundária: é ele pouco presente porque dá voz às personagens mais que a si mesmo e, além disso, sua fala geralmente é introdutória aos capítulos, apresentando em poucas linhas o itinerário a ser percorrido, bem como alguns aspectos mais relevantes das nações a serem visitadas. Temos, portanto, um narrador não participante da trama. De acordo com Dellosso (2013), no “jogo da linguagem” “tanto o produtor do texto — aquele que enuncia — quanto o interpretador — seu interlocutor — assumem o papel de ‘estrategistas’, pois lançam mão de inúmeras estratégias de natureza sociocognitiva, interacional e textual com o objetivo de produzir sentidos.” (DELLOSSO, 2013, p. 34).

Não é preciso dizer que um narrador quase ausente implica na valorização da fala e da construção do conhecimento pelas personagens, mais que na valorização dos saberes ditados por alguém “de fora” do contexto, que não deixam de ser importantes, mas têm aspecto apenas introdutório.

⁵⁰ La littérature est une forme spécifique de géo-graphie, une façon d’écrire le rapport à la terre qui met en crise le savoir géographique, une géo-critique; au lieu de reproduire des données géographiques, elle les réinvent et les recrées: elle est une géo-politique. (COLLOT, 2015, p. 10).

O tempo verbal e a escrita do *Le tour de la France par deux enfants*: recuperar o passado para se fazer o presente

As diferenças na escrita entre a narrativa de Lobato e de G. Bruno são bastante evidentes. A questão do tempo verbal empregado na escrita dos textos se torna uma questão justamente por se colocar como um traço distintivo muito significativo na comparação entre eles. Se na *Geografia de Dona Benta* o tempo das ações é o presente, instantâneo, na narrativa do *Le tour de la France par deux enfants* o tempo usual é o passado, mais precisamente o pretérito imperfeito, ou seja, uma valorização mais da memória do que se foi que daquilo que se é ou está, tendo o que se pode *vir a ser* na força ilocucionária da trama. Conforme Ricœur (2012) “o caráter temporal da experiência humana é o que está em jogo especificamente nas pretensões referenciais de toda obra **narrativa**. [...] Em outros termos, o tempo advém tempo humano na medida em que é articulado de modo narrativo, e os relatos adquirem sentido ao tornarem-se as condições da existência temporal.” (RICŒUR, 2012, p. 300 – grifo do autor).

Segundo o Centro Nacional de Recursos Textuais e Lexicais (CNRTL), o pretérito imperfeito na língua francesa exprime que uma “ação se desenvolveu ou se repetiu durante um certo período em um passado real ou imaginário, ao qual ela foi concomitante ou anterior a uma outra ação passada” (CNRTL, 2012, s./p. – tradução livre)⁵¹ ou ainda, o pretérito imperfeito pode exprimir uma situação hipotética, de valor subjetivo. Importa para a nossa investigação que o uso do tempo verbal do pretérito imperfeito na narrativa de G. Bruno implica uma volta a um passado, no resgate e na atualização de valores e ideias de outrora, com o sentido da volta ao passado reforçando a descrença no futuro alcançada com a situação de guerras e dificuldades enfrentadas ao longo dos séculos XIX e XX.

⁵¹ “qu'une action s'est déroulée ou répétée pendant une certaine période dans un passé réel ou imaginaire, qu'elle a été concomitante ou antérieure à une autre action passée.” (CNRTL, 2012, s./p.).

Sem juízo de valor, a narrativa de G. Bruno se posiciona como uma escritura saudosista e esse aspecto é fácil de ser verificado pela posição do narrador, que é quem mais se mostra na trama, descrevendo as situações e acontecimentos. A descrição, ressalte-se, é de ordem pretérita, pois não se descreve o presente; ao fazê-lo, ele automaticamente se torna passado. A situação do incêndio em uma casa à beira de uma estrada vivida pelas personagens é característica da descrição do passado como marca da participação do narrador na trama. O trecho que segue, introdutório do capítulo *LX - L'incendie. – Jean-Joseph dans sa mansarde. – Une belle action* (p. 142) ilustra o ocorrido:

O incêndio **tinha feito** progressos assustadores. As chamas **rodopiavam** pelos ares a critério do furacão; o telhado de palha por vezes **despencava**, por vezes **girava** em estouros estridentes, mas não se podia pensar em apagar o incêndio, porque **não havia** bombas de incêndio na aldeia. Tentamos apenas afastar das chamas o máximo possível: primeiro os animais, depois a colheita. Cada um trabalhava com energia. O fazendeiro, infelizmente, **não havia** assegurado sua casa, embora **tivesse sido** aconselhado uma centena de vezes. Vendo assim o fruto de trinta anos de trabalho incessante devorado pelas chamas, o desgraçado estava como que desesperançado e não sabia mais o que fazer. (BRUNO, 1877, p. 142 – grifos nossos - tradução livre).⁵²

À semelhança de sua equivalente brasileira, a posse da palavra na narrativa francesa também está mais ligada ao adulto, sendo este o

⁵² « L'incendie avait fait des progrès effrayants. Les flammes tournoyaient dans les airs au gré de l'ouragan; la toiture en chaume tantôt s'effondrait, tantôt tourbillonnait en rafales étincelantes; mais on ne pouvait songer à éteindre l'incendie, car il n'y avait point de pompes à feu dans le hameau. On essayait seulement d'arracher aux flammes le plus de choses possibles: les bestiaux d'abord, la récolte ensuite. Chacun travaillait avec énergie. Le fermier n'avait malheureusement pas assuré sa maison, bien qu'on le lui eût cent fois conseillé. En voyant ainsi le fruit de trente années de labeur opiniâtre dévoré par les flammes, le malheureux était comme fou de désespoir et ne savait plus ce qu'il faisait. » (BRUNO, 1877, p. 142).

que detém o ponto de vista final sobre o espaço geográfico. As crianças, por sua vez, aparecem no texto também como os veículos da voz dos adultos e do narrador; pelas experiências espaciais que vão vivendo, elas concretizam as explicações dadas de antemão pelo narrador e, pelos acertos e erros da vida vivida vão também significando a voz dos adultos que os acompanham na trama.

O narrador no *Le Tour de la France par deux enfants* tem papel oposto ao do narrador na *Geografia de Dona Benta*. Se nesta narrativa a sua presença quase não se faz notar, tendo papel secundário e introdutório aos itinerários propostos, naquela a sua presença é fundamental. Sem ele a leitura do texto se torna muito difícil, uma vez que ele é quem introduz, desenvolve e conclui todas as tramas apresentadas. É um narrador participante e descritor da história e é também quem detém o poder de direcionamento da trama. Como suas falas estão tanto na introdução, quanto no desenvolvimento e no desfecho dos capítulos, logo, as falas das personagens André e Julien têm importância complementar à sua fala, o que torna a narrativa uma descrição de fatos e eventos históricos e geográficos.

É por esta razão que, à diferença da narrativa brasileira, as crianças no texto de G. Bruno são muito dependentes do olhar adulto e seu poder de criação é quase anulado. Sendo assim, as noções de espaço geográfico que vão construindo são calcadas na experiência de leitura e de conhecimento atravessadas pelo olhar do outro e têm sua experiência geográfica mais enviesada que as personagens de Lobato. Entretanto, essa constatação não é de todo negativa, pois o conhecimento sobre os lugares e o mundo é sempre dado pelas representações, além disso: “[...] o texto/enunciado também é lugar de interação de sujeitos sociais que, dialogicamente, nele se constituem e são constituídos e que, por meio de ações linguísticas e sociocognitivas, constroem os elementos do discurso e diferentes possibilidades de sentido.” (DELLOSSO, 2013, p. 34).

Tal como apontado por Paul Claval “os homens não têm um conhecimento direto, imediato das realidades terrestres dos lugares e da organização do espaço. O seu conhecimento é sempre

baseado sobre a percepção que eles têm da superfície da terra, e sobre as representações que eles compartilham dela.” (CLAVAL, 2011, p. 16). A experiência da visita ao mar Mediterrâneo, expressada na passagem seguinte, é ilustrativa da situação:

Seu Guillaume era um velho amigo de Frantz, porque tinham navegado juntos várias vezes e, como amava crianças, Julien logo tornou-se seu amigo. Cada dia eles proseavam um pouco. Guillaume havia viajado bastante e lhe contava tudo o que havia visto nos países distantes e Julien o escutava durante as longas conversas sem se cansar. Por vezes era Julien quem fazia a leitura em voz alta e Guillaume quem escutava.

— Seu Guillaume, disse-lhe um dia, eu só vi dois mares, o Mediterrâneo e o Oceano e eles não se parecem em nada; você que já viu muitos outros mares, diga-me se eles se parecem entre si.

— Meu pequeno Julien, veja os diferentes países: cada um tem seu próprio jeito. Da mesma forma, o Mediterrâneo é azul, o Oceano em que estamos é esverdeado, o mar da China e o mar do Japão têm uma coloração amarelada, o mar da Califórnia é rosado, o que faz com que o chamemos de mar Vermelho. [...] (BRUNO, 1877, p. 227 - tradução livre).⁵³

Por fim, sobre a pontuação da narrativa, ela não nos revela nada de novo. Diferente de sua correspondente, o texto de G. Bruno está elencado pela pontuação clássica desse tipo de escrita, com falas em

⁵³ «Le père Guillaume était un vieil ami de Frantz, car ils avaient navigué ensemble bien des fois; le père Guillaume aimait les enfants, et Julien fut tout de suite de ses amis. Chaque jour ils faisaient ensemble un bout de conversation. Guillaume avait beaucoup voyagé, il racontait volontiers ce qu’il avait vu dans les pays lointains, et Julien l’aurait écouté les journées au long sans s’ennuyer. Parfois aussi c’était Julien qui faisait la lecture à haute voix et Guillaume qui l’écoutait.

- Père Guillaume, lui dit-il un jour, je n’ai vu que deux mers, la Méditerranée et l’Océan, et elles ne se ressemblent pas; vous qui avez vu bien d’autres mers, dites-moi donc si elles se ressemblent entre elles.

- Petit Julien, vois-tu, les différents pays: chacune a son aspect. Ainsi la Méditerranée est bleue, l’Océan où nous voici est verdâtre, la mer de Chine et la mer du Japon ont une teinte jaune, la mer de Californie est rosée, ce qui fait qu’on l’appelle mer Vermeille.» [...] (BRUNO, 1877, p. 227).

frases que terminam com exclamações, interrogações ou mesmo dois pontos, sempre após a fala do narrador. Para dar voz, o travessão é ponto pacífico na narrativa e a reticência, muito utilizada em Lobato, não aparece na narrativa francesa. Além disso, o tom adotado no texto é de drama, em que as falas se sucedem e nunca se entrecortam, o que dá um tom teatral à conversa e ao espaço geográfico. Recortes, colagens e remontagens do espaço não são possíveis na narrativa, porque o que está dado de antemão não se altera.

Entretanto, finalizamos com a ideia lançada por André Ferré que caminha na direção de que “todo fenômeno se torna geográfico desde que o consideremos do ponto de vista geográfico” (FERRÉ, 1954, p. 146 – tradução livre)⁵⁴; sendo assim, as narrativas com as quais trabalhamos não deixam de veicular um conhecimento geográfico por as considerarmos a partir das características que apresentam. Se veiculam uma ideia de espaço, então carregam consigo um conhecimento de geografia e a literatura, nesse emaranhado de conhecimentos, se coloca como balizadora das novas relações que o homem pode estabelecer com o espaço geográfico.

⁵⁴ “[...] Tout phénomène devient géographique dès qu’on le considère du point de vue géographique.» (FERRÉ, 1954, p. 146).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar e inserir um movimento que prezava pela atenção à língua e à literatura como chaves para o entendimento da formação do espaço nacional brasileiro, a escrita da narrativa de Monteiro Lobato assume um teor de obra de arte, irreplicável, mas possível de ser tomada como inspiração para outros pensamentos, daí a importância e a vitalidade que dela emanam, para a sobrevivência do pensamento e da liberdade da própria Geografia.

A obra literária implica um trabalho composicional específico, uma arquitetura, que podemos entender como a reunião de imagens, a caracterização de personagens, de modos de narrar e de selecionar palavras que fazem parte da arte narrativa e que escapam para uma criação autônoma. Assim ocorre em Lobato: uma Geografia que se tornou autônoma pela força libertadora da literatura e se fez de grande importância para a educação; a *Geografia de Dona Benta*, que não é uma obra didática, salienta-se justamente no fato de conseguir estabelecer relações entre ensinar e aprender sem recorrer à categoria do estritamente didático, um movimento libertador promovido por Lobato à literatura orientada à infância, pois conseguiu o que nenhum outro autor havia conseguido até então, em nenhuma outra língua.

No Brasil e em todo o mundo letrado, ao se falar em literatura infantil imediatamente recorria-se aos fabulários e contos escritos por adultos, numa linguagem adulta, para as crianças, repletos de teor moralista e de bons costumes. Monteiro Lobato coloca-se na história da escrita para o infantil como um divisor de águas, porque reformula uma literatura infantil que nascera adulta à maneira como ele próprio entendia o ser criança: um espaço de brincadeira, mas também de liberdade para o questionamento e principalmente para a imaginação criativa que a infância tem com maior liberdade.

Lobato refunda com esta façanha o sentido e a concepção do didático na literatura infantil.

Ao refundar a noção de didatismo, Lobato resgata uma noção de extrema importância para a educação: a da persistência da literatura como mártir da formação humanizada. Eis aí um duplo movimento iniciado com a escrita do autor, qual seja, o de salvação das letras do arcaísmo cultural e a reinvenção do sentido de aprender, conduzindo à instituição de um terceiro espaço, o do aprendizado pela experiência criadora, cuja literatura consegue melhor fornecer; afinal, conceber uma Geografia contada e não descrita e decorada, criando a especificidade que só a palavra de Lobato conseguira até então, demandaria a revisitação de todo o cânone sobre o conceito de educação.

Como a escrita de Lobato ruma para uma experiência leitora em Geografia a partir da construção de livros onde se possa morar, pode-se dizer que essa escrita se distancia, por exemplo, da proposta dos livros didáticos contemporâneos à sua obra, elaborados, a princípio, para a qualificação instrumental do jovem estudante de sua época. Deste modo, sua obra se torna didaticamente relevante, ao assumir a postura de crítica ante a situação política e econômica vivida pelo povo brasileiro e a sua passividade no sentido do agir em prol de uma pátria e de uma nação.

Se o livro didático ora passa a ser importante na fixação de conceitos, ora passa a ser auxiliar no desenvolvimento da formação do leitor, a *Geografia de Dona Benta*, que não tem o compromisso do didático, dá o suporte para uma experiência leitora em Geografia que é imaginável, sensível e emotiva que se aproxima da expressão literária. Essa Geografia do faz-de-conta proposta por Lobato captura o conceito de geograficidade proposto por Eric Dardel, o do ser e estar no mundo percebido a partir do espaço.

Na fronteira entre o mundo material, onde se insere a atividade humana e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, em que a especialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo, a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes. Parafraseando Dardel,

compreendemos assim que a geografia não significa apenas o reconhecimento da realidade em sua materialidade, mas ela se conquista como técnica de irrealização sobre a própria realidade.

É a experiência que vem, neste sentido, para marcar a geograficidade que emana da literatura da *Geografia de Dona Benta*. Se a historicidade é a formulação filosófica da tomada de consciência pela época de que o destino do homem é que ele se realize historicamente — o existir, a geograficidade vem a significar essa existência no espaço, a realização espacial do homem, que envolve as raízes, as ideologias e, sobretudo, as permanências e impermanências das identidades com as transformações do espaço.

Como experiência geográfica, a *Geografia de Dona Benta* sugere a apropriação sensível do espaço, experiência que é a célula que desperta no leitor a imaginação e vice-versa, e é dela também que deriva a vontade da criação, o ingrediente mais fundamental na receita da imaginação; uma vez que não se cria algo novo, a criação só pode vir da experiência, da junção dos pequenos grãos da criação cotidiana que se vão tecendo e que vão dando corpo às grandes criações.

Ao provar que uma didática do conhecimento geográfico é possível pelo viés literário, a *Geografia de Dona Benta* refunda uma relação com os saberes sobre o espaço, que passam a exigir do leitor um retorno sensível, que caminha mesmo pelos sentidos da imaginação saudável, aquela que dá brecha para o duvidar e para o negar. Uma experiência leitora em Geografia que olha para os pontos opacos dos conhecimentos geográficos, cuja realidade geográfica apresenta lacunas que escapam da atenção do homem, mas que podem ser compreendidas.

Sobretudo, é a liberdade que marca a geograficidade pretendida na *Geografia de Dona Benta*. O pensador Roland Barthes já apontara a necessária salvação da literatura porque todas as ciências e todos os conhecimentos estão presentes no monumento literário, inclusive a Geografia. Essa liberdade que a literatura promove está traduzida em Lobato pelo verbo morar: que a criança more nos livros como ele morara no Robinson Crusoe; que o norte de cada criança esteja na sua “casa” — nas suas experiências e

sensações. Da obra de Lobato podemos constatar, ainda, uma subversão dos paradigmas da produção literária brasileira dirigida para o público infantil escolar de sua época, buscando na criança e no jovem estudante um público que de espectador passa a autor de sua história ao relacionar-se com o espaço geográfico.

Quanto ao pressuposto da expressão de uma identidade nacional para o brasileiro, percebemos que a *Geografia de Dona Benta* veicula uma psicoesfera de libertação política do passado monárquico e cria uma visão de mundo do país a partir do momento vivido. Heróis que abundaram na constituição territorial, cultural e política do Brasil são reinventados por novos mitos, mais colados com o futuro.

Importa ressaltar que as narrativas estudadas são ambas veiculadoras de geografias e de geograficidades, cada qual ao seu modo, vinculadas ao espírito de época percebido por seus autores pelo crivo de sua experiência vivida intransponível, e é no manuseio artesanal da linguagem que se diferenciam. São textos cujas tramas colocam-se como substantivadoras do conhecimento geográfico, porque trabalham conceitos e categorias da ciência geográfica de modo leve, nem sempre na obrigação de se os fazer reconhecer como categorias, mas como parte de um conhecimento cujo espaço geográfico é o centro, movimento este de idas e vindas na visitação dos conceitos e categorias geográficas que foi crucial para o desenvolvimento da Geografia como campo de conhecimento científico.

Não apenas uma ciência fundou-se como também um movimento de estilo literário pioneiro no Brasil e no mundo ocidental, o da literatura infantil, pautado em um outro olhar para um sujeito nascente: a criança leitora. Para o caso de Lobato, embora não se possa considerá-lo criador de uma literatura dirigida ao público infantil, à criança leitora, o próprio escritor reconhece-se pioneiro na empreitada.

O caráter de didatismo a que aspiram as duas narrativas estudadas fornecem elementos para a sua consideração como textos de formação e interferência ideológica em várias das gerações de jovens leitores que lhes contataram. O modelo eficiente de transmissão de conhecimentos geográficos, históricos, de bons

modos e hábitos por meio da literatura de itinerário faz das duas narrativas verdadeiros pontos de referência da literatura infantil de seus tempos. Na literatura de Lobato é bastante perceptível o movimento de recuperação de textos de sua infância, como na sua significativa experiência de leitura de Robinson Crusoe, texto que veicula uma trama de viagem, de movimento pelo espaço geográfico, intertextualidade inspiradora da sua *Geografia* e do *Le tour de la France par deux enfants*.

O contraponto mais interessante a respeito da formação da identidade nacional expressada pelas narrativas sem dúvida reside no esforço de sua conquista requerido pelo jovem ou mesmo pelo povo em geral. Se para o brasileiro a identidade de brasileiro se impôs “vendo a banda passar” com a obrigatoriedade da república, para o francês esta identidade fez-se conquistar, sob pena de muito esforço e merecimento, ainda que contrária à vontade geral. Possivelmente, as dificuldades que atualmente se encontram na construção de uma brasilidade ou de um senso patriótico estável, firme para o povo brasileiro remontem ao passado pouco glorioso da sua instituição e da leviandade de sua constituição como veículo de formação identitária.

No entanto, em ambas as narrativas a convergência de maior destaque quanto ao propósito de uma constituição identitária fortalecida para ambos os povos em questão aparece conglomerada justamente a partir de uma postura geográfica, por se tratarem de textos que promovem a apropriação de territórios pela juventude, uma juventude, todavia, estereotipada, em que predominam a retidão de caráter, o moralismo e as boas condutas.

É exatamente na contramão desse movimento que caminha o pensamento de Monteiro Lobato, cujo entendimento de nacionalidade assemelha-se mais ao de uma tomada de consciência e de sensibilização para a construção de um objetivo comum, um patrimônio coletivo, que como constituição de uma “vitrine para o mundo”, como fora comum nas construções identitárias de países europeus. A lógica da construção identitária em Lobato parece a de fazer o país olhar para si e em si buscar as respostas que precisava para consolidar-se como nação, oposição forte ao movimento de seu tempo.

Para as literaturas infantis ditas de itinerário, uma grande importância que lhes pode ser atribuída vem no sentido da sua extrapolação dos limites da educação convencional escolar, cujas salas de aula passam a ter outras dimensões tanto espaciais, quanto ideológicas. Assim representam o *Terror dos Mares* e os próprios territórios visitados em ambas as narrativas, as grandes salas de aula cujo conhecimento geográfico vai se fazendo de maneira experimentada, visualizada e sentida pelas personagens, assim como com os seus jovens leitores, cuja experiência de leitura de um texto literário permite a compreensão de conhecimentos racionalizados pela sua experientiação, única e intransponível.

Estaria assim a literatura infantil de itinerário assemelhada a uma obra de arte, cuja relação com seu leitor é sempre da ordem do pessoal, não deixando de lado jamais sua bagagem cultural? A essa indagação consideramos que sim, a literatura infantil de itinerário tem sua marca narrativa assemelhada a uma obra de arte e tantas são as suas possibilidades de interpretação, quantas são as suas leituras.

Justaposta à noção de intransponibilidade da experiência de leitura de uma narrativa, a noção de que o conhecimento geográfico se faz tanto mais no cotidiano de quem o exercita que em um contexto oficial de estudos e de escolarização vem para completar a importância que se pode atribuir a este tipo de literatura como obra de arte, como exercício de geograficidade. Dessa constatação, entendemos que a geografia exercitada no cotidiano está para além daquilo que o discurso científico institucionalizado denomina de Geografia, pois ligada muito mais às geograficidades que se traduzem pelas cores e pela riqueza de imagens do vivido que à palavra-conceito.

Compreendemos que a experiência de leitura e de geografia das narrativas que estudamos assenta-se nas ações de aprender e percorrer: aprender enquanto se percorre um território, uma região, um país e percorrer enquanto se aprende desses lugares, dessas escalas espaciais. A imbricação dessas duas ações situa as narrativas de Monteiro Lobato e de G. Bruno no entendimento de que o conhecimento de caráter geográfico expressado nas narrativas de itinerário estudadas é um conhecimento dinâmico, de

movimento, que não se contenta em apenas realizar-se na teoria. Sua verificação e, mais, a sua experiência, são os sinais de que uma ciência geográfica não está separada do cientista, ou de que o conhecimento de caráter geográfico não pode ser realizado fora do jovem leitor. A literatura, neste sentido, vem para auxiliar o leitor nesta tarefa de conhecer o espaço geográfico de maneira aproximada de seu cotidiano, já que sua linguagem é universal, é expressão de uma experiência vivida de seu autor que, se não pode ser replicada, pode ao menos despertar no outro, no leitor, a experiência por si próprio.

Além de situar o jovem leitor em uma geograficidade na qual ele se reconheça em seu espaço experienciado, pensado, a relação entre a Geografia e a Literatura expõe a possibilidade de trocas que se efetuam tanto para uma, quanto para outra área de conhecimento, ampliando-se as possibilidades interpretativas do movimento do mundo. O diálogo entre a Geografia e a Literatura apresenta-se como uma ponte que pode enriquecer as análises tanto de uma, quanto de outra ciência. Para o campo da Literatura, podemos dizer que sua maior conquista será a precisão das análises e interpretações do uso dos conceitos de espaço nas narrativas, enquanto as análises geográficas se beneficiarão dos recursos do manejo da língua e da cultura letrada na construção do espaço, como com a descrição e a caracterização espacial, por exemplo.

De modo que a literatura se faz uma linguagem universal, privada de liberdade senão somente pela limitação do pensamento e da língua do leitor, é ela o mecanismo mais concreto que permite unir a imaginação ao real, em se permitindo criar novos e outros mundos e espaços, melhores ou mais em acordo com os desejos do leitor. Se a compreensão de que a Geografia melhor se traduz pelas geograficidades, pelo compreender o espaço geográfico pelo que sua voz quer dizer, é pela Literatura que esse movimento se torna mais concreto, mais possível, porque as transformações começam primeiro no nível da imaginação, do desejo e da ficção. *Senão na literatura, onde mais o espaço geográfico poderia ser melhor criado?*

REFERÊNCIAS

- ANGELO, Maria Deusia Lima; ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Autores e livros didáticos regionais de Geografia (1870-1910): elementos históricos e educacionais para uma espacialização do fenômeno. **Revista brasileira de educação em geografia**. v. 4, n. 8. Campinas [s.n.], jul./dez. 2014, p. 88-112.
- AREIAS, Déborah de Paula. **A construção da infância na sociedade moderna e a formação do leitor criança no Brasil**. Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas. Leituras Recomendadas. Formação do leitor criança no Brasil. 2017. Disponível em: <<http://www.cultura.al.gov.br>>. Acesso em: 17 fev. 2017.
- ASSIS, Machado de. **Conto de escola**. 1884. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1979> Acesso em: 16 out. 2014.
- BAKHTIN, Mikhail. Metodologia das ciências humanas. In: _____. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 393-410.
- BARDOT, Jean-Pierre. Postface. (1977). In: BRUNO, G. **Le tour de la France par deux enfants: Devoir et patrie**. Paris: Librairie Classique d'Eugène Belin, 1877, p. 311-331.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.
- BELMIRO, Celia Abicalil. **Dimensões discursivas nas narrativas visuais e verbais do livro ilustrado**. Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza(?): EdUECE, 201?
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**.

Ensaio sobre literatura e história da cultura. Col. Obras escolhidas. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 197-221. Disponível em: <[http://letrasorientais.fflch.usp.br/sites/letrasorientais.fflch.usp.br/files/BENJAMIN,%20Walter_%20narrador%20\(._\).pdf](http://letrasorientais.fflch.usp.br/sites/letrasorientais.fflch.usp.br/files/BENJAMIN,%20Walter_%20narrador%20(._).pdf)> Acesso em: 23 fev. 2015.

BERALDI, Francielle Bonfim; FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira. Diálogo necessário entre a geografia e a literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental. **Revista Para Onde!** v. 6, n. 2. Porto Alegre: Instituto de Geociências, 2012, p. 188-197.

BERNARDO, Gustavo. Como se faz Literatura Comparada? - I. **Revista eletrônica do vestibular da UERJ**. Coluna. Ano 9. n. 25. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <http://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=71>. Acesso em: 15 set. 2016.

_____. Como se faz Literatura Comparada? - II. **Revista eletrônica do vestibular da UERJ**. Coluna. Ano 9. n. 25. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2016. Disponível em: <http://www.revista.vestibular.uerj.br/coluna/coluna.php?seq_coluna=72>. Acesso em: 15 set. 2016.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2002.

BILAC, Olavo; BOMFIM, Manuel. **Através do Brasil**. 36 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1948, 105p.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. 1993. 369f. Tese de doutoramento. USP - Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

_____. **Práticas de leitura em livros didáticos**. [s.n.], [s.l.], 1996, 21p. Folhas soltas.

BOLIGIAN, Levon; ALMEIDA, Rosângela Doin de. A cartografia nos livros didáticos no período de 1824 a 1936 e a história da

Geografia escolar no Brasil. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de. [Org.] **Novos rumos da cartografia escolar**. Currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011, p. 71-90.

BOTELHO, André. Através do Brasil: “um romance de formação” da modernidade brasileira. **Ciência & Trópico**. v. 6, n. 1. Recife: [s.n.], jan./jun., 1998, p. 7-45.

BRAY, Silvio Carlos. A Geografia acadêmica tradicional no Brasil: positivismo com historicismo? In: **I Colóquio brasileiro de história do pensamento geográfico**. [s.n.], [s.l.], abr. 2008.

BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. [Org.]. **Literatura, música e espaço**. Tradução de Márcia Trigueiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 17-77.

_____. Geography's literature. **Progress in Human Geography**. 18(3). Ottawa: University of Ottawa, 1994, p. 333-353.

BRUNO, G. **Le tour de la France par deux enfants**. Devoir et patrie. Paris: Librairie Classique d'Eugène Belin, 1877, 330p.

BURKE, Peter. Culturas populares e cultura de elite. **Diálogos**. v. 1. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 1996.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2013, p. 171-193.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas – o imaginário da república no Brasil**. 20 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. A teoria na prática é outra? Considerações sobre as relações entre teoria e prática em discursos educacionais. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16, n. 47. Rio de Janeiro, [s.n.], mai./ago. 2011, p. 307-322.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. 2016. 176f. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Geografia. UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro. 2016.

- CEVASCO, Maria Elisa. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998, 160p.
- _____. **A mão do autor e a mente do editor**. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2014, 352p.
- CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e pesquisa**. v. 30, n. 3. São Paulo [s.n.], set./dez. 2004, p. 549-566.
- CLAVAL, Paul. Geografia cultural: um balanço. **Revista Geografia (Londrina)**. n. 3, v. 20. Londrina: [s.n.], set./dez., 2011, p. 5-24.
- COELHO, Livy Maria Real. As faces d'A raposa e as uvas. **Signo**. v. 32, n. 52. Santa Cruz do Sul: [s.n.], julho 2007, p. 28-39.
- COLLOT, Michel. Pour une géographie littéraire : une lecture d'Archipel de Claude Simon. **Carnets: revue électronique d'études françaises**. II^e série. n. 3, 2015, p. 8-23.
- CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. Literatura, música e espaço: uma introdução. In: _____ [Org.] **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, p. 7-16.
- CNRTL – Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. **Grammaire. Imparfait (de l'indicatif)**. Disponível em: <<http://www.cnrtl.fr/definition/imparfait//1>>. Acesso em: 27 jul. 2017.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. Natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159p.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**. E outros episódios da história cultural francesa. Tradução de Sonia Coutinho. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELGADO, Buenaventura. **Los libros de texto como fuente para la historia de la educación**. n. 2, 1983, p. 353-358. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=87326>> Acesso em: 20 mai. 2015.

DELLOSSO, Helen Cristine Bido Brandt. **A produção de texto na sala de aula: uma análise da produção de ensino**. 2013. 175f. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação em Educação. UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba. 2013.

DESCARTES, René. **Discurso do método**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2014, 123p.

ECO, Umberto. A inovação no seriado. In: _____ **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Tradução de Beatriz Borges. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989, p. 120-139.

FERRAZ, Cláudio Benito de Oliveira. Literatura e espaço: aproximações possíveis entre arte e geografia. In: SOUZA, Adáuto de Oliveira, et al. **Transfazer o espaço: ensaios de como a literatura vira espaço e vice versa**. Dourados: Editora da UFGD, 2011, p. 11-58.

_____. (b) O discurso geográfico: a linguagem e o cotidiano na arte de ler e viver o espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**. v. 16. Presidente Prudente: UNESP, 1994, p. 115-135.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**. ano XXIII, n. 79, 2002, p. 257-272.

FERRÉ, André. Le problème et les problèmes de la géographie littéraire. In: **Cahiers de l'Association internationale des études françaises**. n. 6, Paris: [s.n.], 1954, p. 145-164.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Em três artigos que se completam. 45 ed. v. 13. Col. Questões da nossa época. São Paulo: Cortez, 2003.

GERALDI, João Wanderley. Culturas orais em sociedades letradas. **Educação & Sociedade**. n. 73, [s.n.], [s.l.], dez. 2000, p. 100-108.

GIARETTA, Liz Andreia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico**. 2008. 158f. Dissertação de mestrado em Geografia. Área de análise da informação espacial. UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro. 2008.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais** - morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 143-179.

GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. **Teoria & educação**. n. 2. Porto Alegre: [s.n.], 1990, p. 232-254.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. A literatura infantil e o pó de pirlimpimpim. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. [Org.]. **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 13-30.

GRACIOLI, Filipe Rafael. **A identidade nacional e a formação do espaço-nação na experiência literária da Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato**. 2013. 129f. Dissertação de mestrado em Educação. UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Rio Claro. 2013.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006, 186p.

HANSEN, Patrícia Santos. **Olavo Bilac, ideólogo do nacionalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV/CAPES/FAPERJ, 2011, 132p.

HARLEY, John Brian. Deconstructing the map. **Cartographica**. v. 26, n. 2. [s.l.], [s.n.] 1989, p. 1-20. Disponível em: <<https://quod.lib>>

umich.edu/p/passages/4761530.0003.008/--deconstructing-the-map?rgn=main;view=fulltext>. Acesso em: 06 abr. 2017.

HOSNY, Manal. Le tour de la France par deux enfants: une initiation à la fraternité et à l'amour de la patrie. **Romanitas, lenguas y literaturas romances**. n. 1, v. 4.1. Porto Rico [s.n.]. Disponível em: <http://romanitas.uprrp.edu/volumen_4_1.html>. Acesso em: 03 mai. 2016.

HUBER, Bernard. Les abécédaires géographiques du XIX^e siècle: une "géographie-prétexte". **Mappe monde**. n. 62, 2001, p. 42-47. Disponível em: <<http://www.mgm.fr/PUB/Mappemonde/M201/Huber.pdf>> Acesso em: 14 ago. 2014.

IBGE. **Base cartográfica mundo planisfério político**. Disponível em: <http://atlasescolar.ibge.gov.br/images/atlas/mapas_mundo/mundo_planisferio_politico_a3.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2017.

JACINTO, Rui. (D)escrever a Terra: geografia, literatura, viagem. A geografia de Portugal segundo José Saramago. **GEOgraphia**. n. 33, [s.n.], [s.l.], 2015, p. 9-40.

KAHN, Pierre. Leçons de choses et enseignement des sciences en la France à la fin du 19^e siècle: contribution a une histoire de la culture scolaire. **Revista História da Educação**. v. 18, n. 43. Porto Alegre, mai./ago. 2014, p. 183-201.

KLEIN, Kelvin Falcão. Repetição, originalidade e tradução. **Ilha do Desterro**. v. 69, n. 1. Florianópolis: [s.n.], jan./abr., 2016, p. 223-233.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**. História & histórias. 5 ed. São Paulo: Ática, 1991, 186p.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História**. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, 434p.

LIMA, Michele Saionara Aparecida Lopes de. **Os recursos linguísticos no projeto de desliteraturização de Monteiro**

Lobato: discutindo a obra fábulas. 2015. 112f. Dissertação de mestrado em Educação. UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Rio Claro. 2015.

LOBATO, Monteiro. **Geografia de Dona Benta.** 1 ed. Série I. v. XXII. Ilustrações de J. U. Campos e Belmonte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, 234p.

_____. **Geografia de Dona Benta.** 22 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, 136p.

MANGUEL, Alberto. O espectador comum. A imagem como narrativa. In: _____ **Lendo imagens:** uma história de amor e ódio. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Richemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 19-33.

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. Os manuais de ensino de geografia produzidos no primeiro terço do século XX: fontes e objetos de estudo. **Revista brasileira de educação em Geografia.** v. 8, n. 4. Campinas: [s.n.], jul./dez. 2014, p.146-159.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama:** ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800-1900.** Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003, 215p.

NASCIMENTO, Taiane Flores do; COSTA, Benhur Pinós da. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. **Geografia, Ensino & Pesquisa.** v. 20, n. 3. Santa Maria: UFSM, 2016, p. 43-50.

NEVES, Alexandre Aldo; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Cinema e geografia: em busca de aproximações. **Espaço plural.** Ano VIII, n. 16. Cascavel: UNIOESTE, 2007, p. 75-78.

OLIVEIRA, Livia de. Humanismo na Geografia: a contribuição brasileira. In: **I Colóquio brasileiro de história do pensamento geográfico.** [s.n.], [s.l.], abr. 2008, 10p.

ORIÁ, Ricardo. **O Brasil contado às crianças**. Viriato Corrêa e a literatura escolar brasileira (1934-1961). São Paulo: Annablume, 2011, 274p.

PINHEIRO, Robinson Santos; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. (a) Linguagem geográfica e literária: apontamentos acerca da construção da identidade territorial sul-mato-grossense. **Raído**. v. 3, n. 5. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados. jan./jun. 2009, p. 87-101.

_____. (b) O Dom nacional: diálogos em torno da identidade nacional. **Terra Livre**. v. 1, n. 32. São Paulo: USP, jan./jun. 2009, p. 63-75.

POCOCK, Douglas. Place and the novelist. **Transactions**. n. 6. Institute of British Geographers. New Series, 1981, p. 337-347.

RATISBONNE, Louis. **La comédie enfantine**. 20 ed. Paris: Bibliothèque d'éducation et de récreation. 1883, 396p. Disponível em: <<https://archive.org/stream/lacomdieenfant00ratiuoft#page/n0/mode/2up>> Acesso em: 12 jan. 2015.

RESENDE, Márcia Spyer. **A Geografia do aluno trabalhador**. Caminhos para uma prática de ensino. São Paulo: Loyola, 1986.

REVEL, Jacques. Cultura, culturas: uma perspectiva historiográfica. **Proposições: ensaios de história e historiografia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p. 97-137.

RICCEUR, Paul. Entre tempo e narrativa: concordância/discordância. Tradução de João Batista Botton. 2011. **Kriterion: Revista de Filosofia**. v. 53, n. 125. Belo Horizonte: [s.n.], jun. 2012, p. 299-310.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro; OLIVA, Terezinha Alves de. As multifaces de "Através do Brasil". **Revista brasileira de História**. v. 24, n. 48. São Paulo: [s.n.], 2004, p. 101-121.

SANTOS, Elisângela da Silva. **Monteiro Lobato e seis personagens em busca da nação**. São Paulo: Editora da UNESP, 2011, 186p.

SARTORI, Ademilde Silveira; MAFRA JUNIOR, Antônio Celso. O conceito de dispositivo em *Contos Infantis* (1886). **Cadernos de educação**. n. 44. Pelotas: UFPel. jan./abr. 2013, p. 194-216.

Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/2745/2497>> Acesso em: 11 fev. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, Editora FGV, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**. Tensões sociais e criação cultural na primeira república. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, 420p.

SILVA, Adriana Carvalho. O romance como representação: o Rio de Janeiro de Lima Barreto. **Tamoios**. n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, jan./jun. 2008.

SODRÉ, Muniz. Entre real e imaginário: hipertrofia dos simulacros midiáticos. In: MELO, José Marques de; VENTURA, Mauro de Souza; GOBBI, Maria Cristina. [Org.]. **Pensamento comunicacional latino-americano através da literatura: Jorge Fernández ícone midiático**. São Paulo: Intercom, UNESCO, UNESP (PPGCOM), 2013, p. 143-157.

SOUZA, Thaísa Zillmann de. **Grimm: dos contos de fada para a televisão**. 2014. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso. Comunicação Social. Universidade Federal de Juiz de Fora, UFJF. Juiz de Fora, 2014.

TAYLOR, Charles. Que é um imaginário social? In: _____. **Imaginários sociais modernos**. Lisboa: Texto & Grafia, 2010, p. 31-38.

VALDEMARIN, Vera Teresa; PINTO, Adriana Aparecida. Das formas de ensinar e conhecer o mundo: lições de coisas e métodos

de ensino intuitivo na imprensa periódica educacional do século XIX. **Educação em questão**. v. 39, n. 25. Natal, [s.n.] set./dez. 2010, p. 163-187.

VASCONCELLOS, Zinda Maria Carvalho de. **O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. São Paulo: Traço Editora, 1982, 172p.

VIDAL, Diana Gonçalves. Contos infantis e La comédie enfantine. Livro e cultura escolares no final do oitocentos brasileiro. In: _____. **Culturas escolares**. Estudo sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Col. Memória da Educação. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 71-123.

VIEIRA, Adriana Silene. (a) O livro e a leitura nos textos de Lobato. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. [Org.] **Lendo e escrevendo Lobato**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 45-64.

_____. (b) **“Um inglês no sítio de Dona Benta.” Estudo da apropriação de Peter Pan na obra infantil lobatiana**. 1998. 170f. Dissertação de mestrado. UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-graduação em Teoria Literária. Campinas. 1998.

VILA VÁZQUEZ, José Ignacio. Paisaje, nación y literatura. Una lectura de *Paisaxe e nación: A creación discursiva do territorio* por María López Sánchez. **Documents d’Anàlisi Geogràfica**. n. 55. Barcelona [s.n.], 2009, p. 171-180. Disponível em: <<http://ddd.uab.cat/record/53478?ln=ca>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

WATRELOT, Martine. Aux sources du “Tour de la France par deux enfants”. **Revue d’Histoire moderne et contemporaine**. n. 46-2. [s.n.], [s.l.]. avril/juin. 1999, p. 311-329.

WINK, Georg. Espaços ficcionalizados em Desterro, de Luiz S. Krauz: um ensaio em geografia literária. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**. n. 45. Brasília: UnB, jan./jul., 2015, p. 49-64.

Bibliografia consultada

ABREU, Maurício de Almeida. Sobre a memória das cidades. **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I série**. v. XIV. Porto: [s.n.], 1998, p. 77-97.

AUGUSTINE FOUILLÉE. Disponível em: <<http://www.ecolepouilly.free.fr/>> Acesso em: 13 jul. 2015.

BALDOW, Virgínia Maria Ferreira Silveira; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. “Ferreira Gullar”: entre a genuinidade e a transcrição dos textos em livros didáticos de língua portuguesa. **Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia**. n. 5, tomo 1. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011, p. 582-587.

CUNHA, Maria Teresa Santos. A mão, o cérebro, o coração. Prescrições para a leitura em manuais escolares para o Curso Normal (1940-1960/ Brasil-Portugal). **Revista brasileira de história da educação**. v. 13, n. 3 (33). Campinas [s.n.], set./dez. 2013, p. 285-309.

DE DIEGO, Estrella. **Contra el mapa**. Disturbios en la geografía colonial del Occidente. Madrid: Ediciones Siruela, 2008, 103p.

DEBUS, Eliane Santana Dias. A literatura infantil contemporânea e o diálogo entre ilustração e texto. **Letras em revista**. v. 5, n. 2. Teresina [s.n.], jul./dez. 2014, p. 168-171. Disponível em: <<http://ojs.uespi.br/ojs/index.php/letrasrevista/article/view/162>> Acesso em: 25 fev. 2015.

DEL GAUDIO, Rogata; PEREIRA, Doralice. O “nacionalismo” patriótico presente em *Através do Brasil*. **Revista Geográfica de América Central**. Número especial EGAL. Costa Rica, [s.n.], 2011, p. 1-17.

ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas. **O signo de três**. Dupin, Holmes, Peirce. São Paulo: Perspectiva, 2014, 263p.

FERRAZ JUNIOR, Expedito. Memórias de um cão: o humanitismo de Machado de Assis transposto para a linguagem

dramática. **Machado de Assis em linha**. v. 9, n. 19. São Paulo: USP, 2016, p. 80-92.

FIORAVANTI, Carlos. Os precursores de Lobato. **Pesquisa FAPESP**. n. 253, 2017, p. 18-23.

FREUD, Sigmund. **Moisés de Miguel Ângelo**. 1914. Disponível em: <<http://www.areas.fba.ul.pt>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

GALLI, Gloria. **O presente histórico nas narrativas: tempos verbais**. 2014. Disponível em: <<http://www.lpeu.com.br/q/vor5h>>. Acesso em: 21 jul. 2017.

GOMES, Paulo Cesar da Costa; GOIS, Marcos Paulo Ferreira de. A cidade em quadrinhos: elementos para a análise da espacialidade nas histórias em quadrinhos. **Cidades**. v. 5, n. 7. Presidente Prudente: [s.n.], jul./dez. 2008.

HOHLFELDT, Antonio Carlos; MUNARI, Ana Cláudia. Geografia-geografias: a literatura (felizmente) se ocupa do que a historiografia parece menosprezar. **Leituras de hoje**. v. 49, n. 2. Porto Alegre: [s.n.], abr./jun., 2014, p. 241-247.

LÉVY, Bertrand. Géographie et littérature: une synthèse historique. **Le Globe. Revue genevoise de géographie**. Tome 146, 2006, p. 25-52.

LISPECTOR, Clarice. **Quase de verdade**. 1 ed. Rio de Janeiro: ROCCO, 1999.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**. Uma nova política da espacialidade. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, 312p.

MELHORAMENTOS. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1997.

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves de. **Memórias das aritméticas da Emília: o ensino de aritmética entre 1920 e 1940**. 2015. 201f. Tese de doutorado. UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de

Mesquita Filho". Programa de pós-graduação em Educação Matemática. Rio Claro. 2015.

PINHEIRO, Robinson Santos.; FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira. Metáforas machadianas acerca da construção da identidade nacional (Estado-nação). In: **XV Encontro nacional de geógrafos**. v. 1. São Paulo: AGB: Anais do XV Encontro nacional de geógrafos. p. 1-9.

PIVETEAU, Jean-Luc. L'espace vécu chez le peuple Hébreu (à l'époque du retour de l'exil. VI^{ème} siècle avant J.C.) **Geographia Helvetica**. n. 3, 1978, p. 141-144.

REGÊNCIA DE VERBOS E NOMES. **Revisões & Revisões**. Disponível em: <<http://www.revisoeserevisoes.pro.br/gramatica/regencias/>> Acesso em: 06 ago. 2015.

ROCKWELL, Elsie. La lectura como práctica cultural: conceptos para el estudio de los libros escolares. **Educação e pesquisa**. v. 27, n. 1, São Paulo: [s.n.], jan./jul. 2001, p. 11-26.

SCHMALTZ, Márcia. "Confúcio e o menino sem nome". Intertextualidade e adaptação. **Cadernos de Tradução**. v. 36, n. 1. Florianópolis, [online]. jan./abr. 2016, p. 114-134.

SÉRGIO, Ricardo. **O tempo na narrativa de ficção**. 2007. Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/teoria/literaria1410685>> Acesso em: 24 jul. 2017.

SILVA, Adriana Carvalho. O romance como representação. O Rio de Janeiro de Lima Barreto. **Tamoios**. Ano IV, n. 1. Rio de Janeiro: UERJ, jan./jun. 2008.

SILVA, Cleusa Maria da. A literatura infantil e o ensino de geografia. **Anais XVI ENG**. Porto Alegre, 2010, p. 1-9.

SILVA, Vivian Batista da. Uma história das leituras para professores. Análise da produção e circulação de saberes especializados nos manuais pedagógicos (1930-1971). **Revista brasileira de história da educação**. n. 6, [s.l.], [s.n.], jul./dez. 2003, p. 29-57.

SOARES, Anael Ribeiro; RIBEIRO, Emerson. Análise do conceito de território na obra Terras do sem fim de Jorge Amado. **Boletim Geográfico**. v. 32, n. 1, Maringá, [s.n.], jan./abr. 2014, p. 121-132.

SUZUKI, Júlio César. O espaço na narrativa: uma leitura do conto "Preciosidade". **Revista do Departamento de Geografia**. n. 19. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006, p. 54-67.

ULTRAMARI, Clovis; JAZAR, Manoela Massuchetto. Literatura e cidade: campo interdisciplinar e vazios investigativos. **Cadernos de pesquisa**. v. 30, n. 2. São Luís, [s.n.], mai./ago. 2016, p. 107-121.

VALDEMARIN, Vera Teresa; SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. Palavras viajadoras: circulação do conhecimento pedagógico em manuais escolares (Brasil/Portugal, de meados do século XIX a meados do século XX). **Revista brasileira de história da educação**. v. 13, n. 3 (33). Campinas [s.n.], set./dez. 2013. p. 179-183.

VIDAL, Diana Gonçalves. Culturas e práticas escolares. Uma reflexão sobre documentos e arquivos escolares. In: SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa. [Org.] **A cultura escolar em debate: questões conceituais, metodológicas e desafios para a pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 2005, p. 3-30.

_____. Ensaio para a construção de uma ciência pedagógica brasileira: o Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937). **Revista brasileira de estudos pedagógicos**. v. 77, n. 185. Brasília: [s.n.], jan./abr. 1996, p. 239-258.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Imaginação e criação na infância**. Ensaio psicológico: livro para professores. Tradução de Zoia Prestes. Comentários de Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009, 135p.

ZARICKY, Tomaz. Cartographic communication in the perspective of the Linguistic pragmatics. In: **Scientific and Technical Program Comittee LOC for ICC 2001 – Beijing**. Proceedings 5 of the 20th Cartographic Conference. ICC 2001.

Beijing: Chinese Society of Geodesy Photogrammetry and Cartography, 2001, p. 3099-3108.

_____. On the pragmatic approach to map analysis. Remarks on the basis of MacEachen's approach to map semiotics. In: WOLODTSCHENKO, Alexander (ed.). **The selected problems of theoretical cartography 2000**. Proceedings of a seminar of the Comission of Theoretical Cartography. Dresden: International Cartographic Association, 2001, p. 64-70.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Relação de títulos verificados na pesquisa “Estado da Arte em Geografia e Literatura”

**BANCO DE DADOS USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)
– PORTAL DE TESES E DISSERTAÇÕES DA USP**
(<http://www.teses.usp.br/>)

Identidade nacional e literatura: 16 (dissertações: 11; teses: 05)

- CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique**: identidades, colonialismo e libertação. 2007. Tese (doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-05122007-151059/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- CAMPOI, Juliana Flávia de Assis Lorenção. **A literatura brasileira em Nheengatu**: uma construção de narrativas no século XIX. 2015. Dissertação (mestrado em Literatura brasileira). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-06112015-154228/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- CARMO, Igor Fernando Xanthopulo. **Dimensões do herói moçambicano em As andorinhas de Paulina Chiziane**. 2014. Dissertação (mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-29072015-143237/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

- **CASTILHO, Mariana Moreno. O indígena no olhar de José Veríssimo.** 2012. Tese (doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17012013-142816/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- **CONCEIÇÃO, Angela Cristina Antunes. Caminhos e trilhas do comunitarismo cultural em José Luandino Vieira (Nosso Musseque) e José Ubaldo Ribeiro (Viva o povo brasileiro): uma identidade em (trans)formação.** 2011. Tese (doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-01022013-102238/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- **DRUMOND, Adriano Lima. Um poeta português também do Brasil: Joaquim Nabuco leitor de Camões.** 2012. Tese (doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-11042013-125253/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- **FERNANDES, José Ricardo Oriá. O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de História (1934-1961).** 2009. Tese (doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-23092009-143054/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- **MIRANDA, Lorena Leite. Identidade nacional russa na literatura de viagem de Dostoiévski e Herzen.** 2014. Dissertação (mestrado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2014. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-14012015-182648/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- **NUNES, Gabriel Pinto. O Bushihdô na visão de Nitobe: a construção de uma identidade nacional a partir de um sistema ético.** 2012. Dissertação (mestrado em Língua, Literatura e Cultura

Japonesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8157/tde-29102012-110858/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• OLIVEIRA FILHO, José Antônio Pires de. **Do sonho à desconstrução: a nação em Mayombe e Predadores**, de Pepetela. 2012. Dissertação (mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-29102012-101702/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• PAIANI, Flavia Renata Machado. **A escrita da história de Moçambique no romance Terra Sonâmbula, de Mia Couto**. 2013. Dissertação (mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-26032013-130057/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• PAIM, Leandro Burgallo. **A nação como possibilidade: imprensa e manuais didáticos na difusão da identidade nacional no Brasil oitocentista**. 2011. Dissertação (mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-18052012-103625/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• SÁ, Daniel Serravalle de. **Gótico tropical: o sublime e o demoníaco em O Guarani**. 2006. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-28112006-173416/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• SANTOS, Emanuelle Rodrigues dos. **Estórias da subjetividade pós-moderna: configurações identitárias na prosa de ficção de João Melo**. 2010. Dissertação (mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.

Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-29092010-145742/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

•SILVA, Andréa Zeppini Menezes da. "**Sentimento íntimo**" e "**sensibilidade universal**": identidade nacional em Machado de Assis e Dostoiévski. 2011. Dissertação (mestrado em Literatura e Cultura Russa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8155/tde-10112011-124251/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

•TAVARES, Fabiana Valéria da Silva. **Reafirmando uma nação**: a figuração da identidade nacional norte-americana nas obras de Laura Ingalls Wilder. 2007. Dissertação (mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-08112007-151519/pt-br.php>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Identidade nacional e literatura infantil: 0

Geografia e literatura: 02 (dissertações: 02)

•RENTE, Renata Santos. **Região geográfica e o regional na literatura brasileira: a representação do sertão em Guimarães Rosa e os debates sobre a formação do Brasil**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Acesso em: 25 ago. 2016.

•SILVA, Felipe Cabañas da. **Por uma geografia da lírica: representações do espaço na poesia de Carlos Drummond de Andrade (Sentimento do mundo, A rosa do povo e Menino antigo)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Acesso em: 25 ago. 2016.

Geografia e literatura infantil: 0

BANCO DE DADOS UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS) – BASE ACERVUS (<http://acervus.unicamp.br/>)

Identidade nacional e literatura: 16 (dissertações: 07; teses: 09)

- BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré. **Vândalos na folia**: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20. 2001. 147f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000218887>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- BELLUCCO, Hugo Alexandre de Lemos. **Radiografias brasileiras**: experiência e identidade nacional nas crônicas de João Antônio. 2006. 138f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000385223>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- BRICHTA, Laila. **A bem da nação**: literatura, associativismo e educação no Brasil e em Angola (1930-1961). 2012. 264f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000881958>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- CAMPOS, Gabriela Vieira de. **O literário e o não-literário nos textos e imagens do periódico ilustrado O Novo Mundo (Nova Iorque, 1870-1879)**. 2001. 240f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000290965>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- CARDOSO, Patrícia da Silva. **Inês de Castro ou a morta luminosa**. 2002. 419f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000246417>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos: uma historia social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929.** 2001. 315f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000232425>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- GIL, Fernando Cerisara. **O romance da urbanização.** 1997. 202f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000115278>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- LAZZARI, Alexandre. **Entre a grande e a pequena pátria: literatos, identidade gaúcha e nacionalidade (1860-1910).** 2004. 363f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000324601>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- MANO SANCHES, Rafaela Mendes. **As Minas de Prata e os aspectos da nacionalidade no projeto literário de José de Alencar: a ficcionalização da história e seus diálogos com o presente.** 2015. 267f. Tese (doutorado), Campinas. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000958153>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- MARQUES, Wilton José. **O poema e o paraíso.** 1996. 110f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000108758>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- OLIVEIRA, Ana Maria Dantas Cunha de Miranda. **As imagens da identidade portuguesa entre milênios, em três ficcionistas atuais.** 2008. 415f. Tese (doutorado): Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000439893>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- OLIVEIRA, Mara Jaqueline de. **Entre bondes e carroças: tradição, modernidade e utopia em Oswald de Andrade.** 2000. 138f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000200059>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- OLIVEIRA, Marcela Marrafon de. **Paquequer, São Francisco e Tietê: as imagens dos rios e a construção da nacionalidade.** 2007. 163f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000402965>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- PELLEGRINI, Leônidas. **Álbum da Rapaziada: o humor obsceno de Francisco Moniz Barreto.** 2008. 261f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000438284>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A pátria e a flor: língua, literatura e identidade nacional no Brasil, 1840-1930.** 2002. 314f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000276369>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- SCHNEIDER, Alberto Luiz. **Silvio Romero hermenêutica do Brasil: três raças e miscigenação na formação de uma imagem da brasilidade.** 2005. 257f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000349905>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

Identidade nacional e literatura infantil: 0

Geografia e literatura: 04 (dissertações: 02; teses: 02)

- MARANDOLA, Janaína de Alencar M. e S. **Caminhos de morte e de vida: o rio Severino de João Cabral de Melo Neto.** 2007. 133f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Campus de Rio Claro), Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, SP.

• MORAN, Yvonne Ortiz. **Uma análise dos espaços no romance Pedro Páramo, de Juan Rulfo**. 2014. 145f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.biblioteca.digital.unicamp.br/document/?code=000935932>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• SANCHES NETO, Miguel. **A reinvenção da província: a revista Joaquim e o espaço de estréia de Dalton Trevisan**. 1998. 448f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000130045>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• SILVA, Cristina Maria da. **Rastros da socialidades: conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato**. 2009. 315f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=000444748>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

Geografia e literatura infantil: 0

BANCO DE DADOS UNESP (UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”) – P@RTHENON
(http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br:1701/primo_library/libweb/action/search.do?mode=Advanced&ct=AdvancedSearch&dscnt=0&dstmp=1421941103055&vid=Unesp)

Identidade nacional e literatura: 24 (dissertações: 17; teses: 07)

- ABRÃO, Daniel. **Poesia e pensamento no Catatau, de Paulo Leminski**. 2007. 276f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106327>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- ALVES, Rebeca. **Uma pluralidade singular em O selvagem da ópera (1994) de Rubem Fonseca**. 2012. 161f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94077>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- CORSI, Margarida da Silveira. **Da pena em punho ao olho da câmera: a dialogia na (re)construção da identidade nacional em O Guarani**. 2007. 269f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2007. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103686>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- COSTA, Fabiano da Silva. **Lima Barreto: O Brasil sob a ótica do Dr. Bogóloff**. 2015. 131f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/138478>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- COSTA, Patrícia Anzini. **Marginália tropical: Cacaso, um poeta antropófago**. 2011. 128f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/96271>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- CRESTANI, Jaison Luís. **Machado de Assis colaborador do Jornal das Famílias: da periferia do romantismo para o centro da literatura**

brasileira. 2007. 273f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Assis). 2007. Disponível em: <<http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• FÁVERO, Silvio. **O espelho difuso**: a assimilação da paisagem na poesia e na pintura brasileiras. 2015. 165f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). 2015. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/estudos_literarios/3572.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo**: uma análise do pensamento geográfico. 2008. 158f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99185>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• GOMES, Ana Maria Lange. **Processos culturais e literários na configuração das personagens Brás Cubas e Napumoceno**. 2014. 193f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/113806>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• GRACIOLI, Filipe Rafael. **A identidade nacional e a formação do espaço-nação na experiência literária da geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato**. 2013. 116f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/90134>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. **Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)**. 2010. 116f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de História, Direito e Serviço Social. 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93230>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• LIMA, Damaris Pereira Santana. **O intelectual exilado em Augusto Roa Bastos**. 2013. 192f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2013.

Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103642>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• PARRA, Cláudia. **Imaginary irishness: the feminine in dramatisations of the Paster Rising in Sean O'Casey's the plough and the stars and Tom Murphy's The Patriot Game.** 2016. 181f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136336>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• PEREIRA, Aline Storto. **Literatura e debate pós-colonial em A história do bando de Kelly, de Peter Carey.** 2006. 179f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2006. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99112>>. Acesso em: 31 ago. 2106.

• PEREIRA, Milena da Silveira. **A crítica oitocentista nos alicerces da literatura e da história do Brasil.** 2013. 185f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103105>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• PINHEIRO, Layss Helena Teodoro. **João Vêncio: os seus amores: escritura neopicaresca e angolanidade.** 2003. 142f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106356>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• SAMPAIO, Alexandre. **O olhar pós-colonial na construção de uma identidade irlandesa: um estudo da peça Translations, de Brian Friel.** 2008. 248f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/99117>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

• SILVA, Cibele Verrangia Corrêa da. **A narrativa de dois Joões: um diálogo sobre identidades.** 2010. 143f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94027>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

- SILVA, Júlio Cezar Bastoni da. **Era construção, já é ruína?:** nacionalidade, identidade e os impasses da modernização na literatura brasileira. 2014. 316f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara). 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/115825>>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- SILVA, Lidiane Moreira e. **As construções de identidades nacionais:** as óticas poéticas de Agostinho Neto e Fernando Pessoa. 2014. 143f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/110593>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- SILVA, Marcos Antonio Martiliano. **Malandragem e identidade nacional:** o caso Memórias de um Sargento de Milícias. 2000. 200f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2000. Disponível em: <<http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- SILVA, Maurílio Mendes da. **Bosquejos americanos:** a intuição de uma identidade americana na poesia de Gonçalves Dias (1823-1864). 2012. 156f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/94019>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- SILVA, Paulo Ricardo Moura da. **O naturalismo como técnica de representação realista: uma proposta teórico-crítica para BaléRalé, de Marcelino Freire.** 2016. 200f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136125>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- SILVEIRA, Célia Regina da. **A epopéia do caipira:** regionalismo e identidade nacional em Valdomiro Silveira. 1997. 182f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. 1997. Disponível em: <<http://www.parthenon.biblioteca.unesp.br>>. Acesso em: 31 ago. 2016.

Identidade nacional e literatura infantil: 0

Geografia e literatura: 02 (dissertações: 01; teses: 01)

- FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. **A concepção geográfica da paisagem dos gerais no "Grande Sertão: Veredas"**. 1990. 201f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro. 1990. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- KIM, Hyung Mi. **Visões de ruralidades: personagens, paisagens e contextos em obras literárias**. 2013. 181f. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro. 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/104446>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

Geografia e literatura infantil: 0

BANCO DE DADOS UFRJ (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO) – MINERVA (<http://minerva.ufrj.br/F?RN=540756799>)

Identidade nacional e literatura: 31 (dissertações: 19; teses: 12)

- ABRANTES, Carla Susana Alem. **Narrando Angola**: A trajetória de Mário António e a invenção da “literatura angolana”. 2007. 143f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 2007. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/8HH42XHSFT2L2J1H4AIMQ7U13QALE8LPLS1EYGFVJB8GPJ39NX-21391?func=full-set-set&set_number=004305&set_entry=000030&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- AMIM, Mônica. **Mabinogion**: o maravilhoso e o utópico na construção da identidade galesa. 2006. 231f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 2006. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJMP-08651?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000015&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- ARAÚJO, Joana Luiza Muylaert de. **Sílvio Romero**: Literatura e nacionalismo. 1993. 256f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 1993. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJMP-08660?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000017&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- AUGEL, Moema Parente. **O desafio do escomburo**: a literatura guineense e a narração da nação. 2005. 515f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas. 2005. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJMP-08656?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000016&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- BARATA, Ricardo Barbosa. **A literatura como construção da identidade brasileira na modernidade**. 1999. 123f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. 1999. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJJMP-01655?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000007&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- BATISTA, Cícero César Sotero. **Meu bloco sou eu e o povaréu**: estudo sobre textos de carnaval. 2005. 86f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 2005. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/8HH42XHSFT2L2J1H4AIMQ7U13QALE8LPLS1EYGFVJB8GPJ39NX-21380?func=full-set-set&set_number=004305&set_entry=000027&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- COSTA, Luiz Otávio Rodrigues da. **Na trilha do romance**: uma leitura da obra literária de Aluísio de Azevedo. 1996. 226f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. 1996. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-03826?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000035&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- DÍAZ MERINO, Ximena Antonia. **Pablo Neruda e o olhar poético sobre as cidades chilenas**: Temuco, Santiago e Valparaíso. 2008. 252f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Neolatinas. 2008. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJJMP-08643?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000013&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- GÓES, Clara. **O país do silêncio**: um estudo sobre a literatura de José Lins do Rego e os anos 30 no Brasil (Menino de Engenho, Banguê e Usina). 1986. 200f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

1986. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-03841?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000040&format=999>.

Acesso em: 26 ago. 2016.

- GONÇALVES, Angela. **Húmus**: um sinal entre as luzes do crepúsculo. 2002. 129f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas. 2002. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-13215?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000043&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

- GONÇALVES, Maurício Pucú. **A melancolia da partida**: Machado de Assis e V. S. Naipaul. 2011. 163f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 2011. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/6E85F1FXPB6AFLVMM2E46N895TC9KGDIMP8Y5VM2PBY4RAKMH4-12660?func=full-set-set&set_number=029867&set_entry=000008&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- LANZEIRO, Beatriz de Jesus Santos. **Portugal, o cais à procura da costa**: articulações entre ficção, história, memória e identidade. 2001. 274f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas. 2001. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJMP-01658?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000008&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- MALTA, Márcio José Melo. **Jeca na Careta, charges e identidade nacional**. 2007. 108f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais. 2007. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJMP-08668?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000019&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

- MARINI FILHO, Humberto. **O estranho caso de Monteiro Lobato com a identidade nacional**: interpretação da obra adulta. 2000. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. 2000. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJJMP-01666?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000010&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- MATOS, Lícia Rebelo de Oliveira. **A cidade de Ulisses**: resquícios da Odisseia em Lisboa. 2013. 150f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de Letras Vernáculas. 2013. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/QM3YSBH9G7S6RIJ8KRBG8I8HS9UH496ULA22F23I4M85H96ESI-08761?func=full-set-set&set_number=029703&set_entry=000002&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.
- MORGADO, Elizabete Quireza Campos. **Unitários versus federais - e os outros?**: alteridade e poder em Amália. 2009. 103f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Neolatinas. 2009. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-19589?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000055&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- PEREIRA, Marcus Vinicius Teixeira Quiroga. **Como era gostoso o meu javanês**: estudo da linguagem do jeitinho na obra de Lima Barreto. 1993. 201f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas. 1993. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-13219?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000044&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- PITA, Luiz Fernando Dias. **Visões da identidade romana em Cícero e Sêneca**. 2010. 227f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Clássicas. 2010. Disponível em: <<http://minerva.ufrj.br/F/>

CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-19585?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000054&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

• PORTELA, Irene Cristina de M. Heitor de Medeiros. **Dos brasileiros, da civilização e da África: um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX.** 1992. 323f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. 1992. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJMP-01634?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000001&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• RAMOS, Luciane de Oliveira. **Metamorfoses do herói na construção da identidade brasileira.** 2004. 114f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 2004. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/8HH42XHSFT2L2J1H4AIMQ7U13QALE8LPLS1EYGFVJB8GPJ39NX-21358?func=full-set-set&set_number=004305&set_entry=000021&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

• RIBEIRO, Wanessa Cristina. **A representação da identidade cubana em poemas de Nicolás Guillén.** 2010. 118f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Neolatinas. 2010. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJMP-01647?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000005&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• ROCHA, Erica Colares. **Joaquim Gomes de Souza: a construção de uma identidade nacional através do panorama da cultura científica.** 2013. 121f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia. 2013. Disponível em: <<http://minerva.ufrj.br/F/QM3YSBH9G7S6RIJ8KRBG8I8HS9UH496ULA2>

2F23I4M85H96ESI-08765?func=full-set-set&set_number=029703&set_entry=000003&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• SALVADOR, Pedro Jorge. **O jogo mágico do Brasil no Maracanã**. 1995. 216f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 1995. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-19578?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000052&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

• SANT'ANNA, Vera Lúcia de Albuquerque. **Jogo de resistência e identidade nacional**: germes do canto libertário (o teatro no Paraguai). 1987. 175f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Neolatinas. 1987. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/N9F865TPYEDVHLTNXL9B6626GMTV2T7ICLGVC487IYEUKNJJMP-08664?func=full-set-set&set_number=031202&set_entry=000018&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• SANTA, Marcos Roma. **Na mão da história**: considerações, em dois tempos, sobre a idéia de nacionalidade na literatura brasileira. 1996. 166f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 1996. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-03811?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000031&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

• SANTUCCI, Jane. **Babélica urbe**: o Rio das crônicas dos anos 20. 2012. 300f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional. 2012. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/QM3YSBH9G7S6RIJ8KRBG8I8HS9UH496ULA22F23I4M85H96ESI-08777?func=full-set-set&set_number=029703&set_entry=000006&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• SILVA JÚNIOR, Antônio Ferreira da. **O canto doloroso de José Emilio Pacheco**: da imagem inicial de Tenochtitlán ao caos da vida

moderna. 2006. 195f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Neolatinas. 2006. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-13211?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000042&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

• SILVA, Alessandra Garrido Sotero da. **A literatura infanto-juvenil engajada de Georgina Martins**: a busca de novos valores diante da indiferença pós-moderna à exclusão social brasileira. 2008. 192f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 2008. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/CUYX45VLJFK9T57QSVGRSBPGBAQF2E6DPU6ITPE17CIK7N2J7T-19597?func=full-set-set&set_number=004595&set_entry=000057&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

• SILVA, Karin Hallana Santos. **Estratégias de subversão**: a (des)identidade em Viva o povo brasileiro. 2012. 101f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 2012. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/6E85F1FXPB6AFLVMM2E46N895TC9KGDIMP8Y5VM2PBY4RAKMH4-12657?func=full-set-set&set_number=029867&set_entry=000007&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• SOUZA, Mônica Farias de. **Imagens do Jeca Tatu e do gaúcho platino na produção literária de Monteiro Lobato, Domingo Faustino Sarmiento e Ricardo Güiraldes**: um processo de construção de identidades brasileira e argentina. 2013, 176f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Ciência da Literatura. 2013. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/QM3YSBH9G7S6RIJ8KRBG8I8HS9UH496ULA22F23I4M85H96ESI-08774?func=full-set-set&set_number=029703&set_entry=000005&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

• TIMBÓ, Eduardo. **Caráter da desconstrução ou desconstrução do caráter?**: uma releitura de Macunaíma. 2011. 98f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de

Letras, Departamento de Letras Vernáculas. 2011. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/6E85F1FXPB6AFLVMM2E46N895TC9KGDIMP8Y5VM2PBY4RAKMH4-12666?func=full-set-set&set_number=029867&set_entry=000010&format=999>. Acesso em: 25 ago. 2016.

Identidade nacional e literatura infantil: 0

Geografia e literatura: 3 (dissertações: 03; teses: 0)

- ALMEIDA, Cíntia Machado de Campos. **Na ponta da pena**: Moçambique em letras e cores. 2006. 155f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas. 2006. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/R5Y5KXFJXTQVB1D6GVTT8SEDTA47K5JLNFIDN UB2AC85N67INQ8-37548?func=full-set-set&set_number=004952&set_entry=000004&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- BARCELLOS, Frederico Roza. **Espaço e lugar**: o olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX. 2008. 77f. Dissertação (mestrado em Geografia). 2008. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/R5Y5KXFJXTQVB1D6GVT T8SEDTA47K5JLNFIDNUB2AC85N67INQ8-37536?func=full-set-set&set_number=004952&set_entry=000001&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.
- VILANOVA NETA, Maria Amélia. **Geografia e literatura**: decifrando a paisagem dos mocambos do Recife. 2005. 116f. Dissertação (mestrado em Geografia). 2005. Disponível em: <http://minerva.ufrj.br/F/R5Y5KXFJXTQVB1D6GVTT8SEDTA47K5JLNFID NUB2AC85N67INQ8-37540?func=full-set-set&set_number=0049 52&set_entry=000002&format=999>. Acesso em: 26 ago. 2016.

Geografia e literatura infantil: 0

BANCO DE DADOS UFF (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE) – PERGAMUM-UFF (http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online)

Identidade nacional e literatura: 03 (dissertações: 03; teses: 0)

- CALIXTO, Carolina Fernandes. **Jorge Amado e a identidade nacional:** diálogos político-culturais. Niterói. 2011. 170f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. 2011. Disponível em: <http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- FERREIRA, Godofredo Fabri. **O papel do maravilhoso na construção da identidade nacional portuguesa:** análise do mito afonsino (séculos XIII-XV). 1997. 183f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. 1997. Disponível em: <http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- FERREIRA, Leonardo da Costa. **Memória, política e folclore na obra de Amadeu Amaral entre 1916 e 1928.** 2007. 184f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online>. Acesso em: 29 ago. 2016.

Identidade nacional e literatura infantil: 0

Geografia e literatura: 03 (dissertações: 01; teses: 02)

- SILVA, Adriana Carvalho. **O espaço carioca no olhar de Lima Barreto:** (um estudo da interação literatura-geografia). Niterói. 2005. 119f. Dissertação (mestrado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense. 2005. Disponível em: <http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- SILVA, Adriana Carvalho. **O Rio de Janeiro em Dom Casmurro:** literatura como representação do espaço. Niterói. 2012. 167f. Tese (doutorado) – Universidade Federal Fluminense. 2012. Disponível

em: <http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• VICTORINO, Shirlei Campos. **Paulina Chiziane e Gioconda Belli**: vozes confluentes na geografia de uma guerra. 2010. 210f. Tese (doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras. 2010. Disponível em: <http://www.bibliotecas.uff.br/catalogo_online>. Acesso em: 29 ago. 2016.

Geografia e literatura infantil: 0

**BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES CAPES
(COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE
NÍVEL SUPERIOR) – (<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>)**

Identidade nacional e literatura: 13, dos quais dois (*) já constando em outro programa de pós-graduação (UNESP e UNICAMP). (dissertações: 10; teses: 03)

- AFONSO, Rosemary Gonçalo. **O que não pode ser pequena é a alma**: o homem suspenso numa peregrinação de (re)conhecimento da identidade portuguesa. 2006. 99f. Dissertação (mestrado em Letras - Letras Vernáculas). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2006. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- CAMPOI, Juliana Flávia de Assis Lorenção. **A literatura brasileira em Nheengatu**: uma construção de narrativas no século XIX. 2015. Dissertação (mestrado em Literatura brasileira). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- CASTRO, Léo Mackellene Gonçalves de. **Identidades imaginadas ou Agualusa vs. Agostinho Neto**: a falência do projeto original de identidade nacional angolana. 2011. 182f. Dissertação (mestrado em Literatura). Universidade de Brasília, Brasília. 2011. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- FIGUEIREDO, Mariana Luisa de. **Smithy of my [irish] soul**: a forja da identidade nacional em “The dead” de James Joyce e na adaptação fílmica feita por John Huston. 2015. 114f. Dissertação (mestrado em Letras: estudos da linguagem). Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto. 2015. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.
- *GRACIOLI, Filipe Rafael. **A identidade nacional e a formação do espaço-nação na experiência literária da Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato**. 2013. 116f. Dissertação (mestrado em

Educação). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Rio Claro. 2013. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• HENRIQUES, Ana Lúcia de Souza. **A representação do nacional em "The heart of Midlothian", de Walter Scott, e "Iracema", de José de Alencar.** 1998. 236f. Tese (doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense. Niterói. 1998. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• LEMOS, Wagner Gonzaga. **No ocaso do Império, um projeto de nação:** Sílvia Romero e a História da Literatura Brasileira. 2012. 137f. Dissertação (mestrado em Letras). Fundação Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão. 2012. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• NETO, João Evangelista do Nascimento. **Rapsódia no sertão:** do códex à tela, a trajetória da trupe do Auto da Compadecida. 2006. 207f. Dissertação (mestrado em Literatura e Diversidade Cultural). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana. 2006. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• PEDRUZZI, Vanderson. **O sertão vai virar gente:** sertão e identidade nacional em Afonso Arinos. 2009. 155f. Dissertação (mestrado em História). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2009. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• PEREIRA, Claudiany da Costa. **A formação da consciência nacional:** Iracema e Breviário das Terras do Brasil. 2000. 155f. Dissertação (mestrado em Linguística e Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande Do Sul. Porto Alegre. 2000. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• RAMOS, Marilúcia Mendes. **Entre dois contares:** o espaço da tradição na escrita de Uanhenga Xitu. 1996. 325f. Tese (doutorado em Letras – Estudos comparados de literatura de língua portuguesa). Universidade de São Paulo. São Paulo. 1996.

Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• *RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. **A pátria e a flor:** língua, literatura e identidade nacional no Brasil, 1840-1930. 2002. 314p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas. 2002. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

• ROSA, Maria Eneida Matos da. **Mário de Andrade e Antônio de Alcântara Machado:** a contemplação da São Paulo do início do século XX. 2003. 113f. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria. 2003. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

Identidade nacional e literatura infantil: 0

Geografia e literatura: 21 trabalhos, dos quais sete (*) já relatados em outras bases de dados. (dissertações: 19; teses: 02)

• ARAÚJO, Heloísa de. **Geografia e literatura:** um elo entre o presente e o passado. 2007. 153f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências. 2007. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• ARAÚJO, Karita de Fátima. **Os inconfidentes nas Minas Gerais:** uma relação entre a geografia e a literatura setecentista de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto. 2014. 190f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia. 2014. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• *BARCELLOS, Frederico Roza. **Espaço e lugar:** o olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. 2006. 81f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2006.

Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• BRAGA, Helaine da Costa. **Construção e resignificação da identidade cultural sertaneja em Goiás**: um estudo pelos elos entre geografia e literatura. 2009. 135f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2009. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• FARIAS, Francisca Diana Pereira de. **O complexo geográfico em Os sertões de Euclides da Cunha**. 2010. 102f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 2010. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• FERNANDES, Marcos Aurélio. **A relação cidade-campo no romance Moleque Ricardo de José Lins do Rego**. 2012. 130f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 2012. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• *FERREIRA, Solange Terezinha de Lima. **A concepção geográfica da paisagem dos gerais no "Grande Sertão: Veredas"**. 1990. 201f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho". Rio Claro. 1990. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• LIMA, Angelita Pereira de. **Romancidade**: sujeito e existência em leituras geográfico-literárias nos romances A Centopeia de Neon e Os Cordeiros do Abismo. 2013. 235f. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2013. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• LINS, Juarez Nogueira. **Geografia e literatura**: uma leitura interdisciplinar do Recife através da poesia de Manuel Bandeira, Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto. 2003. 108f. Dissertação (mestrado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2003. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

- MARQUES, Marcos Aurélio. **Literatura e geografia: a poética do lugar em Thiago de Mello.** 2010. 103f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho. 2010. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- MIRANDA, Thalita Xavier Garrido. **O poeta, a cidade e o desassossego: percepção espacial e paisagem na prosa poética de Fernando Pessoa.** 2015. 112f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2015. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- *VILANOVA NETA, Maria Amélia. **Geografia e literatura: decifrando a paisagem dos mocambos do Recife.** 2005. 116f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- PINHEIRO, Robinson Santos. **Geografia e literatura: diálogo em torno da construção da identidade territorial sul-mato-grossense.** 2010. 128f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados. 2010. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- *RENTE, Renata Santos. **Região geográfica e o regional na literatura brasileira: a representação do sertão em Guimarães Rosa e os debates sobre a formação do Brasil.** 2013. 208f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- *SILVA, Adriana Carvalho. **O espaço carioca no olhar de Lima Barreto (um estudo da interação Literatura-Geografia).** 2005. 166f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2005. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- *SILVA, Adriana Carvalho. **O Rio de Janeiro em Dom Casmurro. Literatura como representação do espaço.** 2012. 183f. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal Fluminense.

Niterói. 2012. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• *SILVA, Felipe Cabañas da. **Por uma geografia da lírica:** representações do espaço na poesia de Carlos Drummond de Andrade (Sentimento do mundo, A rosa do povo e Menino antigo). 2015. 205f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• SOUSA, Andréia Aparecida Moreira de. **Geografia e literatura:** a representação de Goiânia em fragmentos de Viver é devagar de Brasigóis Felício. 2008. 120f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2008. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• SOUZA, Gabriel Elias Rodrigues de. **A cidade entre a poesia e o poeta:** geografia e literatura em “Goiânia: sonho e argamassa” de Jesus Barros Boquady (1959). 2015. 162f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2015. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• TEIXEIRA, Paulo Octavio Nunes Dias. **Ricardo Reis, Flâneur e Detetive:** a representação de Lisboa em José Saramago. 2013. 135f. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Geociências. Salvador. 2013. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

• VIEGAS, Juliana Sales. **Memória e representação da cidade em Oliver Twist, de Charles Dickens.** 2013. 94f. Dissertação (mestrado em Geografia). Fundação Universidade Estadual do Piauí FUESPI. Teresina. 2013. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

Geografia e literatura infantil: 0

* Trabalhos já referidos nas respectivas bases de dados das universidades de defesa.

A proximidade temática entre duas destacadas produções textuais infantis, o *Le tour de la France par deux enfants: devoir et patrie* (1877), de G. Bruno e a *Geografia de Dona Benta* (1935), criação de Monteiro Lobato, permite associá-las literária e geograficamente, tendo em vista que em ambas estão presentes textos, imagens e escrituras com intenções semelhantes. As duas reforçam um desejo de apresentar a nação ao leitor; nas duas, há o cuidado em instrumentalizar a criança leitora para o trato com a pátria e com a ideia de nação.

Diante do caráter de didatismo na confecção dessas produções, apresentamos uma experiência de leitura que tece um diálogo entre os dois textos, a partir do entendimento de que a relação entre a Geografia e a Literatura expõe a possibilidade de trocas epistemológicas, que são ampliadas como perspectivas interpretativas do movimento do mundo.

Filipe Rafael Gracioli
João Pedro Pezzato

